

Artigos de Arthur Bernardes de Oliveira

Originalmente publicados no site: <http://oconsolador.com.br>

Índice

História do Espiritismo	3
Amor além da morte	6
Casamento e separação	7
Um pouco da história do Espiritismo	8
Erraticidade	10
Comunicação de encarnado	12
A alma após a morte	13
Escolha das provas	15
Finados	17
Nós e os Centros Espíritas	19
Prelúdio da volta	20
Buscai a paz enquanto estais no caminho	23
Intervenção espiritual	24
Cirurgia espiritual inesperada	24
Enxaqueca para ninguém botar defeito	25
Espíritos operam varizes	27
Fatalidade	28
Flagelos destruidores	30
Finalidade da encarnação	32
O passe e o passista	34
Obsessão de difícil reversão	37
O Centro Espírita e a assistência social	38
"Estou mais vivo do que nunca!"	39
Sessões da minha juventude	40
Estou mais leve que você	41
Encontro com a fé	42
Causas das aflições	43
A propósito da fé	46
Acolhimento	47
Ação e religião solidária	48
Adoração	49

A Fundação Espírita Abel Gomes	50
O mau humor	51
A mensagem de João	53
O computador, o cérebro e o homem	55
Cura espiritual.....	56
Conselho aos iniciantes.....	57
Lágrima, suave remédio.....	58
O Consolador prometido	59
A caridade desinteressada nas advertências do Cristo.....	61
Há demônios?	63
Livros demais!	64
As finanças de cada um.....	65
Que é, afinal, esse tal Espiritismo?	67
Morte e prorrogação de vida física.....	69
Mediunidade natural... íssima	70
Chamamento ao trabalho	71
"Somos os jovens cristãos..."	72
Companhia que aborrece.....	73
Um caso raro de mediunidade natural	74
Perda material e saúde	75
Limitação de filhos	76
Subjugação após a morte.....	77
José Stipp, espírita	78
Américo, um bom médium de Umbanda	79
Longa caminhada	81
Leis de amor	82
Algumas ideias	85

História do Espiritismo

O fenômeno espírita é universal e a doutrina que dele se levanta também o é, porque pode ser confirmada a qualquer hora

Allan Kardec em seu livrinho “O que é o Espiritismo”, definindo a ciência nova a que tinha dedicado seus últimos anos, escreveu:

“O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”.

Isso, em 1859, dois anos depois da edição de O Livro dos Espíritos.

Em 1893, trinta e quatro anos depois, Gabriel Delanne, em “O Fenômeno espírita”, também define o Espiritismo apenas como ciência.

Vejamos o que ele disse:

“O Espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade por meio de comunicações com aqueles aos quais impropriamente se tem chamado mortos”.

Veja bem: a finalidade do fenômeno, segundo Delanne, era apenas demonstrar a existência da alma e de sua imortalidade. Só isso. Nada mais.

Por que, em ambas as definições, não se dá qualquer destaque à filosofia e à religião? (Mais tarde, Kardec vai melhorar o conceito, ampliando o campo de abrangência da doutrina, dizendo que o “Espiritismo é uma ciência e uma filosofia com consequências morais”.)

Porque ninguém, naquelas alturas, nem mesmo Kardec, poderia imaginar que por trás dos fenômenos estava surgindo uma ciência nova, uma filosofia plena e uma nova maneira de ver a vida.

No aprofundamento das indagações é que surgiria um edifício novo, uma mensagem nova que abrigaria, com muita clareza, a filosofia, a religião, e todos os ramos do conhecimento humano.

Religião é, antes de tudo, uma maneira de ver as coisas

Harold Krushner, em seu interessante livro “Quem precisa de Deus”, assegurava com toda a sua experiência de rabino que “a religião não é apenas um conjunto de crenças ou de uma série de rituais. Religião é, antes de tudo, uma maneira de ver as coisas. Ela não pode mudar os fatos do mundo em que vivemos, mas pode transformar nossa visão desses fatos e reconhecimentos, o que, por si só, faz muita diferença. Religião é reunir as pessoas de modo que possam partilhar momentos importantes de suas vidas”.

O sociólogo e antropólogo francês, Émile Durkheim (1858-1917), após viajar para as ilhas dos mares do sul a fim de estudar a religião em sua forma mais primitiva, afirma que uma das coisas mais importantes que ele aprendeu foi que um dos propósitos essenciais da religião não era colocar os indivíduos em contato com Deus, mas sim o de colocá-los uns em contato com os outros. Existem acontecimentos na vida de cada um de nós que não desejamos vivenciar sozinhos, coisas alegres, como o nascimento ou o casamento de um filho, e coisas tristes, como a morte de um ente querido ou uma guerra e desastres naturais.

O Espiritismo resgata esse conceito original de religião ao transformar seus adeptos em uma grande família, compartilhando conhecimentos, descobertas, emoções. E, extraindo das informações dos que já haviam atravessado as fronteiras da morte, tornou visível a filosofia plena que, de fato, responde às grandes indagações do ser humano:

De onde viemos?

Por que sofremos?

Qual a finalidade da existência?

Para onde vamos?

Como entender o problema do mal e do bem?

A que leis estamos sujeitos na nossa marcha evolutiva?

Os fenômenos mediúnicos existiram desde todos os tempos

Ademais, ao encarar de maneira racional o problema da fé e os exercícios da meditação e da prece, estabeleceu regras de convivência fraterna entre esse mundo e o outro, entre os que labutam nas dificuldades da esfera física e os que delas já se libertaram pelo fenômeno da morte.

Como ciência, continua pesquisando os segredos da comunicação entre vivos e mortos; como filosofia, clareia a nossa caminhada para evitarmos sobressaltos e quedas e, como religião, nos torna irmãos com os mesmos sonhos e as mesmas aspirações.

Mas tudo começou, modernamente, em 1848, num vilarejo dos Estados Unidos, pequena comunidade vinculada à cidade de Rochester, no Estado de Nova York, na América do Norte.

Modernamente, dissemos, porque os fenômenos mediúnicos existiram desde todos os tempos. Até onde a história pôde registrar, não há um povo, uma pátria, uma comunidade onde o fenômeno não tenha ocorrido sempre e com grande abundância. Mas o que viria a desencadear todo o processo de elaboração da doutrina é, realmente, moderno. É quase dos nossos dias.

De repente, na casa do Sr. John Fox, um presbiteriano assumido e extremamente religioso, as paredes começam a fazer ruído. Eram pancadas secas, que na língua inglesa se diziam “raps”. Corria a ano de 1848 e o mês era março. Seriam brincadeiras de crianças ou perturbações dos vizinhos? Estaria estalando a madeira de que se constituíam algumas paredes? Que diabo era aquilo? Batidas insistentes que não deixavam a família dormir. Vinham curiosos e as batidas continuavam.

“Não sou demônio, não”, disse o autor das pancadas

Chamada a polícia, nada se descobriu. Como bons evangélicos, pensaram logo no demônio. Isso é coisa do demônio, diziam todos. Até que um dia, uma das meninas resolveu conversar com o *demônio*. Disse uma delas: – Seu pé rachado (pé de bode, porque essa era uma das características do demônio, dadas por aqueles que o conheciam bem). – Seu pé rachado – dizia ela –, faz o que eu faço. Deu três palmadinhas com as duas mãos unidas. E o *demônio* imitou-a. Bateu outras tantas vezes. E a parede repetia. Perguntou-se à parede: “Qual a idade da Kate?” E a parede deu o número de batidas igual ao número de anos da menina. Havia uma inteligência por trás daquelas pancadas. Aí o Sr. Isaac Post, amigo dos Fox, resolveu inventar uma forma de conversar com a parede. Ele declamaria as letras do alfabeto em voz alta e assim que surgisse a letra que

interessava, a parede dava uma pancada. Dessa forma foram se construindo palavras, frases e a história toda. A inteligência dizia: “Não sou demônio, não. Sou um ser como todos vocês. Já estive aí”. E contou sua saga. O autor das pancadas era um caixeiro viajante, Carlos Rosma, que tinha sido assassinado ali, naquela casa, quando lá se hospedara com as quinquilharias que procurava vender. Os donos da estalagem, à noite, de olho no dinheiro do caixeiro e nas coisas que ele estava a vender, o assassinaram e enterraram o corpo, primeiramente na adega. Mais tarde, devido ao risco de se descobrir onde o corpo estava enterrado, retiraram-no e o emparedaram entre duas paredes geminadas que só mais tarde, cinquenta anos depois, desmornadas, deixariam expostos os ossos do indigitado vendedor.

Estava descoberta a maneira de se entenderem os chamados mortos com os chamados vivos. Depois se aperfeiçoou o processo. Até que se chega às mesas girantes que tomaram conta da Europa.

As mesas girantes: uma das grandes diversões da Europa

Com as mesas o processo era o mesmo. Reunidas as pessoas em torno da mesa e havendo entidades espirituais que quisessem entrar na conversa, o papo começava. Perguntada alguma coisa, a mesa batia a resposta. Madame Girardin inventou uma mesinha mais leve e de três pés e chamou-a de mesa para conversar com os Espíritos. Foi uma das grandes diversões da Europa no século dezenove. Homens importantes se davam a esse mister. Victor Hugo foi um deles, e mais tarde veio a seguir o pensamento doutrinário de Kardec.

Aí entra o sábio, o crítico, o pesquisador. O homem de ciência: professor Hippolyte Léon Denizard Rivail. Magnetizador, com mais de trinta anos de experiência nessa arte de Mesmer, enxergando mais que os outros, e sem qualquer tipo de preconceito, aprofundou-se no estudo, aperfeiçoou processos, descobriu leis e construiu o grande edifício dessa mensagem de renovação espiritual de tanta importância para o crescimento dos homens e aperfeiçoamento da Humanidade.

Toda a doutrina emergiu desse fenômeno naturalíssimo que se repete em qualquer parte onde haja o intermediário (médium) e alguma entidade que deseje manifestar-se. O fenômeno pode ocorrer casualmente sem qualquer interferência da vontade humana ou por efeito de provocação, chamada de evocação. Sem qualquer privilégio de ninguém. De nenhuma crença. Em toda casa, bastando a existência desses dois elementos: um cidadão que tem dons mediúnicos e seres espirituais que se disponham a aparecer. Por isso o fenômeno é universal e a doutrina que dele se levanta também o é, porque pode ser confirmada, a qualquer hora, a qualquer tempo, e em qualquer lugar.

Amor além da morte

José Eduardo tivera uma complicação no dentista. Problema de anestesia e hipertensão arterial. Coisa difícil de acontecer, em nossos dias. Mas aconteceu. Entrou em coma. Quarenta dias depois, sem conseguir sair do estado de coma, morre, no Rio de Janeiro, onde residia, consternando profundamente todos os membros da família Baesso, de que sou um dos agregados, e dos inúmeros amigos daquela simpática família.

José Eduardo era um jovem extremamente talentoso. Professor de história, eloquente, vibrante, espiritualoso, ficávamos horas, boquiabertos, ouvindo-o falar da Grécia, dos egípcios, dos judeus, de tudo! Não era um simples professor; era um intérprete, um analista profundo da História, que entrava pelos meandros dela e da vida, como quem brinca com as palavras e os fatos!

Não se perde um companheiro desses, sem um enorme sentimento de frustração e de dor. Todos nós, da família Baesso e das circunvizinhanças, nos sentimos muito empobrecidos, quando o amigo se foi.

Tempos depois, estamos orando por ele em nosso grupo de trabalho. Na sessão um punhado de médiuns de primeira linha. (Costumo dizer que, para mim, médium de primeira linha é aquele que é médium vinte e quatro horas por dia. Que está sempre pronto para a tarefa; vive concentrado nela, já traz o ambiente preparado no próprio coração. Não tem tempo ruim pra ele, nem hora. Toda hora é hora. De orar, de vibrar, de servir.)

José Eduardo, Espírito, chegou. Bela comunicação, falando de pessoas que o ajudaram na hora do despertar; da sua surpresa diante da vida nova que se desdobrava aos seus olhos; do bem que representou para o seu despertar espiritual, os quarenta dias em que esteve de coma; de muita coisa mais! Emocionou-se ao recordar a companheira querida, Ana Maria, com quem estivera casado até então, e com quem gostaria de conversar um pouco. Incontinenti, o médium João Lage entra em desdobramento e parte para o Rio de Janeiro, trazendo, poucos segundos depois, também desdobrada, Ana Maria que, incorporada em um dos médiuns da casa, pôde conversar com o companheiro desencarnado.

Foi um dos momentos mais emocionantes que o nosso grupo viveu naquela saudosa jornada de Guarani.

Casamento e separação

Está cada vez mais comum a separação de casais. Dir-se-ia que o sagrado instituto não passa hoje de um passatempo descartável, tão fáceis as separações. Por qualquer motivo e, às vezes, até sem motivo nenhum, lá se vai a união, o ninho se desfaz, e os filhos, quando os há, que se danem, entregues à perplexidade, ao desconsolo, aos psiquiatras.

E o mais grave é que o infeliz hábito está acontecendo até mesmo com casais que se dizem espíritas. Diz-se até que a doutrina espírita estimula o divórcio. Nada mais falso. A doutrina compreende a separação. Lamenta-a, mas não julga aquele que, valendo-se da sua liberdade de decidir, resolve romper o compromisso. A doutrina desaconselha-a, porque sabe que na separação o que ocorre é simples adiamento da oportunidade, muitas vezes com sério agravamento de responsabilidade.

O casamento – sabem os espíritas muito bem – é a ultimação, na Terra, de um compromisso assumido antes de renascermos. Marido, esposa, filhos são companheiros que firmaram um acordo de convivência para juntos se ajudarem e crescerem. E, se possível, até mesmo o compromisso de se amarem, meta maior que os livrará definitivamente de que qualquer vinculação cármica que os prenda um ao outro.

Sabe também o espírita que nós não estamos aqui a passeio. Há uma programação a cumprir. E o companheiro ou companheira e os filhos que a vida nos dá são exatamente aqueles de que precisamos para o nosso aprendizado e crescimento.

A família – e uma família começa quando dois jovens se unem para a vida em comum – é a mais importante sociedade em torno da qual nossa vida gravita. É através dela que vamos defrontar o nosso egoísmo, a nossa impaciência, a nossa intolerância, e tomarmos conhecimento, obrigatoriamente com os grandes valores da humildade, da renúncia e do amor.

A separação não resolve problemas: apenas adia a solução.

Um pouco da história do Espiritismo

Allan Kardec em seu livro “O que é o Espiritismo”, definindo a ciência nova a que tinha dedicado seus últimos anos, escreveu:

“O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”.

Isso, em 1859, dois anos depois da edição de *O Livro dos Espíritos*.

Em 1893, trinta e quatro anos depois, Gabriel Delanne, em *O Fenômeno Espírita*, também define o Espiritismo apenas como ciência.

Vejamos o que ele disse:

“O Espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade por meio de comunicações com aqueles aos quais impropriamente se tem chamado mortos”.

Veja bem: a finalidade do fenômeno, segundo Delanne, era apenas demonstrar a existência da alma e de sua imortalidade. Só isso. Nada mais.

Por que, em ambas as definições, não se dá qualquer destaque à filosofia e à religião? (Mais tarde, Kardec vai melhorar o conceito, ampliando o campo de abrangência da doutrina, dizendo que o “Espiritismo é uma ciência e uma filosofia com consequências morais”.)

Porque ninguém, naquelas alturas, nem mesmo Kardec, poderia imaginar que por trás dos fenômenos estava surgindo uma ciência nova, uma filosofia plena e uma nova maneira de ver a vida.

No aprofundamento das indagações é que surgiria um edifício novo, uma mensagem nova que abrigaria, com muita clareza, a filosofia, a religião, e todos os ramos do conhecimento humano.

Harold Krushner, em seu interessante livro “Quem precisa de Deus”, assegurava com toda a sua experiência de rabino que “a religião não é apenas um conjunto de crenças ou de uma série de rituais. Religião é, antes de tudo, uma maneira de ver as coisas. Ela não pode mudar os fatos do mundo em que vivemos, mas pode transformar nossa visão desses fatos e reconhecimentos, o que, por si só, faz muita diferença. Religião é reunir as pessoas de modo que possam partilhar momentos importantes de suas vidas”.

O sociólogo e antropólogo francês Émile Durkheim (1858-1917), após viajar para as ilhas dos mares do sul a fim de estudar a religião em sua forma mais primitiva, afirma que uma das coisas mais importantes que ele aprendeu foi que um dos propósitos essenciais da religião não era colocar os indivíduos em contato com Deus, mas sim o de colocá-los uns em contato com os outros. Existem acontecimentos na vida de cada um de nós que não desejamos vivenciar sozinhos, coisas alegres, como o nascimento ou o casamento de um filho, e coisas tristes, como a morte de um ente querido ou uma guerra e desastres naturais.

O Espiritismo resgata esse conceito original de religião ao transformar seus adeptos em uma grande família, compartilhando conhecimentos, descobertas, emoções. E, extraído das informações dos que já haviam atravessado as fronteiras da morte, tornou visível a filosofia plena que, de fato, responde às grandes indagações do ser humano:

De onde viemos?

Por que sofremos?

Qual a finalidade da existência?

Para onde vamos?

Como entender o problema do mal e do bem?

A que leis estamos sujeitos na nossa marcha evolutiva?

Ademais, ao encarar de maneira racional o problema da fé e os exercícios da meditação e da prece, estabeleceu regras de convivência fraterna entre esse mundo e o outro, entre os que labutam nas dificuldades da esfera física e os que delas já se libertaram pelo fenômeno da morte.

Como ciência, continua pesquisando os segredos da comunicação entre vivos e mortos; como filosofia, clareia a nossa caminhada para evitarmos sobressaltos e quedas e, como religião, nos torna irmãos com os mesmos sonhos e as mesmas aspirações.

Mas tudo começou, modernamente, em 1848, num vilarejo dos Estados Unidos, pequena comunidade vinculada à cidade de Rochester, no Estado de Nova York, na América do Norte.

Modernamente, dissemos, porque os fenômenos mediúnicos existiram desde todos os tempos. Até onde a história pôde registrar, não há um povo, uma pátria, uma comunidade onde o fenômeno não tenha ocorrido sempre e com grande abundância. Mas o que viria a desencadear todo o processo de elaboração da doutrina é, realmente, moderno. É quase dos nossos dias.

De repente, na casa do Sr. John Fox, um presbiteriano assumido e extremamente religioso, as paredes começam a fazer ruído. Eram pancadas secas, que na língua inglesa se diziam “raps”. Corria o ano de 1848 e o mês era março. Seriam brincadeiras de crianças ou perturbações dos vizinhos? Estaria estalando a madeira de que se constituíam algumas paredes? Que diabo era aquilo? Batidas insistentes que não deixavam a família dormir. Vinham curiosos e as batidas continuavam.

Chamada a polícia, nada se descobriu. Como bons evangélicos, pensaram logo no demônio. Isso é coisa do demônio, diziam todos. Até que um dia, uma das meninas resolveu conversar com o demônio. Disse uma delas: – Seu pé rachado (pé de bode, porque essa era uma das características do demônio, dadas por aqueles que o conheciam bem). – Seu pé rachado – dizia ela –, faz o que eu faço. Deu três palmadinhas com as duas mãos unidas. E o demônio imitou-a. Bateu outras tantas vezes. E a parede repetia. Perguntou-se à parede: “Qual a idade da Kate?” E a parede deu o número de batidas igual ao número de anos da menina. Havia uma inteligência por trás daquelas pancadas. Aí o Sr. Isaac Post, amigo dos Fox, resolveu inventar uma forma de conversar com a parede. Ele declamaria as letras do alfabeto em voz alta e assim que surgisse a letra que interessava, a parede dava uma pancada. Dessa forma foram se construindo palavras, frases e a história toda. A inteligência dizia: “Não sou demônio, não. Sou um ser como todos vocês. Já estive aí”. E contou sua saga. O autor das pancadas era um caixeiro viajante, Carlos Rosma, que tinha sido assassinado ali, naquela casa, quando lá se hospedara com as quinquilharias que procurava vender. Os donos da estalagem, à noite, de olho no dinheiro do caixeiro e nas coisas que ele estava a vender, o assassinaram e enterraram o corpo, primeiramente na adega. Mais tarde, devido ao risco de se descobrir onde o corpo estava enterrado, retiraram-no e o emparedaram entre duas paredes geminadas que só mais tarde, cinquenta anos depois, desmornadas, deixariam expostos os ossos do indigitado vendedor.

Estava descoberta a maneira de se entenderem os chamados mortos com os chamados vivos. Depois se aperfeiçoou o processo. Até que se chega às mesas girantes que tomaram conta da Europa.

Com as mesas o processo era o mesmo. Reunidas as pessoas em torno da mesa e havendo entidades espirituais que quisessem entrar na conversa, o papo começava. Perguntada alguma coisa, a mesa batia a resposta. Madame Girardin inventou uma mesinha mais leve e de três pés e chamou-a de mesa para conversar com os Espíritos. Foi uma das grandes diversões da Europa no século dezenove. Homens importantes se davam a esse mister. Victor Hugo foi um deles, e mais tarde veio a seguir o pensamento doutrinário de Kardec.

Aí entra o sábio, o crítico, o pesquisador. O homem de ciência: professor Hippolyte Léon Denizard Rivail. Magnetizador, com mais de trinta anos de experiência nessa arte de Mesmer, enxergando mais que os outros, e sem qualquer tipo de preconceito, aprofundou-se no estudo, aperfeiçoou processos, descobriu leis e construiu o grande edifício dessa mensagem de renovação espiritual de tanta importância para o crescimento dos homens e aperfeiçoamento da Humanidade.

Toda a doutrina emergiu desse fenômeno naturalíssimo que se repete em qualquer parte onde haja o intermediário (médium) e alguma entidade que deseje manifestar-se. O fenômeno pode ocorrer casualmente sem qualquer interferência da vontade humana ou por efeito de provocação, chamada de evocação. Sem qualquer privilégio de ninguém. De nenhuma crença. Em toda casa, bastando a existência desses dois elementos: um cidadão que tem dons mediúnicos e seres espirituais que se disponham a aparecer. Por isso o fenômeno é universal e a doutrina que dele se levanta também o é, porque pode ser confirmada, a qualquer hora, a qualquer tempo, e em qualquer lugar.

Erraticidade

Erraticidade é o nome que adotamos para indicar o tempo que o Espírito, terminada uma experiência encarnatória, aguarda para reencarnar de novo. Significa período de tempo entre uma existência que terminou e outra que se estará iniciando. Não se refere a lugar, mas a tempo. Alguns metapsiquistas importantes, estudiosos da reencarnação, utilizam o termo intermissão, em vez de erraticidade. O Espírito, durante esse tempo, não está à toa. Ele está vivendo sua vida normal de espírito. Está estudando, preparando-se, aprendendo, convivendo com outros Espíritos enquanto a hora do novo mergulho na carne não chega. Dizemos, portanto que todos os Espíritos sujeitos a novas encarnações – reencarnações, portanto, aguardam-nas na chamada erraticidade. Erraticidade é, portanto, tempo de espera. Seria a “fila da reencarnação”. E é uma senhora fila. Sobretudo hoje, quando os casais se recusam, insistentemente, a dar acolhida aos filhos que querem nascer.

Na França, por exemplo, havia o risco de os franceses desaparecerem do mapa. Mulher francesa ter filhos?! Nem pensar! De repente, o governo de lá viu que devia fazer alguma coisa. E ofereceu incentivo às mães que resolvessem abrir a porta da fecundação. Era necessário que nascessem novos bebês, senão, do povo francês, não restaria nem semente.

Na China, há muito tempo, sofre consequências sérias o casal que tenha mais de um filho. Filhas, lá, tempos atrás, nem por decreto. Hoje estão os chineses com um problema sério: não há mulheres suficientes para atender ao anseio de casamento dos rapazes. Falta mulher. Há mais homens que mulheres.

Na Itália, na Alemanha, nos Estados Unidos, também, não é fácil nascer. Coisa de gente rica. Ou de economista. Ou até de ministro da saúde, às vezes. Nasce muito é onde a pobreza é farta. Rico não quer trabalho, nem problema, nem muita gente por perto! Quer é gozar a vida!

Pois bem: sobre esse tempo de espera já aprendemos algumas coisas. É sobre essas coisas que vamos conversar um pouco hoje:

1 – Reencarna o Espírito, logo depois de se haver separado do corpo, isto é, uma encarnação pode ocorrer imediatamente após o término de outra que a antecedeu? (Há pouco tempo uma novela da Rede Globo de Televisão - Alma Gêmea - apresentou uma cena em que sugeria ter acontecido exatamente isso.)

Imediatamente, não. Há uma impossibilidade natural. No período de nove meses em que o bebê está se formando no seio da mãe, o Espírito que fornece a matriz do corpo que se forma, tem que estar presente, já em condições de participar do processo; livre, portanto, dos resíduos que ainda estaria carregando da experiência anterior. A literatura especializada registra casos que sugerem a ocorrência de períodos muito curtos de intermissão. Não são comuns, mas existem.

2 – De quanto tempo podem ser esses intervalos entre uma encarnação e outra?

Muito variados. Desde poucos meses até milhares de anos. Não há limite extremo estabelecido para esse estado de espera, que pode prolongar-se muitíssimo, mas que nunca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito terá que volver a uma existência apropriada a purificá-lo das máculas de existências precedentes. A duração é uma consequência do livre-arbítrio. Não há pressa. É preciso que haja o convencimento do Espírito para que ele próprio se decida a aceitar reencarnar. Excetuam-se os casos de reencarnação compulsória, também não muito comuns.

Hernani Guimarães Andrade, examinando diversos casos de reencarnação colhidos por pesquisadores de renome internacional, e baseando-se em informações de Emmanuel, registradas no livro Roteiro, psicografado por Francisco Cândido Xavier, deduz, matematicamente, que o tempo médio de intermissão para os casos pesquisados foi de 250 anos, indicando uma média de quatro encarnações por milênio!. Mas sugere que, com o crescimento da população encarnada, esse tempo médio, evidentemente, se tornará menor.

3 – Há alguma conotação entre “estado de erraticidade” e “inferioridade espiritual”?

Não. Nenhuma. Dizemos que são errantes, isto é, estão na erraticidade, todos os Espíritos que têm caminho a percorrer nas lutas da evolução. Somente os Espíritos puros, porque já chegaram lá, estão fora do grupo de Espíritos errantes. Até os Espíritos Superiores que, segundo Kardec, já atingiram a penúltima classe da escala analisada nas questões 100 e seguintes de *O Livro dos Espíritos*, até eles, estão na fila da reencarnação; são, pois, Espíritos errantes, também.

4 – Como se instruem os Espíritos que aguardam nova experiência encarnatória?

Estudando em universidades ou escolas preparatórias que, à disposição deles, existem em profusão nas cidades espirituais a que estão vinculados pela residência ou pela ocupação. Também aprendem observando os lugares e as pessoas aonde vão; ouvem os discursos dos homens doutos e os conselhos dos Espíritos mais elevados, o que lhes permite adquirir conhecimentos que antes não tinham.

5 – Conservam os Espíritos algumas de suas paixões?

A morte não produz milagres. Os Espíritos são tais como eram quando na pele de pessoas encarnadas. Sujeitos a emoções, portadores de vícios e de virtudes. Os mais evoluídos se livram com facilidade dos pequenos que na matéria conduziam. Os inferiores, não: conservam esses vícios que muitas vezes os transformam em verdadeiras pedras de tropeço nos caminhos da invigilância.

6 – O Espírito progride na erraticidade?

Sim. Para isso é que estudam, trabalham e praticam. Mas a comprovação desse progresso só se faz na experiência física.

7 – São felizes ou infelizes os Espíritos errantes?

Depende da consciência de cada um. Há os felizes e há os em dificuldade. Como aqui.

8 – Afinal, como vivem?

Em colônias espirituais construídas por eles próprios. Tais como a colônia Nosso Lar que serviu de tema para o primeiro livro de André Luiz e através do qual aprendemos tantas coisas da vida e da organização das comunidades que acolhem Espíritos errantes já equilibrados ou a caminho de sua recuperação.

Mas André Luiz não é o único repórter do mundo espiritual. Inúmeros outros Espíritos, aqui e no exterior, já nos deram seguros e universais esclarecimentos sobre a vida espiritual; seus sistemas de administração, educação, saúde, segurança, disciplina, remuneração. Lúcia Loureiro fez trabalho sério de pesquisa em diversas obras do gênero, publicadas no Brasil ou no exterior e nos oferece seus resultados no seu importante livro *Colônias Espirituais*, editado por Editora Mnêmio Túlio, de São Paulo.

Comunicação de encarnado

Fôramos convidados a participar de uma reunião na casa de Dona Isaura, em Garça, interior do Estado de São Paulo. José Stipp e eu.

Levei um susto quando nos aproximamos da casa. Mais de cinquenta pessoas aguardando o início dos trabalhos. Gente por todo lado: no passeio, nas escadas, na varanda, na sala, na cozinha!

Entramos. Na sala, uma mesa com cadeiras para oito pessoas. Na cabeceira, a dona da casa que dirigia a reunião. À sua direita, debruçado sobre a mesa, parece que já dormindo, o marido, um homem calmo, tranquilo, de pouca cultura, como pude a apurar depois.

Não estranhei muito o sono do Seu João. Já tivera oportunidade de trabalhar com alguns companheiros dorminhocos e, ao que pude avaliar, o sono deles não prejudicava muito o andamento da sessão.

Dona Isaura vai começar a reunião. Pede o silêncio dos presentes, faz ligeiro comentário sobre um ensinamento de Jesus, dentre os coletados por Kardec, em *OEvangelho segundo o Espiritismo*, e pronuncia a prece de abertura. Mal acaba de orar, uma bela surpresa. Seu João, o marido dorminhoco, desperta, assume uma personalidade brilhante e toma o comando da reunião. Dirige-se, carinhosamente à sua querida Aninha (Dona Isaura), com palavras de muita saudade e ternura, e inicia o seu trabalho: examinar, um a um os presentes, na sua condição de excelente médico oftalmologista.

Terminada a tarefa, examinado o último consulente, volta a sentar-se e começa a falar sobre seus doentes, seus sonhos e suas emoções na clínica em que trabalha em Lisboa.

O papo, às vezes, é longo e só é interrompido em razão de uma emoção mais forte, seja por recordar caso grave vivido durante a semana em Portugal, seja por uma palavra descuidada de algum de nós, referindo-se inadvertidamente ao fenômeno de que ele, comunicante, é a própria causa. Isso o perturba demais, fazendo-o deixar o médium, que volta a dormir debruçado na mesa.

O comunicante é um médico português, encarnado, que, atraído pelo amor daquela que lhe fora esposa querida em existência anterior, vence distâncias para prestar, junto dela, importante ajuda a pessoas necessitadas.

Foi possível ao grupo comprovar a veracidade das informações em visita ao consultório em Lisboa, cujo endereço tinha sido possível colher, naturalmente, no nosso papo costumeiro.

A alma após a morte

No terceiro capítulo, da parte segunda de *O Livro dos Espíritos*, Kardec trata da questão que mais tem preocupado os homens desde sempre: a morte. E o próprio título do capítulo, “da volta do espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual”, já deixa claro o que se deve pensar deste fato comum na vida das pessoas e que, entretanto, incompreensivelmente, é tão mal aceito pela maioria das pessoas.

O que nos cabe, então, é buscar responder a grande questão humana: O que acontece conosco depois do advento da morte?

Para os materialistas, uma única evasiva resposta: simplesmente nada. A vida para eles é um mero aglomerado de células. Desfeita a aglomeração, a vida se acaba e tudo se extingue. Tudo se apaga.

Para os espiritualistas, a resposta ganha outra direção. Extinta a vida do corpo, a alma continua existindo, sujeita a destinos variados, de acordo com a fé de cada um.

Para certos espiritualistas, ela fica em estado de inconsciência plena, sujeitas ao sono profundo, até o momento em que se dá a chamada ao julgamento e os seus resultados: condenação ao sofrimento sem fim, ou premiação, segundo a felicidade eterna. Para outros, a alma retorna à fonte de onde saiu, reintegrando-se a ela com a perda total da individualidade. A alma, nesse caso, seria tal qual uma gota d’água que, caindo sobre o oceano, nele se reintegrasse, perdendo a identidade.

Há ainda outros espiritualistas que entendem que a alma é julgada imediatamente após a morte, recebendo a destinação que a sentença lhe indicar: felicidade ou sofrimento eternos.

Nós, espíritas, temos uma maneira diferente de ver a questão. A morte, para nós, é apenas o ato de despojar-se a alma do corpo grosseiro de que se serviu durante a existência terrena, prosseguindo, em outra dimensão, uma vida mais intensa do que a que conheceu, quando de sua passagem pelo planeta Terra. Assemelha-se a alguém que se livrasse de uma roupa velha para vestir roupa nova. Para nós, a morte não mata a vida. Faz apenas com que voltemos a ter a vida que tínhamos antes de nascer e de que abrimos mão por algum tempo, para uma nova experiência no plano dos homens.

Por que pensamos assim? Porque aqueles que morreram antes de nós, voltaram para nos dizer como as coisas acontecem. O que nós sabemos, colhemos dos inúmeros depoimentos daqueles que passaram por ela e voltaram para nos ensinar. Há milhares de testemunhos, absolutamente confiáveis, que tratam dessa matéria. Tantos são os depoimentos que a aceitação de sua veracidade não está mais implicada a uma simples questão de crença, mas de conhecimento, de leitura, de estudo.

Livros há muitos sobre a matéria, mas dois deles merecem ser citados: “A crise da morte”, de Ernesto Bozzano, pesquisador italiano de fama internacional e “Raymond”, do renomado cientista inglês Sir Oliver Lodge.

O livro de Bozzano analisa depoimentos diversos para pôr em evidência a unanimidade das informações, característica básica, segundo Kardec, para avaliação segura da mensagem recebida.

A obra de Oliver Lodge nasceu do sofrimento do pai que perdera o filho, na guerra de 1914, um piloto, cujo avião explodira no ar atingido pela força inimiga. Entendendo que deviam enterrar o corpo do filho, ele e sua mulher saíram desesperados a procurar, sem sucesso, o corpo do seu indigitado Raymond. Finalmente, advindo do mundo espiritual, o filho reaparece e, valendo-se da mediunidade de várias senhoras inglesas, dá provas incontáveis de sua identidade e estabelece interessantes diálogos com o pai, fazendo surgir mais tarde o referido livro, que é tão importante.

A literatura mediúnica, sobretudo a coleção de André Luiz, é farta em instruções sobre o tema da morte, em absoluta concordância com o que Kardec já havia assinalado nas questões 149 a 165 do livro básico da doutrina espírita. Neste percurso, o leitor encontrará as questões cujas respostas todos gostariam de saber, tais como: Que acontece à alma no momento da morte? Após a morte, a alma conserva a sua individualidade? Como comprova a sua individualidade se não mais tem o corpo que a identificava? Dói quando a alma se separa do corpo? Como se opera essa separação? Instantaneamente, por brusca transição, ou devagar como quase tudo na natureza? Haverá alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a

vida e a morte? No momento da morte, costuma a alma entrever o mundo para onde vai de novo entrar? Que sensação experimenta a alma no momento em que reconhece estar no mundo dos Espíritos? Quem morreu encontra-se imediatamente com os que conheceu na Terra e que morreram antes dele? Nos casos de morte violenta e acidental, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem ao mesmo tempo? A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo? A perturbação é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos? Finalmente, o conhecimento do Espiritismo ajuda?

Escolha das provas

Sabemos que quando mergulhamos na matéria para uma nova experiência encarnatória, esperam de nós duas coisas principais: 1) aumento de nossa capacidade de resolver problemas, com o crescimento da nossa inteligência e 2) eliminação ou redução de nossas imperfeições morais. Desse modo, esperam, tal como nós, que, ao findar de cada nova existência na Terra, tenhamos ficado mais inteligentes e melhores. Claro que, além disso, devemos ter trabalhado para tornar o mundo melhor e mais belo, pois produzir beleza e contribuir com o progresso do mundo é também um dos objetivos da existência humana.

Para atingir essa meta, teremos que ultrapassar certas barreiras, vencer dificuldades. São vicissitudes ligadas à saúde ou a limitações importantes, decorrentes de lesões por nós mesmos produzidas em outras vidas e que, muitas vezes, só podem ser corrigidas pelo mecanismo das encarnações. Outras barreiras são os desafios que nos propusemos enfrentar para verificar se foram, de fato, para valer, as resoluções que tomamos, antes de chegarmos aqui.

Os problemas de saúde e das limitações são dificuldades impostas. São expiações que resgatam e, dessa maneira, necessárias e quase sempre inevitáveis. Já os desafios são provas que escolhemos para testar a nossa capacidade de resistir e crescer.

Não há, pois, motivo para revolta perante as dificuldades que exigem enfrentamento. Expiações e desafios são filhos de nossas resoluções, derivados de nossa imprudência ou da nossa determinação, de nossa livre escolha, como quem vê neles meio seguro de melhorar-se.

Essa matéria está examinada nas questões 258 e seguintes de *O Livro dos Espíritos*. Lá ficamos sabendo, por exemplo, que:

1) Antes de iniciarmos uma nova existência corporal, tínhamos conhecimento do que nos poderia acontecer, já que nós mesmos havíamos escolhido o gênero de provas a que seríamos submetidos.

2) Não é Deus quem nos submete a castigo, mas a lei universal de causa e efeito que nos cobra com a mesma segurança e a mesma medida. Deus é tão misericordioso que nos abre tantas oportunidades quantas forem necessárias para corrigir nossos erros, na caminhada para a evolução. Deus não nos impõe nada. Concedeu-nos o livre-arbítrio, liberdade plena para agirmos do jeito que quisermos, para podermos ser responsabilizados pelos atos que praticamos.

3) Nem tudo o que nos acontece, porém, faz parte da nossa previsão. Previstos só estão os fatos principais, os que influem no nosso destino. Os acontecimentos secundários se originam das circunstâncias e da força mesma das coisas. Há o caminho que devemos tomar; mas, se dele nos desviamos, sujeitamo-nos a vicissitudes que não estavam inseridas na previsão, embora passíveis de ocorrência em razão da opção adotada. Corre o risco de morrer afogado quem se mete a atravessar um rio sem saber nadar.

4) Às vezes, nos perguntamos: como pode alguém desejar nascer entre gente de má vida? Nada a estranhar. Elege-se o contacto com o vício para se aprender a vencer a tentação de a ele se submeter. Lutar contra o instinto do roubo pode levar alguém a escolher viver entre gente que se dá à prática do roubo. O mérito está em resistir à tentação.

5) Quando não temos condições de escolher por nós mesmos as nossas provas, amigos que nos amam, que conhecem as nossas necessidades, escolhem por nós e na medida certa, sem risco de erros.

6) A reencarnação normalmente é consentida. A justiça de Deus sabe esperar, não apressa a expiação. Há, entretanto, casos há em que a reencarnação se impõe, compulsoriamente: quando o Espírito, por sua inferioridade ou por sua persistente má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil e, ainda, quando Deus enxerga que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, servindo-lhe ao mesmo tempo de expiação.

7) A escolha das provas é sempre feita de acordo com o objetivo a alcançar. Elegem-se as que levem à expiação das faltas e as que ajudam a progredir mais depressa. É por isso que uns impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem, enquanto outros preferem experimentar

as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pois sujeitas aos abusos e à má destinação orientada pelas paixões inferiores.

Não é de estranhar que o Espírito opte, às vezes, por provas tão dolorosas. Na sua condição de desencarnado, desliga-se da matéria, cessando toda ilusão e passando a ter outra maneira de pensar. Na vida espiritual, compara os gozos fugazes e grosseiros com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever, o que lhe auxilia compreender a transitoriedade dos sofrimentos terrenos.

É desse modo que, no geral, fazemos nossas escolhas. Talvez, por isso, seja oportuno o lembrete de Emmanuel para nos recordar que “à frente do Senhor, toda queixa é descabida”.

Devemos, portanto, nos pautar pelo bom conselho expresso nos versos de Cruz e Souza, através da mediunidade de Chico Xavier: “Nenhuma provação te desanime!... Inda que o mal te espanque e humilhe... Embora os temporais de fel, a cada hora, agradece a aflição que te redime!”

Finados

O culto aos mortos é uma tradição que já existia entre os povos primitivos. Na Igreja Católica, celebra-se o Dia de Finados em 2 de novembro, com visitas ao cemitério e orações pelas almas dos defuntos.

Esse dia foi oficialmente instituído pela Igreja Católica no século X, denominado, na liturgia, *omnium fidelium defunctorum*.

Com o passar do tempo, a comemoração ultrapassou seu exclusivo aspecto religioso, para revelar uma feição emotiva: a saudade de quem perdeu entes queridos.

O culto aos mortos foi uma das práticas fundamentais de quase todas as religiões, mesmo as mais primitivas. Os mortos, como as sementes, eram enterrados com vistas a uma ressurreição. Assim, a ideia central da festa dos mortos era a mesma dos ritos agrários e da fecundidade.

O binômio morte-fertilidade explica a primitiva celebração de finados, com banquetes perto dos túmulos. Essa associação é que levou o homem primitivo a implorar a proteção dos mortos para o êxito das colheitas e das plantações. Na antiguidade greco-romana, o culto das almas era celebrado com o cerimonial da vegetação. Hipócrates acreditava que os Espíritos dos mortos “faziam germinar e crescer as sementes”. Os hindus comemoram os mortos em plena colheita, como a festa principal do período.

Os iorubás, segundo Melo Morais Filho, comemoravam, na Bahia, o dia de finados com preces, cantos e danças. Em outros lugares do Brasil, havia refeições fúnebres próprias desse dia. Em Alagoas e no Estado do Rio de Janeiro, realizavam-se bailados, jejuns, sacrifícios de animais e banquetes. (Enciclopédia Barsa).

Pois bem: Allan Kardec não ficou alheio a essa celebração. Como o costume orientava, e ainda orienta, em relação, pelo menos em pensamento, os que ainda estão aqui com os que já se foram para o além-túmulo, entendeu ele de formular algumas indagações aos Espíritos, objetivando fixar o comportamento do espírita em face dessa tradição.

A matéria está tratada nas questões 320 a 329, de *O Livro dos Espíritos*, que gostaríamos de recordar.

Primeira indagação – Sensibiliza os Espíritos o fato de se lembrarem deles as pessoas que lhes foram caras na Terra?

– Muito mais do que podemos imaginar. Se os Espíritos são felizes, essas lembranças aumentam-lhes ainda mais a felicidade. Estão-se sofrendo, a nossa boa lembrança lhes serve de lenitivo.

Hoje, porém, através de obras mediúnicas inúmeras que foram surgindo ao longo do tempo, tivemos avanços importantes que balizam nosso comportamento, quando atingidos pela perda de entes caros. Sabemos, por exemplo: que as lágrimas de desespero prejudicam demais a readaptação e o equilíbrio do ente querido que partiu; que, pelo mesmo motivo, não devemos abrigar qualquer sentimento de revolta, sejam quais forem as circunstâncias da perda; que não devemos guardar, como recordação, as coisas que a eles pertenceram; que, ao contrário, devemos doá-las a pessoas mais necessitadas que delas possam se servir; que, ao recordarmos aqueles que partiram, devemos fazê-lo sempre recordando-os nos momentos de alegria e de paz; que não devemos culpar ninguém pela ocorrência do óbito; que devemos confiar em Deus e orar por eles e por nós; que podemos chorar, sim, pois as lágrimas nos fazem bem, desde que não sejam geradas pela mágoa ou pela revolta.

2ª. Indagação: – O dia de Finados é, para os Espíritos, mais solene do que os outros dias? Agrada-lhes irem ao encontro dos que vão orar nos cemitérios sobre seus túmulos?

– Não é esse dia mais solene do que qualquer outro. Atendem nele ao chamado dos que na Terra lhes dirigem o pensamento, como fariam noutro dia qualquer. Nada de especial. Apenas, acorrem, em maior número, porque maior é o número das pessoas que pensam em seus mortos nesse dia. Não é, entretanto, a multidão de gente nos cemitérios que os atrai, mesmo porque os espíritos que lá comparecem, só o fazem pelos amigos que porventura neles pensam.

3ª. Indagação: – E os Espíritos esquecidos? Aqueles nos quais ninguém mais costuma pensar? Ficam tristes porque ninguém deles se lembra? Porque ninguém visita seus túmulos?

– Absolutamente. Não estão nem aí para o pouco caso que lhes fazem à memória. Que lhes importa a Terra? Só pelo coração se acham presos a ela. Desde que ninguém mais aqui lhes vota afeição, não há por que se prenderem ao planeta.

4ª. Indagação: – Que é mais importante para o Espírito: a visita ao túmulo onde estão enterrados os restos de seu corpo ou a prece que por ele a pessoa faça em sua própria casa?

– A visita ao túmulo mostra apenas que a pessoa pensou naquele que já partiu. É a representação exterior de um fato íntimo. Já a prece, não. Ela é que santifica o ato da rememoração. E não importa o lugar onde é feita, desde que seja feita com o coração.

5ª. Indagação: – E aqueles Espíritos a quem se erigem estátuas ou monumentos reverenciando-lhes a memória? Gostam disso? Costumam comparecer a essas homenagens?

– Muitos comparecem, quando podem. Porém, menos os sensibiliza a homenagem que lhes prestam do que a lembrança que deles guardam os homens. Casos há, porém, que tais homenagens costumam agravar a situação de sofrimento em que, às vezes, o homenageado se encontra. Quando a consciência lhe diz que a homenagem é injusta e, portanto, imerecida.

6ª. Indagação: – Por que certas pessoas exigem, antes de morrer, que seu corpo seja enterrado nesse ou naquele lugar? Será porque entendem que o lugar do sepultamento facilitará seja lembrado depois?

– Inferioridade moral. Que importa o lugar que vá receber o corpo de que se serviu quando encarnado. A união dos ossos não fará a união dos Espíritos. Essa, só o amor, a identidade de pensamentos, a afinidade e a simpatia.

7ª. Indagação: – Deve-se considerar futilidade a reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família?

– Não devemos considerar inútil nenhuma atitude na qual se acredita estar um gesto de simpatia para com os nossos mortos. Para os Espíritos essa reunião não tem qualquer importância, mas, para os que a fazem, ela torna mais concentradas suas recordações.

8ª. Indagação: – Comove-se o Espírito com as honras que lhe prestam aos despojos mortais?

– Quando já ascendeu a certo grau de perfeição, o Espírito se acha escoimado de vaidades terrenas e compreende a futilidade de todas essas coisas. Há, porém, espíritos que experimentam grande prazer com essas homenagens e outros que se aborrecem muito com o pouco caso que façam de seus envoltórios corporais. É que ainda conservam alguns dos preconceitos, tão comuns entre os homens.

9ª. Indagação: – O Espírito assiste ao seu enterro? Fica lisonjeado quando vê muita gente no seu enterro?

– Frequentemente assiste, mas, algumas vezes, se ainda está perturbado, não percebe o que se passa. O Espírito que está consciente, quando vê muita gente, fica mais ou menos lisonjeado, conforme o sentimento que anima as pessoas que acompanham o enterro.

10ª. Indagação – Aquele que acaba de morrer assiste à reunião dos herdeiros?

– Quase sempre. Assiste para seu ensinamento e castigo dos culpados. Nessa ocasião julga da sinceridade dos que lhe faziam a corte. Todos os sentimentos se lhe tornam claros e a decepção que lhe causa a rapacidade dos que, entre si, partilham os bens, esclarece-o acerca daqueles sentimentos.

11ª. Indagação: – E o respeito que, em todos os tempos e entre todos os povos, o homem consagrou e consagra aos mortos? É efeito da intuição que todos têm da sobrevivência da alma?

– Sim. É a consequência natural dessa intuição. Se assim não fosse, nenhuma razão de ser teria esse respeito.

Nós e os Centros Espíritas

Costumamos ouvir de alguns companheiros que para ser espírita não é necessário frequentar Casas Espíritas. Que Espiritismo se faz na rua, em casa, no emprego, na vida de todos os dias, em todo lugar e a toda hora, com testemunhas ou sem elas. Contudo, há algo a contraditar.

O fato de nos tornarmos espíritas implica conhecermos os princípios, a lógica e os objetivos da Doutrina Espírita. Tal conhecimento, por sua vez, gera uma consequência inevitável: tornar-nos responsáveis, também, pela sua divulgação, ou seja, pelo compartilhar o conhecimento adquirido com terceiros.

Aos Centros Espíritas comparecem normalmente inúmeras pessoas interessadas em saber as implicações da mensagem da Doutrina na vida e nas pessoas. Há um desejo generalizado de estudar e de aprender, pois, no meio espírita, inexistem sacerdotes, pastores, rabinos etc. É essa uma das características do Espiritismo, razão pela qual todos aqueles que têm condição de esclarecer devem colocar-se à disposição daqueles que não conseguem sozinhos estudar os postulados e a mensagem espírita.

Os Centros Espíritas precisam de nós. Há inúmeras tarefas à espera de quem delas queira cuidar. Há os serviços de orientação à leitura, com a utilização dos livros que os Centros Espíritas costumam colocar à disposição dos frequentadores; há o trabalho de orientação e atendimento fraterno, com número cada vez maior de companheiros necessitados de esclarecimento e apoio; há os serviços dos passes; os labores da administração, da programação dos estudos; da contabilização; da organização dos eventos; das reuniões mediúnicas; da preparação e desenvolvimento dos médiuns; da preparação de cursos; enfim, das tarefas que precisam ser bem realizadas para que o Centro Espírita cumpra o seu papel no contexto social.

Ir ao Centro, finalmente, é um gesto de solidariedade com aqueles companheiros que conosco palmilham a mesma estrada e acalentam o mesmo ideal.

Prelúdio da volta

Os Espíritos que integram o que chamamos de erraticidade formam a imensa fila da reencarnação. Enquanto aguardam, vivem vida normal de Espíritos. Estudam, trabalham, divertem-se, têm intensa vida social, visitam os parentes e amigos que ainda labutam nas experiências da matéria, ajudam-nos, quando podem, ou perturbam-nos, quando mágoas que não se apagaram exigem deles o exercício da vingança.

E nós, aqui, eternos curiosos que somos, gostaríamos de saber e, por isso, costumamos perguntar:

- Sabem os Espíritos em que momento voltarão a reencarnar-se?
- Todos os Espíritos preocupam-se com sua reencarnação?
- Podem apressar ou retardar esse momento?
- Se se sentirem felizes, na condição em que se encontram, podem abrir mão da reencarnação indefinidamente?
- Há predestinação da alma que animará determinado corpo ou só à última hora é que é feita a escolha de quem será a beneficiária daquele corpo?
- Pode o Espírito escolher o corpo de que se servirá, ou só pode escolher o gênero de vida que lhe servirá de prova?
- Poderia dar-se não haver Espírito que aceitasse encarnar uma criança que houvesse de nascer?
- Pode a união de determinado Espírito a determinado corpo ser imposta por Deus?
- Se acontecesse que vários Espíritos aparecessem para tomar determinado corpo, que é o que decidiria sobre qual deles assumiria o corpo?
- No momento de encarnar, sofre o Espírito perturbação semelhante à que experimenta ao desencarnar?
- É solene para o Espírito o instante da sua encarnação? Pratica ele esse ato considerando-o grande e importante?
- É comum, diante das possibilidades de triunfo ou de fracasso em suas provas, passar o Espírito por uma ansiedade antes de sua encarnação?
- Amigos e parentes desencarnados costumam acompanhar o reencarnante no momento de sua despedida, tal como sói acontecer, quando de sua volta, ao fim da existência terrena?

Temos aí nada menos que treze indagações de que gostaríamos de ver respondidas.

Kardec também teve essa curiosidade. E fez exatamente as perguntas que acabamos de enumerar aos Espíritos que supervisionaram o trabalho de codificação da Doutrina.

E, assim, ficamos sabendo que:

a) Os Espíritos, já com algum esclarecimento, sabem que um dia terão que voltar à luta terrena para retomar, pelo estudo e pelo trabalho, a lenta, mas progressiva escalada da evolução. Têm conhecimento disso, mas não sabem quando isso acontecerá. E é natural que seja assim, porque, afinal, reencarnar não depende só deles. Há inúmeros fatores envolvidos no processo. Eles pressentem quando a hora se aproxima. Mas saber mesmo, eles não sabem. Os outros, isto é, os não esclarecidos, nem desconfiam que isso possa acontecer. Entre eles, há os que não sabem que já morreram; e há os que, já estando conscientes disso, não sabem ou não acreditam em reencarnação; outros ainda há que não acreditam, até mesmo, na sobrevivência da alma, de que eles próprios são a prova mais definitiva, como não acreditam em Deus, nem em justiça divina. Continuam ateus e materialistas. Isso acontece, porque a morte não transforma as pessoas. Elas continuam lá como eram aqui: com suas dúvidas, suas crenças e seus preconceitos. Por outro lado, o corpo de que se servem – o corpo espiritual ou perispírito – é tão igual ao que deixaram, aqui, que elas não percebem, no primeiro momento, que já estejam entre os chamados mortos.

A propósito, é interessante recordar o que disse a jovem Jane Furtado Koerich, pouco tempo depois de sua morte, em acidente de avião nas proximidades de Florianópolis em carta endereçada a seus pais Ony e Antônio, sobre a comunidade onde ela residia, carta inserta no livro Porto de Alegria, editado pelo IDE de Araras, SP: “E o que é de admirar, mamãe, é que ninguém onde estamos é obrigado a crer que passou pelo fenômeno da morte. E como somos ainda poucos os que nos achamos conscientes disso, não mencionamos

isso diante de pessoas desconhecidas ou que conservam absoluta negação quanto à morte, pela qual já passaram”.

Conclusão: regra geral, não sabem os Espíritos quando irão passar por nova experiência na Terra. Pressentem, mas saber mesmo, eles não sabem. Alguns já aprenderam que a reencarnação é uma necessidade da vida espiritual, como a morte o é da vida corpórea. Nascer, viver, morrer, renascer são inevitáveis no processo evolutivo. Não há evolução sem reencarnação. Não adianta fugir. É lei natural emanada do Poder Maior. Logo, os que querem evoluir mais rapidamente preocupam-se com a sua reencarnação. Outros, como dissemos, nem sabem que ela existe. E essa incerteza quanto ao futuro acaba por constituir-se numa espécie de punição.

b) O livre-arbítrio faculta ao Espírito apressar ou retardar a sua volta. Apressa-a, quando, motivado por um desejo muito forte, adquire, através do trabalho edificante, créditos que avalizem seu desejo. Retarda-a quando se acovarda diante das provas. Mas os que adiam o enfrentamento da prova sofrem por isso, à semelhança do doente que recusa o remédio que pode curá-lo. De qualquer forma o adiamento não pode ser indefinido. Mesmo os que se sentem felizes no estágio em que se encontram, não podem nele permanecer indefinidamente, adiando sempre o momento de reencarnar. Cedo ou tarde sentirão a necessidade de progredir. Todos têm que se elevar: esse o destino de todos.

c) Costuma-se perguntar se a alma que irá animar um corpo que está sendo formado no seio da mãe está a ele predestinada ou se é escolhida à última hora. É evidente que o Espírito é, sempre, de antemão designado. Mesmo porque, conforme esclarece a Doutrina, é no momento da concepção que se estabelece a ligação entre o Espírito, que está vindo, e o corpo que começa a formar-se. E é o corpo espiritual do reencarnante que vai servir de modelo à formação do feto, conforme programação pré-estabelecida. Tudo nos exatos termos em que se projetou a nova experiência, respeitadas a lei de causa e efeito que direciona os resgates e as provas escolhidas pelo próprio reencarnante. Nada de improvisações ou acasos, absolutamente, fora de qualquer fase do processo.

d) Em geral, cabe ao Espírito apenas a escolha das provas. O projeto do corpo está afeto a Espíritos com conhecimento especializado. Eles é que cuidam disso, levando em consideração o perispírito do reencarnante que forçosamente, como modelo biológico organizador que é, irá influenciar no corpo material que surgirá. Pode, entretanto, o interessado solicitar certas imperfeições que visem a ajudá-lo a se sair bem das provas que auxiliarão o seu progresso. André Luiz, no livro *Missionários da Luz*, assegura que o completista, na qualidade de trabalhador leal e produtivo, pode escolher, à vontade, o corpo futuro, quando lhe apraz o regresso à Crosta em missões de amor e iluminação, ou recebe veículo enobrecido para o prosseguimento de suas tarefas, a caminho de círculos mais elevados de trabalho.

e) Quando uma criança tem que nascer, está sempre predestinada a ter uma alma. Deus a isso proveria. Nada se cria sem que à criação presida um desígnio.

f) A união de um Espírito a determinado corpo pode, sim, ser imposta por Deus. Isso acontece nas chamadas reencarnações compulsórias, sempre objetivando a melhoria e proteção do Espírito obrigado a ela. Seja nos casos de rebeldia irrefreável, com graves perturbações na harmonia geral, quando se aproveita a oportunidade para resgates e reconstruções perispirituais, seja nos casos em que se precisa esconder o reencarnado de seus inimigos e algozes que tornariam impossível sua vida no plano espiritual.

g) É comum aparecerem vários Espíritos como candidatos a tarefas importantes a serem executadas. Desejam enfrentar certos trabalhos para colherem maiores frutos em seu aprendizado e evolução. Muitos podem pedir isso. No entanto, Deus é quem julga qual o mais capaz de desempenhar a missão a que a criança se destina. Mas, como dissemos acima, o Espírito é designado antes que soe o instante em que haja de unir-se ao corpo.

h) No instante de reencarnar-se sofre o Espírito perturbação muito maior e, sobretudo, mais longa do que aquela que é comum sofrer quando da desencarnação. É natural: pela morte, ele se livra da escravidão; pelo nascimento, ela mergulha nela.

i) É muito solene para o Espírito o instante da sua encarnação. Não só pela bênção que isso representa, mas pela carga de responsabilidade que traz nos ombros, certo de que não só ele, mas muitas outras pessoas que estarão à sua volta, dele dependerão.

j) Muita ansiedade envolve o Espírito prestes a encarnar. Por mais preparado que esteja, há sempre a incerteza quanto à eventualidade do seu triunfo nas provas que vai suportar na vida. Há sempre riscos muito fortes envolvendo o nosso mergulho na carne. Daí a ansiedade e o medo.

k) Os amigos e parentes desencarnados costumam acompanhar o reencarnante no momento de sua despedida, tal como ocorre na sua volta, ao fim da existência terrena. A reencarnação assinala um grande momento na vida de todos nós. Pela oportunidade maior de avançarmos um pouco mais na estrada da evolução.

Buscai a paz enquanto estais no caminho

Ninguém conseguiu acreditar quando a notícia chegou! Estava morto, na estrada, um dos homens mais cautelosos que a cidade conheceu. Comerciante tranquilo, chefe de família exemplar, motorista excelente! Tão precavido que resolvera, ao voltar, passar por Três Rios, duplicando quase a viagem de volta, para fugir da estrada barrenta, escorregadia e perigosa, pois chovera demais!

Estava voltando de Juiz de Fora, onde estivera a negócios, para Astolfo Dutra, a cidade natal. Era tardinha, começando a escurecer. Viagem tranquila, na marcha de sempre, cautelosa e segura, como devem dirigir os que amam a vida e não abusam do privilégio de ter o seu carro, a sua própria condução.

De repente, o inevitável! Um golpe na direção e o automóvel se projeta contra um caminhão que vinha em sentido contrário. Só ele é atingido pelo choque fatal! Seus dois companheiros de viagem não sofrem um arranhão sequer!

Dias depois, orando pelo conterrâneo que voltara tão cedo e de forma tão inesperada, a explicação do inacreditável acidente: um ex-empregado com quem tivera um desentendimento muito sério (tão sério que o empregado fora levado ao suicídio), agora, Espírito, em crise de ódio, toma-lhe de assalto a direção, no exato momento em que cruzam, na estrada, automóvel e caminhão, e o choque se tornou inevitável.

Era o desafeto de ontem que vinha se vingar do patrão, em longa e insidiosa perseguição espiritual.

Esse fato ocorreu na noitinha de 29 de abril de 1950, na estrada Rio - Bahia, perto de Sapucaia, Estado do Rio de Janeiro.

Dos três passageiros presentes no acidente, não resta mais nenhum encarnado na cidade de Astolfo Dutra, mas a identificação dos personagens ficará adstrita à redação para não chocar descendentes que ignoram essa história e que estão, em sua maioria, vivos e residindo naquela cidade.

Intervenção espiritual

Silva Pinto, escritor português, materialista confesso, tinha decidido suicidar-se. Uma dívida que não podia pagar sugeria o suicídio. Dois contos de réis! Muito dinheiro para aquela época! Os amigos a quem poderia recorrer eram pobres como ele e os abastados jamais confiariam nele para emprestar-lhe tanto dinheiro. Estava resolvido: iria matar-se.

Camilo Castelo Branco, já desencarnado e conhecendo, por experiência própria, o sofrimento por que passam os desertores da vida, dirige, através de Fernando de Lacerda, notável mensagem, em que procura tirar, da mente do velho amigo, ideia tão infeliz.

A mensagem mexeu com as convicções do orgulhoso materialista, despertando a dúvida, mas, sozinha, não fora suficiente. Ele precisava de dinheiro, não de conselho. Era o que dizia, em pensamento, ao amigo.

Não queria morrer em casa. Repugnava-lhe expor o cadáver, ensopado de sangue, em sua própria casa, ao desespero de seus familiares. Iria morrer fora.

No Diário de Notícias, jornal de Lisboa, uma senhora oferecia quarto a alugar. Morava só e passava o dia inteiro fora de casa. Saía cedo e só voltava à noite. Era o que ele mais desejava: ninguém por perto para testemunhar a sua morte. Alugou o quarto, deu os últimos miseráveis tostões que possuía, em sinal, e voltou à sua casa para pôr as coisas em ordem antes da grande viagem.

Quando retorna ao quarto para consumir a tragédia, a dona da casa ainda estava lá. Estranhamente, não saía naquele dia. Havia ficado para resolver certas coisas e só sairia mais tarde. Nunca lhe sucedera isso! Silva Pinto resolve sair para esperar o tempo passar e aguardar que a senhora saísse.. Pega o bonde; ao chegar à Praça do Patriarca, desce. Atravessa a Praça a pé. Tivera ali, outrora, horas de prazer. Queria rememorar-las. Vivê-las novamente na hora em que as ia destruir para sempre. Eis senão quando alguém lhe bate no ombro. Era um homem alto, perfeito, tipo belo de homem, com a alma a espelhar-se-lhe no sorriso com que o envolvia.

– Não é o senhor Silva Pinto? – Sim, mas não o conheço. – Conhece sim, sou o Alfredo, o Alfredo dos Anjos. O senhor tomou-me muitas vezes em seu colo, quando em visita a meu pai. O senhor alegrou minha infância. Quantas histórias que jamais esqueci! Acabo de chegar do Brasil. E lá me lembrava muito do senhor. Ora, Sr. Silva Pinto: eu não sei como vive. Desculpe-me a impertinência; mas os homens de letras nem sempre estão livres de dificuldades. Eu sou rico e devo-lhe saudosas recordações amigas. Se puder servir-lhe de algum préstimo, terei muita satisfação. Agora, por exemplo, tenho em casa três contos que ponho à sua disposição... Se precisar...

Silva Pinto ficou fulminado. Não atinou com palavras. Teve vontade de fugir e, ao que se lembra, disse apenas que aceitaria quando precisasse.

Aquele misterioso encontro arrancou-o da antecâmara da morte. Aceitou a oferta. E no dia seguinte, na Praça Luís de Camões, esquina da Rua das Gáveas, na hora aprazada, uma carruagem deixou descer homem grave, aspecto de mordomo inglês, que lhe entregava da parte do Sr. Conde de Font'Alva um envelope contendo dois contos de réis, com um bilhete: “Eram três; ainda cá fica um à sua disposição”.

Teria Camilo Castelo Branco a ver alguma coisa com aquele acontecimento?

Cirurgia espiritual inesperada

Dona Helena Paraná de Castro começara a frequentar nosso grupo, fazia pouco tempo, trazida pelas mãos de nossos amigos comuns Kleber Halfeld e Yolanda. (Há uma história muito interessante sobre sua chegada à Doutrina que, talvez, eu conte algum dia.)

Era uma médium em desenvolvimento, com excelente potencial a ser explorado e algumas manifestações muito curiosas. Desdobrava-se com facilidade e, também, com muita facilidade recebia

Espíritos de franceses, recém-desencarnados, falando no idioma de origem, com muita fluência. As mensagens que costumava receber eram muito claras; dicção perfeita e muito entusiasmo em tudo que fazia.

Morava num agradável recanto, na zona rural do município de Juiz de Fora, Minas Gerais, e comparecia sempre aos trabalhos, acompanhada do esposo, o Sr. Salvador, já com dificuldades nas pernas, trazidos por um filho, num dos carros da família, uma Kombi branca.

A folhas tantas, reunião começada, uma verdadeira invasão de instrumentos, médicos, enfermeiras, máquinas estranhas, macas... O salão virara uma sala cirúrgica completa!

– Alguém vai ser operado aqui hoje – informou um dos médiuns.

Estranhamos todos! Nossa reunião cuidava de tudo, menos de cura! Desenvolvimento mediúnico, irradiações, desobsessão, um pouco de estudo, tudo... Cura, não!

Seria Helena a beneficiária da operação que se renunciava. Ficamos todos em concentração, enquanto os Espíritos agiam. Helena adormeceu profundamente. Ao final, ela que chegara disposta, alegre, vibrante, elétrica (ela era toda elétrica!), mal podia levantar o braço! Tivemos que pegá-la no colo e levá-la cuidadosamente até a Kombi, em cujo banco traseiro, deitada, voltaria para casa.

Alguns dias de repouso e logo estava ela de volta ao trabalho!

Por mais fé que a gente tenha e por mais que a gente saiba que aquilo era perfeitamente possível, sempre fica uma dúvida. Será que foi operada mesmo? Não teria sido uma embromação coletiva? Ela estava doente antes? Algum médico já havia diagnosticado nela algum mal? Muita dúvida! Muita!

Tempos depois, nossa amiga tem que se submeter à nova cirurgia. Na anamnese, afirma que jamais havia sido operada antes.

Pois bem: durante os trabalhos operatórios, o cirurgião encontrou os sinais da operação espiritual a que ela se havia submetido em nossa reunião! Os sinais estavam lá!

– A senhora se esqueceu, Dona Helena, mas a senhora já foi operada antes. Por que ocultou um fato tão importante? – indagou o médico.

– Ah! Doutor – lembrou-se, enfim, Dona Helena. O senhor nem vai acreditar! Mas o que o senhor viu é a prova da operação espiritual a que me submeti, alguns anos atrás, numa sessão espírita que eu frequentava.

O médico não acreditou, é claro. Mas nós tivemos, finalmente, as respostas de que tanto precisávamos.

Enxaqueca para ninguém botar defeito

Celso de Oliveira, auditor fiscal de tributos federais, já aposentado, mas ainda com escritório de prestação de serviços a empresas, na área do direito tributário, vinha, desde a mocidade, sofrendo de terrível enxaqueca, com tudo aquilo que uma boa enxaqueca pode trazer de sofrimento: dor de cabeça intensa, localizada logo acima do nariz, entre um olho e outro, perturbações digestivas, náuseas, vômitos ... Um horror! Crise para ninguém botar defeito. Inutilizava seus dias de trabalho, quando acontecia. Dir-se-ia que ele já estava acostumado com o sofrimento.

Não era espírita, embora tivesse, desde cedo, certa queda pela Doutrina. Ajudava nossos movimentos, sem qualquer tipo de preconceito e ouvia, prazerosamente, os casos que a gente contava sobre Espíritos, mediunidade, reencarnação.

Um dia me pediu para assistir a uma das reuniões que dirigíamos na Fundação João de Freitas, em Juiz de Fora. Tinha a intuição de que os Espíritos pudessem curar sua enxaqueca, durante a sessão.

Eu deixei. Quando ele chegou à Fundação, apresentei-o ao grupo, como meu conterrâneo e companheiro de trabalho, mas não disse uma só palavra sobre o seu problema e sobre o motivo que o levava até ali. Aliás, sempre procedi assim. Não dizia aos médiuns o objetivo principal da reunião. Era segredo entre dirigente e protetores. Talvez pelo mesmo motivo pelo qual o Sr. Américo não queria que seus médiuns estudassem. Para ter a certeza de que o que vinha pela boca do médium era do Espírito, não da leitura!

Sentamo-nos: os participantes, em torno da mesa de trabalho; meu amigo, na primeira fila de cadeiras do salão, onde desenvolvíamos o trabalho.

Começa a reunião. Dona Antônia, uma boa médium vidente, que fazia parte do grupo, começa a descrever:

– Interessante – dizia ela. – Vejo esse amigo do senhor, que nos visita hoje, em crises de terrível dor de cabeça! (E descreveu todo o sofrimento por que costumava passar o amigo visitante.)

E concluiu com uma revelação que, para nós, espíritas, é muito comum:

– Estão me mostrando uma existência anterior desse moço, em que ele feitorava escravos, com um azorrague na mão. Vejo-o chicoteando um dos escravos e a lâmina seccionando uma das artérias exatamente no ponto da testa onde se localiza a dor que ele sente nos momentos de crise!

Eu não fiquei sabendo se meu amigo ficou definitivamente curado. Sei que as crises diminuíram e a intensidade da dor também diminuiu. Pode ser que o conhecimento da causa tenha dado a ele maior tranquilidade para suportar-lhe os efeitos.

Talvez seja por isso que está obtendo muito sucesso a chamada terapia de vidas passadas.

Espíritos operam varizes

Maria Carmem estava louca para assistir às nossas reuniões na Casa Espírita João de Freitas, de Guarani, Minas Gerais.

Católica, educada em colégio de freiras, de repente começou a ter sua atenção voltada para a Doutrina Espírita, religião de sua tia Elza e de sua irmã Elizabeth, pessoas que ela estimava muito.

Costumava dizer para o marido: “– Espiritismo deve ser uma coisa muito séria! Minha irmã, minha tia, pessoas tão esclarecidas e tão inteligentes, não iriam se envolver com uma coisa que não fosse muito séria, muito verdadeira!”

Queria ir, mas não queria ir de graça, de oferecida. Esperava um convite da irmã. Convite que tardava a acontecer. Chegou a confessar ao sobrinho, o adolescente Ricardo, esse grande desejo.

Conversa vai, conversa vem, lá um belo dia surge o convite! Lágrimas molharam-lhe o rosto, na emoção do momento! Coração batendo apertado e a alegria explodindo no peito!

Nossa sessão era um encontro em que misturávamos estudo, desenvolvimento mediúnico, desobsessão e vibrações para tratamento à distância. A gente aproveitava para fazer tudo de uma vez, porque só dispúnhamos de um dia na semana. Era uma festa! Noites memoráveis vivemos naquela Casa!

Maria Carmem sentou-se na primeira fila de cadeiras. Nós permitíamos que as pessoas que se preparavam para o desenvolvimento mediúnico assistissem às reuniões. Não tomavam assento à mesa. Ficavam no salão, mas fora da mesa. Reunião começada, notou-se inusitada movimentação no plano espiritual. Médicos, enfermeiras, auxiliares diversos iam e vinham tomando providências. Interessantes instrumentos eram trazidos ao salão. De repente, junto de nós se instalara moderníssimo centro cirúrgico!

– Alguém vai ser operado aqui, hoje – disse uma das médiuns videntes presentes ao trabalho.

– Sou eu! – disse imediatamente Maria Carmem. – Sou eu; estão me dizendo aqui; vão me operar; vão me operar!

Levada a uma sala ao lado, sala de atendimento especial, em companhia de duas irmãs, Floripes e Elizabeth, acompanhando tudo o que a equipe de médicos desencarnados ia fazendo, foi operada da vesícula. Mas isso não é tudo. Melhor é o que viria a seguir.

Maria Carmem, professora, desenvolvera tal quantidade de varizes nas pernas que já não podia usar nem saias, nem vestidos, só calças compridas. Eram um horror suas pernas! E ela era nova: trinta e poucos anos!

Pois bem: os Espíritos disseram que iriam operar suas varizes na semana seguinte! Surpresa enorme! Ninguém havia pensado em pedir uma coisa dessas! Quem é que vai pedir intervenção espiritual para curar varizes?

Foi um gesto espontâneo deles. Eles é que se ofereceram para isso!

Ela morava muito longe de Guarani. Seria muito sacrifício para ela e seus familiares retornarem a Guarani sete dias depois. Mas em face da oferta se dispôs, é claro, a voltar. Foi quando os Espíritos disseram que a operariam em sua própria casa. Ela não precisaria fazer a tão longa viagem!

E, na semana seguinte, às oito horas e dez minutos, da noite, em sua própria casa, em Resplendor, Minas Gerais, recebeu a visita da equipe médica espiritual que eliminou, como num passe de mágica, todas as suas varizes.

Maria Carmem, aposentada, pernas renovadas, pôde desenvolver, enquanto aqui esteve encarnada, importante trabalho na seara espírita, na bela cidade de Guarani.

Fatalidade

Entre os árabes existe uma expressão (Macktub) que define o tipo de pensamento que predomina entre eles a respeito do homem e de seu destino. Segundo eles, tudo está escrito. Há uma determinação superior que governa nossos passos. Tudo está previsto, tudo predeterminado. É a doutrina do fatalismo, do determinismo.

Interessante que na vida tudo parece conduzir para esse tipo de entendimento. Havia um dito popular, quando eu era menino, que expressava bem esse pensamento. Costumava-se dizer que “quem nasce para tostão nunca chega a mil réis”. O ditado é antigo, por isso a presença de uma moeda que os mais jovens não chegaram a conhecer.

Quantas vezes ocorre a um indivíduo salvar-se de um acidente para imediatamente cair em outro. Quanta luta, às vezes, sem resultado nenhum. O problema é tão sério que Kardec não se furtou a examiná-lo buscando a orientação dos Espíritos superiores, conforme se vê nas questões 851 a 867 e nas questões 525 a 540 de *O Livro dos Espíritos*.

Recordando: a doutrina do fatalismo é a que admite que o curso da vida humana esteja, em graus e sentidos diversos, previamente fixado, sendo a vontade ou a inteligência impotentes para dirigi-lo ou alterá-lo. Quer dizer: quem nos criou já nos traçou um roteiro e nada contra esse roteiro podemos fazer. Seríamos, segundo essa teoria, meros robôs, sem direitos e sem vontade, cumprindo um papel para o qual não fomos sequer consultados.

Indaga-se: é a doutrina do fatalismo absolutamente falsa? Estamos ou não estamos sujeitos a determinadas ocorrências contra as quais nada podemos fazer? Essa a questão.

Segundo a Doutrina Espírita nós somos dotados por Deus do direito de decidir, por nós mesmos, o caminho que vamos seguir. Agimos de acordo com a nossa consciência e segundo a nossa vontade. Somos livres para fazermos o que quisermos, mas somos igualmente responsáveis pelas consequências do que fizemos. Quando Deus nos criou, deu-nos a todos uma mesma origem e estabeleceu para todos a mesma destinação. Para todos: o progresso final, a perfeição possível.

Da origem ao objetivo final, há um caminho a percorrer. Esse caminho é construção nossa. Não importa o tempo que iremos levar nessa construção. A vida não tem pressa. O certo é que existe aí uma fatalidade: Todos iremos chegar lá, um dia. Nessa caminhada, nós nos ferimos a nós mesmos e ferimos aos nossos companheiros de jornada. Feridas que precisam ser cicatrizadas. Doenças que precisam ser tratadas. É a intensidade dos ferimentos e a gravidade das doenças que dirão do tempo e da forma do tratamento a que seremos submetidos. Como se vê, o nosso livre-arbítrio cria um tipo de fatalidade para nós. Pelo livre-arbítrio, cometemos erros, ferimos o próximo, semeamos discórdias, desequilíbrios, doenças. Esses ferimentos, esses desequilíbrios terão que ser tratados fatalmente.

Os erros cometidos, quando estagiamos pelo planeta, terão que ser corrigidos através de nossa experiência no planeta. Não é justo que outros venham retirar os espinhos que nós semeamos pelos caminhos. Fazemos isso por meio da reencarnação. É através delas que vamos curando as feridas que fizemos no próximo e tratando as que fizemos em nós mesmos. Esse tratamento é doloroso. Doloroso e demorado, porque essencial ao nosso aprendizado. Para que os erros não voltem a acontecer, não se repetam.

As reencarnações são programadas. Projetam uma tarefa a se cumprir, num tempo determinado. Quando nascemos, trazemos a provisão de fluido vital necessário ao cumprimento da tarefa. Tal qual o oxigênio que o mergulhador carrega no seu escafandro para suportar o trabalho no fundo do mar. Esgotado o oxigênio, o mergulhador tem que subir, vir à tona. Esgotado o fluido vital, o Espírito encarnado tem que voltar à sua condição de Espírito: é a morte.

O tratamento das nossas doenças, enquanto encarnados, é feito em etapas preestabelecidas. E tem um tempo de alta, tempo em que o tratamento parece concluído. Às vezes, são necessárias várias encarnações para que a saúde volte a ser plena. Durante o tratamento (a encarnação) nós podemos cometer outros erros. Acumular novos débitos. Criar novas fatalidades futuras.

A escolha das provas é feita com a nossa participação. Escolhidas, elas acontecerão. Quando fazemos a escolha, nós nos criamos certa fatalidade que culmina com a única fatalidade definitiva: a morte. Os Espíritos não deixam dúvidas, quando dizem: “Fatal no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou de outra, a ele não podeis furtar-vos”.

Então, como ficamos? Existe ou não a fatalidade?

A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado. Falamos das provas físicas, pois que, pelo que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir. (Questão 851)

E por que há pessoas que parecem perseguidas por uma fatalidade, independente da maneira por que procedem? – São, talvez, provas que lhes caiba sofrer e que elas escolheram, mas, muitas vezes, são simples consequências de suas próprias faltas; de sua imprudência ou imprevidência ou irresponsabilidade.

Pode-se entender que se não for a hora, qualquer que seja o perigo que nos ameace, nós não morreremos? – Sim, assim é: temos milhares de exemplos disso, todos os dias.

Então não precisamos de cuidados médicos quando a saúde se abala! Se não for a hora a gente não morre mesmo. – Negativo: são as precauções tomadas que nos são sugeridas com o objetivo de evitar a morte que nos ameaça. São um dos meios empregados para que ela não se dê.

Flagelos destruidores

Periodicamente somos abalados por ocorrências que costumam trazer muito sofrimento a todos nós. Todos os anos, em algum lugar do planeta, ocorrem fenômenos amedrontadores. Enchentes são anuais. Não passa um só verão sem que, em algum recanto da Terra, as enchentes não destruam casas, desmoronem barrancos, matem muita gente.

Furacões são comuns nos Estados Unidos da América destruindo lares, enlutando regiões, fazendo desaparecer patrimônios construídos com tanto sacrifício.

Tremores de terra têm enlutado inúmeros países. Há poucos anos, só no México, mais de duas mil pessoas desapareceram debaixo de escombros e de inundações.

Ainda sofrem as consequências de um fantástico maremoto três dos nossos continentes de onde desapareceram, debaixo das águas, mais de trezentas mil pessoas.

Raios, no Brasil, ocorrem cem milhões de vezes todos os anos. Alguns matam gente, animais e aves, ou destroem plantações. Pestes, vez por outra, nos visitam, eliminando vidas e provocando muito sofrimento e dor. Guerras, revoluções, atos de terrorismo são comuns o ano inteiro nos mais diversos países.

Ainda hoje, morre muita gente de fome. Doenças sem tratamento desafiam a ciência dos homens. Secas continuam sacrificando pessoas e regiões. AIDS, tuberculose, câncer e malária prosseguem ceifando vidas e enlutando corações. Flagelos da destruição, próprios do nosso planeta, eliminando sonhos e amargando corações.

Kardec quis saber dos Espíritos por que razão Deus, infinitamente bom e perfeito, permite tais fatos na vida das pessoas. E perguntou: “Com que fim fere Deus a Humanidade por meio de flagelos que destroem tantos sonhos e eliminam tantas vidas?” – “Para fazer a humanidade progredir mais depressa” – disseram os Espíritos. E prosseguiram: “Já dissemos que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento. O homem considera tais eventos como flagelos por causa dos prejuízos que eles costumam trazer. São, entretanto, subversões frequentemente necessárias para que mais depressa ocorra melhor ordem de coisas, conseguindo-se em alguns anos o que exigiria, talvez, muitos séculos”.

Emmanuel, no livro *Religião dos Espíritos*, comentando a questão, nos recorda os dez antigos flagelos com que se defrontou a Humanidade e cujo enfrentamento resultou num largo passo no caminho de sua evolução e crescimento cultural.

O primeiro flagelo foi a barbárie. Vivíamos como selvagens, os mais fortes expulsando os mais fracos, tomando-lhes as terras e as provisões. Não havia limites, nem marcos divisórios. Éramos como selvagens sem respeito ao nosso semelhante. Egoísmo e violência caracterizando a vida como se fôssemos animais selvagens. Período de desregramentos de instintos. Surgem múltiplas formas de organização e defesa. Hábitos começam a mudar. Nascem limites territoriais, os estados, as cidades, os reinos.

Depois veio a fome: os bens que a Terra produzia, à revelia dos homens, foram escasseando. Ninguém plantava. Nem tudo se podia colher no mesmo clima ou no mesmo lugar. Surgem a agricultura, o câmbio e o comércio. Trocam-se mercadorias; universalizam-se os costumes. Chega a peste dizimando populações inteiras. É a malária, a varíola, a difteria, a cólera, a tuberculose... Nasce a ciência e traz as vacinas, as drogas, os tratamentos, as curas.

No primitivismo, o homem copia a arte do castor, mas produz muito pouco. A população cresce. Faltam os bens que a ansiedade procura. Aparece a indústria, que aperfeiçoa processos e multiplica o que faz, e os bens começam a sobrar.

A ignorância alenta as trevas do espírito. Como aprender? Como se instruir? Como fazer crescer conhecimento e cultura? Brilha a imprensa e livros começam a brotar. “Livros, livros a mancheias enchendo a terra e o ar. É luz que brilha na mente e põe o povo a pensar” – clama o poeta em seu cantar.

Mas o insulamento mantém os povos e as comunidades apartadas de informações. Os ventos do progresso e da evolução não levam de um ponto a outro seus avanços e suas conquistas. Não se caminham

notícias, nem se espalham descobertas. Eis que surgem o telégrafo e a navegação aérea e o mundo se torna uma aldeia global. Vemos, aqui e agora, o que os nossos irmãos no outro lado da Terra estão fazendo nas ruas. De repente todos nos tornamos vizinhos. E o insulamento se esvai.

O consumismo se expande; a vaidade vem junto e a imundície apavora. É o reinado do lixo que continua desafiando a ciência do homem e a incúria dos governos no mundo inteiro. Aparecem tímidas usinas de reciclagem, mas estamos muito longe de vencer essa praga. Lixo que facilita inundações, acelera desmoraamentos e dissemina moléstias de vária sorte.

Finalmente, a guerra que continua desafiando a inteligência e a evolução humana. Não passou, porque ela é produto do egoísmo, do orgulho e do materialismo humano. Só desaparecerá com o progresso de todos nós. Com a implantação da mensagem do Cristo no coração de cada habitante do planeta.

Kardec perguntou: “Não poderia Deus empregar outros meios – que não os flagelos que nos maltratam tanto – para conseguir a melhoria da Humanidade?” – “Poderia e os emprega todos os dias” – responderam os Espíritos – “porque deu, a todos, os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal, mas o homem não se aproveita desses meios. Daí a necessidade de ser sacudido pelo único processo que amansa a sua teimosia e consegue acordá-lo: o sofrimento, linguagem única, infelizmente, que o homem da Terra consegue entender.”

“Mas, nesses flagelos” – continua Kardec- “tanto é atingido o homem bom como o homem mau. É justo isso?” E os Espíritos esclarecem: “Durante a vida, o homem tudo refere ao seu corpo; muito diferente é seu pensamento depois que morre. Conforme temos dito várias vezes, a vida do corpo bem pouca coisa é. Um século no vosso mundo não passa de um relâmpago na eternidade. Nada são os sofrimentos de alguns dias ou de alguns meses de que vos queixais tanto. Representam um ensino que se vos dá e que muito vos servirá no futuro”.

Assustamo-nos com o número de mortes que costumam ocorrer em consequência desses flagelos. São irrelevantes quando os comparamos com o número de mortes que ocorrem, naturalmente, todos os dias, no planeta.

Além disso, tais eventos têm sua necessidade de ordem física e funcionam em obediência a um planejamento superior. Muitos deles mudam as condições de uma região, mas o bem que disso resulta só as gerações futuras conseguirão experimentar e entender. São acomodações de ordem física, porque o planeta ainda não está definitivamente pronto. Há lacunas a preencher; espaços a ocupar; equilíbrios a conquistar. Muitos desses flagelos poderão ser conjurados pelos homens, quando tivermos alcançado conhecimento e postura moral para isso, pois muitos desses flagelos são originados da imprevidência humana.

Finalidade da encarnação

Uma das questões que mais têm intrigado as pessoas que pensam é exatamente a que constitui o tema de nossa conversa de hoje. De fato os homens sempre se perguntaram:

- O que estamos fazendo aqui?
- Qual o objetivo da existência humana?
- Até quando teremos que passar por esse fatigante processo?

As respostas têm sido as mais descontraídas. Filósofos ensaiaram explicações. As religiões nos acenam com outras. Os materialistas supõem que somos um capricho da Natureza, agrupando células, e em torno delas desenvolvendo a vida.

Uns acham que estamos aqui para sofrer. Até já se definiu o planeta em que vivemos como “um vale de lágrimas” onde a felicidade é impossível. Os que assim pensam só nos acenam com o sofrimento e o fracasso.

A gente percebe que, embora semelhantes, somos profundamente diferentes. A forma geral – o desenho físico – é a mesma para todos, mas o conteúdo é profundamente diferente. Níveis de percepção diferentes, gostos diferentes, habilidades diferentes, tendências, reações, comportamentos diferentes.

Por que somos assim? Será que fomos feitos assim? Deus fez para cada um de nós, uma forma diferente? Ou a Natureza (para aqueles que não creem em Deus) fez cada um de nós, diferentes um do outro?

Por que uns são tão mais esclarecidos que outros? Mais sábios, mais belos, mais amados, mais simpáticos, mais habilidosos. Por que há ídolos que a unanimidade cultua? Por que há títeres, déspotas, governantes tão arrogantes? Por que há Hitler e Francisco de Assis? Lucrecia Bórgia e Joana d’Arc?

A ciência nos diz que o Universo é resultado de uma lei a que todos nós estamos subordinados: a lei da evolução. Nossa meta é a perfeição. Perfeição possível, a que estão destinados todos os seres humanos. Um dia todos nós seremos perfeitos.

Quando será esse dia, ninguém sabe. Só depende de nós apressar sua vinda ou adiar-la no tempo.

Ao que nos foi dado saber, esse trajeto e essa caminhada devem ser feitos através da matéria, da carne, das encarnações.

Precisamos lembrar que, em 1865, surgiu uma volumosa obra, dita mediúnica, que nos trouxe uma estranha ideia sobre isso. Precisamos lembrar para que não reste nenhuma dúvida entre nós. Inclusive porque há vários companheiros que aceitam e divulgam essa ideia. Essa obra contraria frontalmente a Doutrina dos Espíritos ao afirmar que a evolução dos Espíritos se faria, normalmente, enquanto Espíritos, sem a necessidade de passar pela experiência da carne. Jesus, segundo essa teoria, teria alcançado sua evolução em linha reta, sem nunca ter precisado encarnar-se e, conseqüentemente, reencarnar-se. E mais: que o que leva o Espírito às agruras da encarnação é a sua queda pelo pecado. A encarnação, nessa hipótese, não seria uma necessidade, mas um castigo para quem tivesse cometido, como Espírito, o pecado do orgulho, da inveja ou do ateísmo. Esses três pecados, e só esses, levariam ao castigo da encarnação. Depois, sim, pelos erros cometidos na carne, viria a exigência das reencarnações.

Esse pensamento não foi acolhido por Kardec, para quem, conforme afirmaram os Espíritos que o ajudaram na consolidação da doutrina, a encarnação não é um castigo e sim uma necessidade da evolução.

Algumas pessoas costumam indagar: Não nos poderia Deus ter feito perfeitos já de uma vez, poupando-nos das encarnações? Teria evitado essa série de dificuldades por que temos de passar quando mergulhamos na matéria... Essas amolações todas que envolvem nossa passagem por aqui...

É claro que Deus poderia ter-nos feito perfeitos. Ele pode tudo. Mas por que não fez? Só perguntando a Ele ou esperar que o tempo, talvez, nos permita entender.

Kardec foi direto à questão: – Afinal, qual é o objetivo da encarnação? (Questão 132, de *O Livro dos Espíritos*.)

– Os objetivos são dois – responderam os Espíritos: (a) encaminhar o Espírito na jornada da evolução e (b) colocá-lo em condições de realizar a parte que lhe cabe na obra da criação.

Ou seja: ao mesmo tempo em que Deus nos põe na Terra em contato com a matéria para, através dela, atingirmos a perfeição a que estamos destinados, fez de nós coautores de sua obra. O planeta que Deus nos entregou para nele vivermos nossa experiência na carne não estava pronto, acabado. Como ainda não está. Essas subversões que periodicamente nos visitam são necessárias à acomodação das coisas e ao equilíbrio das forças que o governam.

Nossa participação no processo de aperfeiçoamento da Terra é fundamental. Hoje a Terra é um jardim, muito diferente daquela bola de fogo que nos foi entregue para as nossas primeiras experiências. Os pântanos, os desertos, os lugares insalubres e sombrios, ao pouco, pela ação do trabalho humano, foram se transformando e a Terra hoje é um planeta saudável, belo, harmonioso, quase pronto. Há ainda coisas a fazer; desertos a reflorestar, áreas a colorir. Mas o grande modelo está quase completo.

É fácil perceber a nossa participação na obra do Criador. Deus deu-nos a pedra e nós a transformamos em máquina. Deus deu-nos o trigo e nós fizemos a farinha e o pão. Escondeu o petróleo e nós fomos buscá-lo no fundo do poço para construirmos as coisas de que nós precisamos. Deus deu-nos a cana e fizemos o açúcar. Mas como somos travessos, da cana também fizemos o álcool e a cachaça. Deus deu-nos a uva e nós fizemos o vinho. Deus deu-nos a árvore e nós criamos o papel, a roupa, o caderno e os livros que guardam o que aprendemos para repassá-los aos que vierem depois. Da árvore também fizemos o abrigo. Deus deu-nos a alegria e nós construímos os sonhos.

São dois, pois, os objetivos principais da encarnação: acelerar o nosso crescimento e trabalhar no aperfeiçoamento da grande obra de Deus. Há, porém, outros objetivos a alcançar. Objetivos paralelos. Importantíssimos, como tudo que nos vem da parte do Senhor:

Passarmos pelas provas que escolhemos para vencer fraquezas que ainda nos dominam (provação);

Corrigirmos, pela cirurgia da dor, as lesões que causamos em nós mesmos, por indisciplina, por imprudência ou por teimosia (expição);

Enriquecermo-nos com os dons que a traça não rói, o ladrão não rouba e a ferrugem não consome, única riqueza que nos acompanha para onde formos, porque essa, sim, é patrimônio que se incorpora, definitivamente, à nossa alma;

Substituímos pelo afeto de hoje a mágoa que, por descuido, implantamos, ontem, no coração das pessoas a quem ferimos ou humilhamos (reparação).

O passe e o passista

A aplicação de passes magnéticos, na cura de afecções nervosas, tem sido largamente utilizada desde a origem dos tempos.

Nasceu com o homem.

Talvez seja dessas intuições essenciais que a gente traz da vida espiritual para nos ajudar na travessia da experiência carnal como homens, Espíritos encarnados.

Porque é instintivo isso.

Desde que nascemos, sem que ninguém nos tenha ensinado, quando sentimos qualquer ponto dolorido de nosso corpo, colocamos a mão sobre a parte que dói e temos certa sensação de alívio.

Quando batemos com a mão ou o dedo em algum lugar que nos cause dor, imediatamente começamos a soprar porque, também, o sopro nos traz uma sensação de alívio quase imediato. Quantas vezes utilizamos esse processo no atendimento aos nossos filhos ao caírem ou baterem com a cabeça em algum lugar. A gente sopra e a criança logo se acalma.

De onde vem isso? Quem nos ensinou? Que fluido anestésico existe no sopro?

Hoje conhecemos o efeito positivo, no tratamento de certas dificuldades motoras, do hálito dos equinos. O passeio a cavalo é ótima terapia para portadores de síndrome de down.

Muitos hospitais do mundo inteiro já aceitam de bom grado a prática da oração como complemento ao tratamento hospitalar. Tem-se verificado estatisticamente o benefício que a oração traz na cura de várias moléstias.

O passe, através da imposição das mãos, era largamente utilizado por Jesus e pelos seus discípulos. Como já acontecia desde tempos imemoriais na China, no Egito, na Índia.

Modernamente, entretanto, seu surgimento, forçando as portas do ceticismo, deveu-se a um médico austríaco, Franz Anton Mesmer, ao publicar em 1775, em Viena, seus “Estudos sobre a Cura Magnética”.

Mesmer, formado em Filosofia, Teologia e Medicina, afirmava ter descoberto o magnetismo animal, estabelecendo, inicialmente, uma relação entre este e os influxos dos planetas, tentando reunir em suas teorias os estudos sobre a força da gravidade que Newton descobrira, para explicar a queda dos corpos, a atração dos planetas e o vaivém das marés.

Aproveitando as descobertas de Benjamim Franklin sobre os polos positivos e negativos que justificavam a transmissão do fluido elétrico de um corpo para o outro, Mesmer sugeria que o magnetismo animal era também um fluido que podia ser transmitido de uma pessoa para outra pessoa.

Vivíamos a era dos fluidos.

Pensava-se que a eletricidade fosse um fluido que transitava de um ponto para outro. O calor era considerado, também, um fluido que se transferia de um corpo para outro corpo. Acreditava-se que o universo estava mergulhado num fluido universal que se infiltrava em todas as coisas. Ainda se acredita nisso, hoje, embora sob nova conceituação.

Mesmer verificou certa feita, num caso de hemorragia, de que ele estava tratando, que o sangue estancava quando ele se aproximava do doente, e voltava a fluir quando do doente se afastava. Concluiu que tal fato se dava em virtude de alguma energia que saía dele para o doente de que cuidava.

Já havia lido sobre o caso da hemorroíssa que, ao se aproximar de Jesus, dele absorvera uma virtude que a curara do fluxo hemorrágico que a fazia sofrer havia já doze anos. Jesus sentira sair dele tal fluido e quis até saber quem fora o responsável por aquilo. Ao que Pedro estranhou, já que muitas tinham sido as pessoas que haviam esbarrado neles, no meio da multidão.

Começou a tratar diversos casos de doenças nervosas por processos magnéticos, curando muita gente, o que causou furor na França do século XVIII. Disso resultou uma nova especialidade médica: o tratamento pelo magnetismo, com a introdução nos tratamentos dos chamados passes magnéticos.

Era uma nova terapia que surgia.

Kardec chegou a utilizar o magnetismo antes de se dedicar ao estudo dos fenômenos mediúnicos que eclodiam em todo o mundo. Talvez tenha nascido disso a ideia de que teria sido médico, o que não é verdade.

A chegada do Espiritismo com novas informações sobre a existência e diversidade de fluidos estabeleceu uma certa ligação das técnicas adotadas pelo magnetismo com a prática do Espiritismo nos tratamentos das obsessões.

No último livro da codificação – *A Gênese* – há interessante estudo sobre os fluidos e os efeitos de sua aplicação.

O codificador, ao final de seu comentário ao texto da questão número 70, que trata do fluido vital, afirma: “A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se”.

Os magnetizadores desenvolveram técnicas na arte que procuravam praticar. E utilizavam dessas técnicas levando em consideração a diversidade das moléstias. Para isso adotaram vários tipos de passes, os chamados passes técnicos.

A Doutrina Espírita não se preocupou com isso. Não era matéria doutrinária. Como não é. Dessa forma, os primeiros espíritas aplicavam técnicas aprendidas fora da Doutrina, com os magnetizadores profissionais. Como os magnetizadores utilizavam o toque (para o estabelecimento da chamada relação magnética), e gestos espalhafatosos, os antigos espíritas os copiaram. Depois, a conveniência sugeriu que abandonássemos aqueles processos, desnecessários e às vezes comprometedores, e adotássemos processos mais simples, porque mais acordes com os princípios da Doutrina. Ou seja: abandonar o misticismo desnecessário e a encenação descabida.

Não são os gestos que fazem a transferência dos fluidos, mas a mente, a vontade, o desejo de ajudar.

Herculano Pires foi um defensor ardoroso da simplicidade na aplicação do passe. Dizia ele que, no passe, nada é tão simples quanto aplicá-lo. E recomendava que fizéssemos como fizeram Jesus e seus discípulos: pela simples imposição das mãos. Vontade firme de servir e crença na eficácia do que se está fazendo. Movimentar com a mente o fluido que lhe sobra para completar o que está faltando no companheiro que se quer ajudar.

André Luiz, em *Os Missionários da Luz*, dá-nos algumas indicações. Diz ele:

“O passista necessita: (a) ter grande domínio sobre si mesmo; (b) espontâneo equilíbrio de sentimentos; (c) acendrado amor aos semelhantes; (d) alta compreensão da vida; (e) fé vigorosa e (f) profunda confiança no Poder Divino. Mas..., na esfera carnal, a boa vontade sincera, em muitos casos, pode suprir essa ou aquela deficiência”.

E acrescenta:

“Um bom passista precisa, antes de tudo, equilibrar o campo das emoções. Não é possível fornecer forças construtivas a alguém, se fazemos sistemático desperdício das irradiações vitais. A mágoa excessiva, a paixão desvairada, a inquietude obsidente constituem barreiras que impedem a passagem das energias auxiliadoras. É preciso também examinar as necessidades fisiológicas. O excesso de alimentação produz odores fétidos, através dos poros, bem como das saídas dos pulmões e do estômago, prejudicando as faculdades radiantes, porquanto provoca dejeções anormais e desarmonias de vulto no aparelho gastrintestinal, interessando a intimidade das células. Por fim, deve evitar-se o álcool e outras substâncias tóxicas que operam distúrbios nos centros nervosos, modificando certas funções psíquicas e anulando os melhores esforços na transmissão de elementos regeneradores e salutaros. MAS... e se isso não for possível? Em todo lugar onde haja merecimento nos que sofrem e boa vontade nos que auxiliam, podemos ministrar o benefício espiritual com relativa eficiência”. E conclui: “Se a prática do bem estivesse circunscrita aos Espíritos completamente bons, seria impossível a redenção humana”.

Obsessão de difícil reversão

– “Manoel Filho estava cada vez pior!” - era a avaliação da mãe, profundamente desanimada.

A gente não havia notado novos grandes desequilíbrios no rapaz. Apenas aquela ansiosa inquietação. Não conseguia ficar sentado mais que dois minutos. Levantava-se, começava a andar pelo salão, parava, saía para fumar (duas ou três tragadas), voltava, tornava a sentar-se, para, logo depois, começar tudo de novo.

Dava pra notar que era um pouco lento no falar e um pouco mais lento ainda no entender. Não era agressivo. Fora um menino normal. Muito amado pelos pais e pelos amigos dos pais, extremamente bem relacionados na cidade em que viviam.

Seu pai, materialista e ateu, um dia, emocionado, me confessou:

– Arthur, se vocês curarem meu filho, eu me torno espírita imediatamente!

Como desejei curar aquele rapaz! Não pela promessa do pai, por quem eu tinha verdadeira adoração! Infelizmente, a cura da obsessão não depende só da gente. Podemos ajudar, e ajudar muito, mas a cura não depende só de nós.

Nas crises, Manoel Filho via imagens fortíssimas ligadas ao sexo e à homossexualidade, e ouvia palavras impúblicas, sonorizando as imagens. Concomitantemente, sentia um calor insuportável, como se estivesse sendo queimado vivo! O que o obrigava a abrir a geladeira e quase entrar dentro dela, despejando sobre sua cabeça litros e mais litros de água gelada, na ânsia de amenizar o sofrimento.

Eu não sabia dessas coisas. Soube-as pela mãe que, um dia, deslocou-se de sua casa até a minha, em Juiz de Fora, para, juntos, orarmos pelo filho querido. Éramos seis pessoas reunidas na sala: a mãe e um tio do Manoel Filho; Elizabeth, minha mulher; meu irmão Ali, Scheilla, minha prima, e eu.

Interessante lembrar que Ali e Scheilla não sabiam de nada. Sabiam que iríamos orar, como fizéramos tantas outras vezes, mas não sabiam para quem nem por quê!

Mal iniciamos a prece, Ali, bom médium vidente, descortinou a casa de Manoel Filho, localizando na biblioteca do Pai o quartel-general do obsessor. E deu um recado: Anita, minha mãe, Espírito, disse que nos preparássemos que ela, Abel Gomes e Scheilla (o Espírito, não a minha prima, ali presente) iriam trazê-lo para conversar conosco! Eu discordei! Não, nós não poderíamos receber aquele espírito, ali, na minha sala de visitas. Scheila (a prima), a única médium presente estava começando o desenvolvimento da mediunidade. Não tinha passado pelo COEM e, quando recebia, tanto apanhava o companheiro da direita, quanto o da esquerda, quanto o da frente! Batia com as mãos, esmurrava a mesa, dava pontapés, um horror! Pensei nas minhas louças, na mesa de vidro, nos enfeites, nos vasos... tudo iria para os ares! Não! Ali não! Noutro dia, noutro lugar, com outros médiuns, talvez...

Não teve jeito. Anita (Espírito) insistiu, dizendo que não tivéssemos medo, que tudo sairia a contento!

De repente, chega o Espírito... Espumava de ódio! Scheila (a médium), no entanto, não levantara um dedo. Nem um gesto. Calma, absolutamente calma! O Espírito fora imobilizado e por isso não fizera nenhum escarcéu.

Ali (meu irmão, não o advérbio) reviu duas encarnações sucessivas do Manoel e de seu indigitado obsessor. Viu datas, lugares e cidades onde os principais acontecimentos se deram. E viu mais: o obsessor, ou alguém por ele, incrustara no cérebro do Manoel uma espécie de fita magnética que, acionada a distância, produzia as imagens e os palavras que desencadeavam as crises, deixando-o alucinado, ao mesmo tempo em que um calor infernal lhe tomava todo o corpo!

Não vem ao caso narrar aqui os eventos responsáveis pelo ódio que se instalou entre os dois amigos de outrora, vinculando-os num processo obsessivo de difícil reversão.

É possível que hoje, passados quase cinquenta anos, com os novos conhecimentos adquiridos e com a experiência mais dilatada, num bom agrupamento mediúnico, a gente pudesse ter obtido resultados melhores dos que pudemos obter no drama daquele nosso saudoso irmão.

O Centro Espírita e a assistência social

Almiro, aviador desencarnado em acidente de aeronave que ele pilotava, substituindo o colega Dutra, em mensagem dirigida à esposa Alda em 1º de junho de 1962, através da psicografia de Chico Xavier, tenta consolá-la no seu desespero e, sentindo-a propensa ao trabalho na área da mediunidade, dá-lhe um conselho que serve para todos: “Você recolherá muitas alegrias novas no cultivo da mediunidade, mas comece, não pelos fenômenos, e sim pelo serviço ao próximo”.

E lhe fez, logo a seguir, um pedido: “Não me procure na legenda do cemitério. Quando você quiser comprar enfeites para o pequeno recanto de terra em que supõe lembrar-me com ternura, compre alimento para as criancinhas que choram”.

Indagado pelo Dr. Elias Barbosa sobre o empenho dos Espíritos superiores em nos conduzir, tanto quanto possível, para as obras de assistência social, Chico Xavier respondeu:

– “Emmanuel, Dr. Bezerra de Menezes, Batuíra, André Luiz e outros instrutores da espiritualidade nos dizem sempre que o Espiritismo, sem trabalho de auxílio aos semelhantes, deixa de ser o cristianismo redivivo que é, e deve ser, para ficar isolado em teorias e afirmações estanques.” E acrescenta: “Concomitantemente com a assistência social, os benfeitores da vida maior nos recomendam estudar sempre, porque, sem estudo, não saberemos raciocinar e sem raciocinar, com segurança, não saberemos discernir. Emmanuel reafirma sempre que devemos estudar e servir em qualquer idade ou situação”.

Drausio Rosin, desencarnado jovem, em doloroso acidente de carro, dirigindo-se aos pais em mensagem que Chico Xavier psicografou, em 17/10/1960, faz apelo que se repete em quase todas as cartas que os jovens desencarnados remetem a seus familiares:

– “Papai, há milhares de crianças e rapazes na penúria, necessitando de pais e mães tão carinhosos e tão bons quanto o senhor e mamãe. Aqui estamos aprendendo que a maior felicidade consiste em fazer a felicidade dos outros”.

As casas espíritas, os centros espíritas, o cidadão espírita têm que se envolver na importante tarefa de ajuda ao próximo.

Espiritismo é compromisso com a solidariedade; é a presença constante na vida do companheiro que sofre.

Como bem nos lembra um Espírito familiar, em mensagem recebida, em Paris, em 1850, e acolhida por Kardec no capítulo X de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “Deus permite que haja órfãos para exortar-nos a servir-lhes de pais”.

"Estou mais vivo do que nunca!"

Milton Claudino era um moço forte de Astolfo Dutra. Motorista de caminhão, passava a maior parte de sua vida cruzando as estradas deste País. Numa época em que nem se sonhava com asfalto!

Era materialista. Ateu, não acreditava em nada. Mas era um moço bom, útil à sociedade, trabalhador.

Um dia, retornando de uma viagem ao nordeste, na subida da serra de Muriaé, o caminhão desce pela ribanceira e ele morre na hora!

Dias depois, minha mãe é acordada de noite, com alguém batendo na janela e chamando pelo Amaury, meu irmão, a quem pedia em voz alta as chaves do caminhão acidentado. Minha mãe, pensando tratar-se de meu cunhado que pudesse estar pedindo socorro para a esposa em trabalho de parto, abre a janela e leva o maior susto! Era o Milton, espírito, que, ignorando sua condição de desencarnado, vinha buscar as chaves do caminhão que o Amaury recolhera, logo após o acidente. Ele pensava, então que pudesse continuar dirigindo.

Na noite seguinte, reunidos na Cabana Espírita Abel Gomes, casa-máter do Espiritismo em minha terra, nem precisamos evocá-lo. Lá já estava ele, levado pelos mentores da casa.

Sua comunicação foi muito interessante. Ele batia no peito da médium que lhe servia de instrumento e dizia, com convicção: - "Que é isso, Arthur?! Estou mais vivo do que nunca! A mesma capacidade de ver, de ouvir, de andar, de querer! Isso é morte? Que é isso?"

Levado à recordação do acidente, um dado plenamente revelador emerge dos fatos que ele próprio nos relata: Pouco antes da subida da serra, ele parara para abastecer o caminhão e tomar um café, espantando o sono que começava a chegar. Nisto um jovem desencarnado entra na cabine, como carona, e, inconscientemente vai minando as energias do caminhoneiro já cansado.

No ponto mais crítico da subida da serra, nosso amigo cochilou. E o inevitável aconteceu.

Sessões da minha juventude

Tinorinho chegou amarrado, dentro de uma camisa de força. Seis homens o trouxeram de Piraúba. Estava amordaçado para não continuar falando tantos palavrões! Os familiares haviam tentado de tudo; nada dera resultado! Foi piorando, piorando, piorando... Chegara agora ao último furo. Estava incontrolável. Avançava nas pessoas; agredia-as, ameaçava-as. Quatro homens não conseguiam segurá-lo. Derrubava-os a todos. O jeito foi amarrá-lo. Por isso, quando chegou a Astolfo Dutra, escoltado por seis homens fortes, estava completamente imobilizado.

Anita aproximou-se e pediu que o desamarrassem. Os homens se entreolharam e não quiseram atender-lhe o pedido. Um deles falou, com cuidado: - Ele está muito violento, Dona Anita. Se nós o desamarrarmos vai ser uma confusão dos diabos! – Não vai, não - disse Anita, com convicção. E se dispunha ela mesma a soltar as amarras, quando os homens, encorajados pela fé daquela mulher, fizeram o que ela pedira. Tinorinho não deu um pio; não fez um gesto; nem uma palavra sequer. Ela agradeceu aos acompanhantes, despediu-os de volta e, calmamente, mão no ombro do moço, conduziu-o para dentro de sua casa. Acomodou-o num quarto que havia para hóspedes eventuais, iniciando ali mesmo, e naquela hora, o tratamento do rapaz. Passe, água fluidificada de duas em duas horas, sessão de desobsessão, à noite, na Cabana Espírita Abel Gomes. Eu penso que já disse em algum lugar que o termo Cabana não tem qualquer conotação com Umbanda. Sem querer desmerecer nossos irmãos umbandistas, em cujo seio tenho amigos excelentes, como médiuns e como pessoas, quero dizer isso porque, sempre que evoco o centro da minha juventude, vejo nos que estão me ouvindo um certo ar de espanto. Os construtores do centro, lá por volta de 1934, quiseram dar-lhe um nome bem simples. Pensaram em casebre, choupana, cabana. Prevaleceu Cabana!

Memoráveis as sessões de desobsessão da minha juventude! Laura Pacheco, Diva Pires, Sebastião Diogo, Anita Borela. Palmira Martins, Elisa Linhares, Dona Menina... Médiuns notáveis que auxiliados por Totone Braga e Geraldo Diogo, sob a direção de Astolfo Olegário ou Mário Vitoriano, realizaram trabalho inestimável em favor de obsidiados e obsessores, na predestinada cidade de Astolfo Dutra, Minas Gerais.

Poucos dias depois, estava de volta, são e salvo, ao convívio da família o nosso Tinorinho, cidadão Antenor Lamas, para reorganizar sua vida e reconstruir o seu lar.

Tinorinho foi apenas um dos inúmeros casos de obsessão que encontraram a cura e a orientação naquela abençoada casa de Abel Gomes!

Estou mais leve que você

Era final de ano. No salão, espalhadas pelo chão, sacolas, em profusão, com roupas, algum alimento, brinquedos, guloseimas, que iríamos distribuir a famílias carentes cadastradas durante o ano. O chão estava todo tomado. Apenas uma estreita passagem permitia-nos caminhar da porta de entrada do Centro até a mesa diretora, onde iríamos realizar aquela que seria a última reunião mediúnica do ano.

Parece brincadeira, mas um dos maiores problemas que enfrentávamos, todos os anos, na organização do nosso natal, era conseguir sacolas para acondicionar os presentes. Tinham que ser amplas e fortes para suportar o peso dos presentes e não se romper na caminhada que os portadores teriam que fazer do Centro até suas casas, muitas vezes, bem distantes.

Aí encontrei um amigo, dono de uma fábrica de sacolas, que havia fechado o estabelecimento, mas dispunha em estoque de apreciável quantidade de sacolas que não chegaram a ser comercializadas. Nos deu todo o estoque. Ficamos livres daquele problema por bem uns cinco anos!

Iniciamos a reunião. Imediatamente, uma de nossas médiuns, que não conhecia nem o personagem nem o fato, informou: - Arthur, está aqui, lá no fundo do salão, o moço que lhe deu as sacolas que estão espalhadas pelo chão. Ele não sabe que morreu. Está bem, mas surpreso por não compreender de que maneira veio parar aqui, em Guarani. Seu pai está com ele.

De fato, meu amigo José Pacheco, industrial muito conceituado na cidade de Cataguases, havia falecido poucos meses após me dar as sacolas. Acidente de carro, em que faleceu, também, um sobrinho dele. E o interessante é que ele não comparecia ali como um acidentado não. Estava normal, sem ferimentos, sem qualquer sinal de que houvesse falecido em desastre,

Convidei-o a aproximar-se de nós, tratando-o como uma pessoa normal. Meu pai (espírito) localizou-o junto a Marisa, através de quem ele começou a conversar com o grupo. Falei-lhe das sacolas; agradei-lhe novamente. Ele minimizou a doação, lembrando que ele as dera vazias. Dizia que nós é que tínhamos o mérito das doações por termos colocado dentro delas tantas coisas úteis às pessoas que as iriam receber.

Eis senão quando ele nos diz uma coisa interessante, abordada por Kardec.

– Que estranho, Arthur, sinto que você está bem mais pesado do que eu, e eu muito mais pesado que seu pai. Como entender isso, rapaz? – perguntou ao final.

Foi o suficiente para abordarmos da maneira mais suave possível o fenômeno que ocorrera com ele. Serenamente, ele absorveu o esclarecimento, reviu o acidente, lamentou a partida do sobrinho, agradeceu muito ao grupo, e se deixou levar pelos companheiros espirituais que o haviam trazido ali.

Encontro com a fé

Luiz Alberto Py, médico, especializado em Psiquiatria, como o pai, e, posteriormente, psicanalista, teve uma carreira de muito sucesso. Sucesso que lhe possibilitou ganhar muito dinheiro em pouco tempo.

De repente, sem que pudesse esperar por isso, começou a questionar sua vida, sobretudo no tocante à escolha de sua vitoriosa carreira. Tinha dúvidas se a opção pela Psiquiatria e, depois, pela Psicanálise, tivesse ocorrido por influência da profissão do pai ou por vocação verdadeira. Desde criança, ele se imaginava escritor. Sonhara com isso. Escrever seria o seu sonho maior!

Fechou o consultório e foi para os Estados Unidos, a fim de se submeter a análise com um dos maiores psicanalistas do mundo. Afinal, ganhara muito dinheiro e poderia dar-se a esse luxo. Ao fim de alguns anos nos Estados Unidos, chegou à conclusão de que, de fato, psicanálise era a sua praia, o seu negócio, a sua vocação. E voltou ao trabalho.

Mas a vocação do escritor gritava lá dentro. A solução foi conciliar uma vocação com a outra. E além de atender com proficiência aos que batiam às portas do consultório, começou a escrever livros e crônicas, abordando sempre os mistérios da alma humana, consolando uns e levantando outros.

Dr. Luiz Alberto era materialista e ateu. Nunca precisara de Deus para reequilibrar seus clientes. Sua ciência lhe bastava. Até que, um dia, o sofrimento bateu forte à sua porta. Três filhos sofreram, juntos, acidente de carro. Um dos três, o de dezoito anos, ficou longos dias entre a vida e a morte. Os colegas médicos que dele tratavam, permanentemente, no centro de tratamento intensivo, já não acreditavam na recuperação. E o jovem começou a ter reações nervosas, estranhas, violentas, tais que os médicos foram obrigados a amarrá-lo no leito. Dr. Luiz Alberto estava arrasado. Ofereceu-se para ficar ao lado do filho, desamarrado, e passava as noites com ele.

Não se sabe quem sofria mais: se o filho que estava a se despedir da vida, se o pai que se sentia inútil, incapaz, diante do filho que estava morrendo.

Depois de uma dessas noites em que o desespero atinge o grau maior, Dr. Py, arrasado, chegou em casa e atirou-se na cama. De repente, sentiu necessidade de orar. Não se lembrava qual fora a última vez, na infância distante, em que buscara aquele Deus em quem não acreditava mais. Nem sabe por quê, de repente, teve vontade de orar. Talvez a prece fosse o último recurso, a única saída. Para salvar o filho ou salvar-se a si próprio de amargura tão grande.

E começou a conversar com Deus. Ofereceu sua vida em troca da vida do filho. Ele já tinha vivido cinquenta anos e da vida colheira tudo o que ela oferece de mais belo e de mais nobre. Mas o filho, não. Estava a morrer sem a menor chance de conhecer aquilo que o pai conhecera; sem desfrutar daquilo que o pai desfrutara. As lágrimas desciam, lavando-lhe o rosto. Estava definitivamente arrasado! Atirou-se à cama e dormiu o mais intenso sono de sua vida.

Quando acordou, sentiu que era outro. Com ele acordara também uma esperança nova: sentiu que o filho não morreria. Correu ao hospital! O filho começara a reagir; era a cura que chegava devagar; a vida que ressurgia de novo!

Era o reencontro, pela força do sofrimento que humaniza as pessoas, do filho Py com o Pai, que é Deus.

Causas das aflições

Um dos problemas que mais afligem a mente humana é entender por que o sofrimento está de tal forma associado à vida das pessoas.

Não há, praticamente, nenhuma pessoa no mundo que não defronte, em algum momento de sua vida, com problemas de perturbação e de dor.

São as vicissitudes da encarnação a que se referem os Espíritos.

Podemos catalogar algumas dessas vicissitudes:

Doenças sérias, crônicas ou não: quem vive o problema conhece-lhe a extensão; quem não o conhece pode imaginar o sofrimento que envolve uma dessas doenças em pessoas da família;

Dificuldades no lar por motivos diversos: casamentos provacionais; separações; traição; falsidade; infidelidade; decepções com o companheiro ou com a companheira; ingratidão dos filhos; desrespeito de qualquer natureza; agressões físicas ou morais; alcoolismo; friquidez nas relações; egoísmo, comodismo, intolerância, mau humor; filhos-problemas (drogas, rebeldia, tendências viciosas, desvios sexuais, dificuldades de adaptação, autismos, deficiências de toda ordem, ojeriza ao trabalho, ociosidade, mau humor);

Dificuldades financeiras por falência; desemprego, remuneração insuficiente; maus negócios; jogos de azar;

Convivência difícil com vizinhos complicados; colegas de serviço individualistas e desrespeitosos; padrões insensíveis; rejeições; assédio sexual;

Calúnia, difamação, fofocas comprometedoras; suspeições;

Injustiças sociais: não reconhecimento no emprego; na sociedade; nos agrupamentos a que se dedica, nos clubes que frequenta; na Igreja de sua fé;

Escolha errada de profissão;

Trabalho profissional desagradável;

Deficiências incapacitantes;

Dependência de terceiros.

Enfim, uma lista enorme da qual, alguns itens, de certo, tocam-nos de perto. E a gente quer saber. E se pergunta: – Por quê? Qual a razão? Vontade de Deus? Capricho da Providência?

Recomendam-nos paciência, sempre, os pais, os amigos, os religiosos. Que Deus sabe o que faz! Que Ele tem uma programação para nós. Que Deus é justo; é perfeito!

A gente vai suportando até onde dá, mas um dia reclama: – Será justo isso? Que fiz eu, meu Deus, para sofrer assim?

Eis a questão: Que fiz eu para sofrer assim? – Exatamente, aí está o problema.

No fundo do coração, lá dentro da alma, bem nos porões da nossa consciência, persegue-nos essa questão: Que fiz eu para sofrer assim? A gente sabe que alguma coisa fez para que o corretivo da dor nos alcance de qualquer forma.

Parece claro que o sofrimento, as doenças, as dificuldades não existem por vontade ou capricho de Deus. É até um desrespeito à inteligência e à misericórdia de Deus pensar dessa maneira. Deus não quer o sofrimento de ninguém; nem que algum de seus filhos se perca no caminho.

Deus é amor e só amor tem para nos dar. Mas, para o perfeito funcionamento do Universo e das coisas que o compõem, criou leis. Leis sábias, justas, perfeitas. Uma dessas leis, base das outras, é a lei de causa e efeito. A todo efeito corresponde uma causa, ou seja, não há efeito sem causa. O sofrimento é um efeito. Qual será a causa?

Os Espíritos nos informam que as causas de nossas aflições promanam de duas fontes bem diferentes, que importa distinguir. Umas são fruto da vida presente; outras vêm de existências anteriores.

De fato, remontando-se à origem dos males terrestres, reconheceremos que muitos são consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam.

Kardec, examinando a questão, no capítulo quinto de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, assim se expressou com toda a força de sua lógica:

“Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

“Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos!

“Quantas uniões infelizes por resultarem de um cálculo de interesse, ou de vaidade, e nas quais o coração não tomou parte alguma!

“Quantas dissensões e funestas disputas se teriam evitado com um pouco de moderação e menos suscetibilidade.

“Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero! Álcool, fumo e drogas são os responsáveis pelo maior número de internações em nossos hospitais.

“Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram, desde o princípio, as más tendências! Por fraqueza, ou indiferença, deixaram que neles se desenvolvessem os germens do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que produzem a secura do coração; depois, mais tarde, quando colhem o que semearam, admiram-se e se afligem da falta de consideração com que são tratados e da ingratidão deles.

“Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida; remontem, passo a passo, à origem dos males que os torturam e verifiquem se, às mais das vezes, não poderão dizer: Se eu houvesse feito ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição.

“A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo?

“O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios.

“Os males dessa natureza fornecem, indubitavelmente, um notável contingente ao cômputo das vicissitudes da vida. O homem as evitará quando trabalhar por melhorar moralmente, tanto quanto intelectualmente.

“A lei humana atinge certas faltas e as pune. Pode, então, o condenado reconhecer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não atinge, nem pode atingir todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progridam e, portanto, não deixa impune qualquer desvio do caminho reto. Não há falta alguma, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei que não acarrete forçosas e inevitáveis consequências, mais ou menos deploráveis. Daí se segue que, nas pequenas coisas, como nas grandes, o homem é sempre alcançado naquilo que errou, porque o erro humano – qualquer que seja – altera o equilíbrio da vida e descumpra a lei do amor, essência do código divino. Os sofrimentos que decorrem de seu erro são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, de futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se corrigisse.

“Mas, se há males nesta vida cuja causa primária é o homem; outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais ainda os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho; as deformidades, a idiotia, o cretinismo etc.

“Os que nascem nessas condições, certamente nada hão feito na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que, pois, seres tão infelizes, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos de todos os modos?

“Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma filosofia pode resolver, anomalias que nenhuma religião pode

justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo em que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para se verem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, visto que não têm podido praticar nem o bem, nem o mal?

“Todavia, em virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que não têm de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é porque fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus.

“O homem nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea: se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: Perdoa-me Senhor, porque pequei”.

A propósito da fé

Na questão 257 do livro “O Consolador”, indagado se a Esperança e a Fé devem ser interpretadas como uma só virtude, Emmanuel respondeu:

“A Esperança é a filha dileta da Fé. Ambas estão, uma para outra, como a luz reflexa dos planetas está para a luz central e positiva do Sol. A Esperança é como o luar que se constitui dos bálsamos da crença. A Fé é a divina claridade da certeza”.

Na questão 253, ele já houvera afirmado que “a virtude (e a fé é uma das mais importantes virtudes) é sempre sublime e imorredoura aquisição do espírito nas estradas da vida, incorporada eternamente aos seus valores, conquistados pelo trabalho no esforço próprio”.

Kardec, no subtítulo de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, afirma:

“Fé inabalável só é a que pode encarar a razão, face a face, em qualquer época da Humanidade”.

No capítulo XIX do livro citado, analisando a expressão de Jesus de que a fé do tamanho de um grão de mostarda é capaz de transportar montanhas, ele distingue:

“A fé no sentido próprio é a confiança que o homem tem em suas próprias forças e que o torna capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si. Noutra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim”.

E esclarece:

“O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética. Por seu intermédio o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível”.

Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais que constituem as diferentes religiões. Todas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, pode a fé ser raciocinada ou cega. Nada examinando, a fé cega aceita tudo, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo.

A fé não se impõe. Adquire-se e ninguém há que esteja impedido de possuí-la. Em certas pessoas ela parece inata, sinal evidente de progresso anterior.

A fé tem de ser ativa. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, cumpre-lhe velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que gerou.

Acolhimento

Eu tenho observado em nosso movimento um descuido muito grande em relação às pessoas que chegam pela primeira vez a um centro espírita para ouvir uma palestra em reuniões públicas. O cidadão entra e sai como toucinho dentro do saco. “Toucinho dentro do saco” era uma expressão muito utilizada por meu pai, quando se referia a alguém que participava de um evento sem que ninguém notasse sua presença.

Outro dia eu acompanhei meu filho Ricardo a Ubá, onde, no centro principal daquela cidade, ele faria a palestra da noite. Entrei e saí da casa sem que ninguém notasse minha presença. Nem um boa-noite, quem é você, de onde vem, por que veio etc. Nada, absolutamente nada. Eu nem estranhei, porque é isso que acontece em quase todos os centros espíritas que tenho visitado. Parece que não há o menor interesse em receber, na casa, novos companheiros.

E não é só no Brasil, não. Minha neta, atualmente estagiando na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, conseguiu descobrir um centro espírita, duas horas distante de sua morada, e lá compareceu. É um pequeno centro em cômodo alugado, criado por duas ou três famílias de brasileiros que lá residem. Pois bem: ela compareceu a uma das reuniões e, do jeito que entrou, saiu. Como o tal toucinho no saco.

Precisamos corrigir isso. Se cada um, em seu centro, tomar esse trabalho a peito, em pouco tempo teremos corrigido essa lamentável omissão. Às vezes precisamos de um eletricista e ele está ali, na segunda fila, sem ninguém saber disso. Quantas vezes, nas cidades maiores, precisamos de um encanador, de um pintor de parede, um marceneiro, e temos dificuldades de encontrar, quando aquele profissional de que precisamos está ali sentadinho na plateia sem que ninguém se dê conta disso.

É preciso nos conhecermos melhor. Afinal, somos irmãos ou não? Temos que conhecer nossos companheiros, onde moram, o que fazem, como descobriram a doutrina, que família têm, filhos ou não, como nos contatar com eles etc.

É preciso acolher quem chega, com carinho, com interesse, com alegria. Às vezes quem chega tem imensa necessidade de ser amado, reconhecido, ajudado. Não pode sair da casa sem receber pelo menos um boa-noite, ou um abraço.

Ação e religião solidária

Hoje, felizmente, com a ação solidária desenvolvida pela administração pública, restou pouco a fazer a título de beneficência. Não é que não existam ações a desenvolver na área da solidariedade social. Há muita coisa ainda a fazer. Basta ter criatividade, disposição e vontade. Acho que devemos começar pela casa.

Se não aprendemos a dar a nossa contribuição pessoal à administração da casa, fica difícil pensar em estender nosso trabalho para fora dela.

Talvez esteja faltando tempo para darmos um pouco mais de nós às tarefas do Centro. O certo é que está faltando gente e colaboração.

Faltam-nos, por exemplo, companheiros que se disponham (1) a administrar nossa biblioteca; (2) a assumir a evangelização das crianças; (3) a organizar, dirigir e administrar reuniões com os adolescentes; (4) a participar das tarefas de divulgação da Doutrina; (5) a participar dos trabalhos mediúnicos; (6) a participar das aplicações de passes; (7) a se dedicar às tarefas de atendimento fraterno (material ou virtual).

Penso que poderíamos, resolvidas essas carências, atuar na rua, visitando hospitais, asilos, presídios, residências, escolas, grupos de serviço etc.

A título de ação externa poderíamos começar por pequenas tarefas, como:

1. Criação de uma pequena banca de venda de livros espíritas. O mercado é pequeno, mas a carência é grande.

2. Atendimento anual a crianças de recursos financeiros limitados, ou totalmente carentes, com o fornecimento de material escolar (lápiz, papel, cadernos, livros de história etc.); cobertores; alimentação eventual; presentes por ocasião do Natal e do dia das crianças.

3. Escolha de um bairro, por ano, para nos fazermos presentes junto aos necessitados.

4. Visitas habituais a doentes, pessoas abrigadas em asilos ou cumprindo pena na cadeia local.

Recursos necessários ao atendimento dessas atividades poderiam ser levantados através de doações de pessoas físicas e jurídicas ou através de eventos sociais como jantares, bazares, leilões etc.

Adoração

Eu gostaria de perguntar a vocês: – Vocês acham que Deus nos criou para que nós vivêssemos a adorá-lo? Ajudem-me. Eu tenho dificuldades enormes para entender isso.

– Que significa adorar a Deus?

Eu me pergunto sempre: O que faz um pai feliz? O que faz uma mãe feliz?

Será que Deus gosta que a gente, o dia inteiro, a vida inteira, fique dizendo a Ele que O ama? Que Ele é misericordioso, poderoso, justo, sábio, bom?

Será que nós, pais terrenos, gostaríamos que nossos filhos, o dia inteiro, aonde fôssemos, estivessem ao nosso lado nos bajulando, nos elogiando, dizendo que nos amam, que nós somos bons, inteligentes, sábios, fortes, justos? Será?

Mas o que faz ou torna um pai feliz? Suponho que o que faz um pai feliz é ver que seus filhos são amados por todos. Respeitados, invejados. Por serem úteis à sociedade; por serem bons no conceito de todos. Nem é importante que sejam belos, sadios, fortes. Mas que sejam generosos, afetuosos, companheiros, presentes na vida das pessoas, úteis à sociedade a que pertencem.

O que espera Deus de nós? Deus ama apenas os que o amam? Deus olha e ampara apenas os que observam as suas leis? Deus quer que seus filhos o amem? Sente falta disso?

As plantas adoram a Deus? Sabem que Deus existe? Os animais irracionais adoram Deus? Sabem que Deus existe? Deus os abandona por causa disso? Deus não cuida com o mesmo carinho das plantas e dos animais; da natureza e dos homens? Então?

Todos os seres vivos têm em si um princípio espiritual, essa centelha que não desaparece quando a matéria se desfaz. É esse princípio que lhes possibilita a vida.

Kardec, n' *O Livro dos Espíritos*, aceitou e admitiu a lei de adoração como uma das principais leis naturais. Não como uma imposição da vida, mas como consequência dela. À medida que o homem cresce, em conhecimento e em virtude, ele se dá conta da vida que recebeu daquele que o criou e, grato, começa a querer amá-lo como prova de reconhecimento e gratidão.

Penso que adorar a Deus é respeitar as suas leis e cumprir com entusiasmo e disciplina a tarefa que foi confiada a cada um na encantadora, mas difícil viagem da encarnação. Nada de manifestações exteriores. Vida limpa, produtiva, exemplar. Penso que é isso o que Ele espera de nós.

A Fundação Espírita Abel Gomes

A fundação ou o asilo, como carinhosamente a chamavam os habitantes de Astolfo Dutra (MG), foi uma instituição que iniciou suas atividades (recolher, amparar, e educar meninas abandonadas pela família) no ano de 1942.

Digo que foi, porque se viu obrigada a encerrar definitivamente a sua ação de recolher crianças de ruas para torná-las cidadãs normais dentro do contexto social do país.

Em sua história registra-se o amparo completo a mais de duzentas meninas, do berço ao casamento, que lhes permitiu formar, sob a bênção de Deus e a inspiração da doutrina espírita, duzentas e tantas famílias bem orientadas e integradas no processo produtivo do país.

Não encerrou por ocorrência de irregularidades que muita vez se têm identificado em algumas instituições dessa natureza. Nunca faltou às crianças nela abrigadas assistência médica, dentária, psiquiátrica, psicológica, social etc. Atendiam-nas, quando necessário, profissionais dedicados que se punham ao lado da instituição para que nada faltasse no processo de crescimento e educação das meninas.

Fechamos porque fomos obrigados a fechar suas portas. De repente, a partir do tal estatuto de assistência e amparo à criança e à adolescência tornou-se impossível à sociedade civil fazer aquilo por que nunca se interessou a administração pública no país: amparar e abrigar crianças abandonadas nas ruas para torná-las cidadãs úteis à sociedade brasileira.

De repente, passou-se a exigir de nós coisas que nunca fizeram falta ao desenvolvimento de nossa atividade. Teríamos que contratar médico, dentista, psicólogo, assistente social, efetivos, todos pagos com o nosso bolso, porque a administração pública deste país, municipal, estadual e federal, jamais nos havia ajudado com um tostão sequer. Porque não tínhamos recursos, nós e os poucos amigos que nos ajudavam, para atendermos a tantas exigências, e porque discordamos em grande parte do que está a exigir-se das casas de amparo aos abandonados, resolvemos fechar a casa.

Que as crianças abandonadas, como quer o citado estatuto, continuem pelas ruas, viciando-se, corrompendo-se, prostituindo-se, tornando-se mulas para distribuição de drogas, quando não criminosos perigosos e irre recuperáveis.

O mau humor

Vimos em uma de nossas conversas anteriores que, ao desembarcarmos aqui para uma nova experiência encarnatória, trazemos entre outras coisas que constituem a nossa tarefa (missão, podemos dizer) três compromissos básicos: 1) compromisso com nós próprios; 2) compromisso com o próximo; 3) compromisso com o planeta, nossa casa, nossa escola, nosso hospital.

O compromisso com o planeta é óbvio. Implica respeitar suas águas, suas florestas, sua fisionomia, suas energias etc. Não podemos matar os rios, porque também estaremos matando os peixes, um dos mais saudáveis e importantes alimentos de nossa culinária.

O compromisso com o próximo, embora não muito evidente, também é fundamental. É desse convívio com aqueles que Deus pôs no nosso caminho que vamos crescer e evoluir. Não importa quem eles são; de que matéria são feitos. São eles a matéria-prima sobre a qual vamos desenvolver o nosso trabalho, aprendendo a ser mais humildes, mais solidários, mais fraternos enfim. Às vezes essa convivência com o próximo é muito difícil. Não importa: é o de que precisamos segundo o que pensam os que nos prepararam a descida.

O compromisso com nós próprios é que exige cuidado e atenção permanentes. Nosso corpo é a ferramenta que Deus nos deu para essa admirável travessia. Alguns se queixam do fígado, outros do intestino, outros da coluna (minha mulher não deixa de reclamar da coluna nem um só dia de sua vida). É isso mesmo: esses problemas também fazem parte do nosso quite encarnatório.

O compromisso com nós próprios exige respeito às leis da alimentação, da higiene, do convívio social, do trabalho e com os exercícios que nos mantêm robustos e sadios.

Um dos cuidados mais importantes que nós gostaríamos de discutir com vocês é o que se refere às pequenas ou grandes complicações que nos levam a leve ou a sério descontrole emocional, prejudicando demais a nossa saúde e trazendo sofrimento àqueles que estão à nossa volta.

Queremos falar do mau humor, essa praga que nos assalta várias vezes na vida.

Dr. José Antônio Amaral, pesquisador do Hospital das Clínicas de São Paulo, diz que episódios de mau humor ou irritabilidade eventualmente ocorrem até várias vezes no mesmo dia. (O trânsito, a saúde, a segurança, a burocracia, o preço e a qualidade dos alimentos, o mau funcionamento do telefone, as filas de toda ordem etc. etc.) Diz que é natural ter diferentes tipos de emoções como tristeza, alegria e ansiedade. Não podemos é deixar que nos controlem.

O mau humor pode até ser perigoso.

Enquanto cientistas sabem que pessoas cronicamente irritadas são mais propensas a desenvolver doenças do coração; um estudo feito em 1995 por pesquisadores da Universidade de Harvard, com mais de 1600 vítimas de ataque cardíaco, descobriu que um único episódio de raiva duplica a possibilidade de uma crise cardíaca nas duas horas seguintes.

Assim, dominar o humor pode ser uma questão de vida ou de morte.

Para combater o mau humor, os especialistas recomendam-nos sete ações:

1. Identificar o problema. (Visita inesperada, problema financeiro, aborrecimento no trabalho, problema com o filho etc.)
2. Respeitar o seu ritmo: comer como está habituado, trabalhar como de costume etc. A temperatura do corpo varia durante as 24 horas do dia: a mais elevada verifica-se pela manhã; a mais baixa, depois do almoço, e à noite.
3. Dormir o suficiente: nem mais nem menos.
4. Manter contacto com a natureza.
5. Movimentar-se: exercícios físicos; caminhada de 30 minutos, natação, hidromassagem. (Liberação de betaendorfina, que também participa da regulação do humor.)
6. Alimentar-se de forma correta e beber de 6 a 8 copos de líquido por dia.
7. Cultivar o otimismo.

A mensagem de João

Daniel, interpretando o estranho sonho de Nabucodonosor, profetizara que o Deus do céu, no tempo certo, suscitaria um reino que jamais seria destruído; que, a partir daí, o poder sobre o povo de Israel não passaria de novo a outro povo; que Deus esmiuçaria e consumiria todos os outros reinos, mas o de Israel subsistiria para sempre.

Os judeus sempre tinham vivido sob o jugo de outros povos. Foram escravos dos persas, dos fenícios, dos babilônios, dos egípcios. Em sua história jamais haviam conhecido independência e soberania por mais de vinte anos seguidos. E sonhavam intensamente com a vinda de um salvador, um enviado, um Messias que lhes assegurasse esses bens para sempre.

Isaías, prosseguindo na trilha aberta por Daniel, prevenindo sua gente, deixa-lhes um sinal: antes do restaurador do reino, do Messias prometido, há de voltar Elias, o profeta maior, que, vindo do deserto, preparará os caminhos do Senhor.

Eis senão quando aparece João pregando no deserto.

João era filho de um sacerdote, Zacarias, e seu nascimento lhe fora anunciado por um Espírito quando Zacarias se preparava para, dentro do santuário, fazer a queima do incenso. Zacarias, lá dentro, e o povo todo cá fora, orando, aguardando que ele voltasse do santuário para os ofícios do dia. Sua mulher, Isabel, era estéril e avançada em idade, sem, pois, qualquer possibilidade de engravidar.

Quando o Espírito lhe aparece, em pé, à direita do altar, Zacarias enche-se de medo. Afinal nunca houvera passado antes por um fenômeno daquela natureza.

Disse-lhe, então, o Espírito: “Zacarias, não temas. Tua oração foi ouvida e Isabel te dará um filho a quem chamarás João. Em teu lar haverá muita alegria. Muitos se regozijarão com o nascimento de teu filho. Ele será grande diante do Senhor. Não tomará vinho nem qualquer bebida forte e virá cheio do Espírito desde o ventre materno. Converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor Deus. Traz o espírito e poder de Elias, para converter os desobedientes e levá-los à prudência dos justos, habilitando-os para o Senhor”.

Zacarias duvidou do que acabara de ouvir. Como acreditar naquilo se já era velho e a mulher também avançada em idade? O Espírito insistiu: – Eu sou Gabriel, e cumpro a vontade de Deus. Fui indicado para trazer-te a notícia. Todavia, como não acreditaste nas minhas palavras que, a seu tempo, se cumprirão, ficarás mudo e nada poderás falar até o dia em que estas coisas se realizem.

Cumprido o tempo, sai João a pregar pelas tortuosas estradas da Palestina.

Corria o décimo quinto ano do reinado de Tibério, sendo Pôncio Pilatos o governador da Judeia.

Dizia João às pessoas que saíam para ouvi-lo e por ele serem batizadas: “Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, já, frutos dignos de arrependimento e não venhais dizer que tendes por pai a Abraão, porque eu vos afirmo que Deus, destas pedras, pode suscitar filhos a Abraão. Sabei que o machado está posto à raiz das árvores. E que toda árvore que não der fruto será cortada e lançada ao fogo”.

Assustada, a multidão perguntava: – Que devemos fazer, então?

João orientava: – Quem tiver duas túnicas, dê uma a quem não tem nenhuma. Não vale você estar aquecido quando o seu irmão está morrendo de frio. E quem tiver comida sobrando na despensa de sua casa dê parte dela a quem está passando fome.

Os publicanos, responsáveis pela cobrança de impostos, de cuja atividade construía ilicitamente enorme prosperidade, preocupados, também perguntavam: – E nós, João, o que devemos fazer?

João respondia-lhes: – Não cobreis mais do que o que está estipulado na lei. Excesso de exação é crime, bem sabeis.

E aos soldados que também queriam orientar-se sobre como agir, era clara a mensagem de João:

– A ninguém maltrateis. Tratai todos, pobres e ricos, da mesma maneira, não dando nem aceitando denúncias falsas contra ninguém e, sobretudo, contentai-vos com o salário que a sociedade vos paga.

Mas a todos João fazia questão de lembrar: – Eu vos estou batizando com água; virá, porém, depois de mim, alguém muito maior que eu e de quem não sou digno nem de amarrar-lhe as sandálias. Esse vos batizará com o fogo do esclarecimento e da verdade.

Como se recorda, a mensagem de João dava ênfase ao arrependimento. Mas não ao arrependimento comum, simples, descompromissado. Era o arrependimento comprovado pelas obras; seguido de exemplos. Arrependimento que vale. Arrependimento definitivo, que significa mudança de mentalidade, de atitude, de comportamento. Começo de vida nova; de um novo proceder, de hábitos e comportamentos novos.

Alguns companheiros filiados a outras escolas religiosas, com influência cristã, fizeram do arrependimento uma tábua de salvação. Para eles, basta arrepender-se para se salvar. Às vezes, no último momento. Na hora de morrer, se o cidadão se arrepender e crer no Cristo será salvo. É isto mesmo? Será?

Dizem os Espíritos que não. O arrependimento é o primeiro e importante passo na direção nova. É o começo da jornada pela renovação. Arrepender-se é tomar conhecimento de que o que se está fazendo contraria as leis da vida gravadas na nossa consciência por ordenamento de Deus. É mudar o rumo das coisas. É romper com hábitos antigos, renovando atitudes. É produzir reforma profunda na nossa maneira de agir.

Arrependimento é o primeiro passo. Depois, reconstruir; resgatar compromissos, consertar o que se estragou. Resgatar...

Resgate ou expiação, o segundo passo. O arrependimento sozinho não acumula crédito. É apenas a abertura de conta. Resgate ou expiação não se faz sem sofrimento. E muita gente pensa que o sofrimento leva a pessoa para o céu. Que a dor é o passaporte para o Paraíso. Ledo engano. A dor é pressuposto, porque só podemos pensar em subir quando estivermos curados. E a dor é forma de tratamento. É cirurgia na alma. Refazimento de tecidos que destruímos; limpeza das manchas que sujaram a nossa vestimenta espiritual. A dor educa porque nos mostra quão pequenos nós somos; desafia nosso orgulho, nosso personalismo, nossa mania de grandeza. Lembra-nos que somos iguais aos outros, quando não, piores, muitas vezes.

O terceiro passo é a reparação. Reparação é o nosso reencontro com as pessoas que prejudicamos; com os companheiros a quem ferimos; com aqueles que esbulhamos, humilhamos e fizemos sofrer. Limpar do coração deles, com o afeto de agora, a mágoa que nossos erros fizeram nascer antes, com tanta revolta e sofrimento. Dar hoje o que lhe negamos outrora. Recuperando pessoas e reconstruindo amizades que destruímos tão estouvadamente. Enfim, reparar. Reparação é moeda acumulada no caminho da conquista final. Essa é a moeda que conta e que nos acompanha à eternidade.

É inevitável ocorrerem os três passos para a nossa ascese definitiva. Arrependimento, resgate, reparação: três fases indispensáveis no processo de crescimento espiritual.

O computador, o cérebro e o homem

Há uma ciência nova que está mapeando os meandros do cérebro, desvendando quase todos os seus segredos: qual a microrregião do córtex que nos permite ver, ouvir, falar, sentir os perfumes, reconhecer o gosto do que se come ou se bebe; que neurônios responsáveis são por levantarmos a mão, darmos um chute na vida ou um soco no espaço; que parte do córtex nos faz sentir emoções, registrar os fatos, amar ou odiar alguém. Onde, em que segmento, se registram os fatos e se escondem os nossos amores. Em que prateleiras internas se guarda o que se vai aprendendo no curso da vida, patrimônio cultural que se vai construindo com o tempo... e com o estudo!

O cérebro é a peça fundamental que comanda todos os órgãos, responsáveis ou não pela vida humana, e que os mantém funcionando com regularidade e equilíbrio sem qualquer interferência de nossa parte. O coração bate, os intestinos funcionam, os rins secretam por comando exclusivo do cérebro sem que disso tenhamos qualquer participação.

Mas o cérebro é apenas um conjunto de células absolutamente materiais. Sem alguém por trás ele não funciona. Morto o cidadão, seu cérebro não funciona. Por quê? Mal comparando, o cérebro é parcialmente semelhante a esse instrumento extraordinário que nos deixa a todos maravilhados: o computador! O computador faz muitas coisas que são exclusivas do cérebro. Fala, escreve, memoriza, mas sempre sob o comando do homem. Sem que o homem o acione e dele exija a realização de certas tarefas, ele não funciona. Não funciona também se não estiver ligado a uma fonte externa de energia. O cérebro não. Tem energia própria que só falha quando algum problema sério desarranje suas linhas.

Dirão os cientistas com o preconceito que já não mais se justifica: o cérebro é comandado pela mente. Têm eles pavor de que se fale que mente e espírito são a mesma coisa. A mente que comanda o cérebro é a mesma que comanda o homem. Sem o Espírito, que na ocorrência da morte é o primeiro a deixar o corpo, o cérebro não mais funciona.

Cura espiritual

Minha sogra Ladinha (Geralda Alves Baesso) tinha uma ferida estranhíssima na perna, talvez ruptura de uma das varizes, inúmeras varizes, que povoavam suas pernas. Ladinha morreu há alguns anos, mas continua sendo minha sogra querida a quem recebo, de vez em quando, em minha casa, com extrema alegria.

Mulher criada à moda antiga tinha horror a médico. Médico só para amigo como a da amizade dela com o Dr. Armando, que iluminou durante vários anos o céu e os lares de Guarani com o seu incomparável saber. Nenhum outro. Falar com ela em consultar um médico era convidá-la a uma crise de mau humor. Gostava mesmo era do chazinho da sua avó.

Mas aquela ferida era uma agressão à natureza e à vida. Não reclamava. Quantas vezes, por qualquer esbarrão, a ferida se abria e jorrava sangue pra todo lado. Uma pena.

Um dia, numa das sessões mediúnicas que eu presidia, chegou um Espírito, com um sotaque meio arvesado, que soltou essa, sem ninguém perguntar: – Tenho um remédio que cura qualquer ferida. (Parece até que aquilo era um recado pra mim, preocupado sempre com o problema da sogra.)

Entusiasmado, pedi-lhe a receita. Não pôde dar porque a essência que curava era de uma planta que não existe no Brasil. Somente num cantão da África onde levara sua última existência. Lamentei, mas ele me prometeu: – Não tem importância, eu darei um jeito.

Pensamos que aquilo fosse brincadeira de quem outra coisa não tem a fazer. Terminamos a reunião, fomos para casa e não mais pensamos no assunto.

Qual não foi a minha surpresa quando, quinze dias depois, visitando Ladinha, vi sua perna limpinha, sem inclusive qualquer sinal que pudesse indicar que ali, durante anos, morara uma ferida tão persistente.

Quando dispomos de mérito, a espiritualidade costuma nos surpreender, curando-nos de nossas mazelas até mesmo sem termos feito qualquer pedido a respeito.

Conselho aos iniciantes

Quando eu era mais moço, ensinava-se na escola que o cérebro se assemelha a um prédio de três andares. No andar superior, mais iluminado, está o consciente, povoado pelas preocupações do momento. No andar do meio, com luminosidade reduzida, fica o subconsciente, onde se guardam coisas de que a gente a toda hora está precisando: telefone de amigos, endereços, letras e melodias de música de que a gente gosta etc., arquivo de fácil acesso. No andar de baixo, completamente escuro, fica arquivado, mas de acesso impossível, aquilo que a gente tem lido ou aprendido, mas que já está definitivamente esquecido. Acesso impossível não é bem o termo. Pode ser acessado em transe hipnótico ou após a desencarnação.

Às vezes, lendo um livro importante, há informações de que nós sempre estaremos precisando no curso da vida. Seja para utilizar nas palestras que costumamos proferir, seja nos textos que necessitamos escrever, seja nas conversas que costumamos conversar. O andar de baixo a gente costuma chamar de porão. Porão de alcance inatingível.

Para evitar que as coisas que aprendo, lendo os livros espíritas, caiam todas no porão, o que é que eu faço? É por isso que estou dizendo essas coisas para os mais jovens, para os que estão iniciando o estudo da doutrina espírita.

Tenho mais de trinta cadernos onde, assim que surgem essas informações, eu as registro, copiando-as nesses cadernos. É quase impossível você ficar relendo livros inteiros à busca de uma informação importante que você não havia registrado. Mas, nesses cadernos, não. De vez em quando, pega-se um deles, e por ele se caminha numa releitura do que ali se acha registrado. Assim você ludibria o inconsciente, você não deixa que o porão esconda tudo o que você aprendeu.

Eu chamo essas informações de pérolas do livro tal. Periodicamente releio todas elas. É coisa muito importante. Na divulgação da doutrina, nas reuniões de que participo, costumo compartilhar essas pérolas com os assistentes e todos têm gostado muito.

Cada pérola constitui tema muito interessante para análise e meditação, que vai permitindo a construção de todo um arsenal de conhecimento fundamental sobre a doutrina.

Lágrima, suave remédio

Quase todas as religiões, senão todas, tiveram seus princípios imaginados por alguns de seus líderes, e aceitos pelos que os seguiram depois. Alguém precisava explicar certas coisas, ou responder a certas perguntas, e punha a trabalhar a imaginação. Algumas ideias aceitáveis provavelmente vinham de cima pelos canais normais da intuição. Outras, não. Eram puro exercício de especulação.

A ideia do inferno, por exemplo, que acompanha certos crentes desde tempos imemoriais, é uma ideia interessante, nascida do senso de justiça presente na consciência do ser humano. Tal como a ideia do céu.

Não tendo como entender o funcionamento da justiça divina, o homem imaginou, com razão, que o mal haveria de ser punido, assim como o bem teria que ser recompensado. Vendo o mal prosperar de tal forma entre os homens, ao lado do bem, quase sempre espezinhado nos trancos da vida, nada mais justo que, depois da morte, um fosse punido, enquanto o outro tivesse régia recompensa.

Como a dor mais difícil de suportar era, e continua sendo, a dor da queimadura, eis o inferno. Como o bom da vida é ficar à toa, de papo pro ar, sem compromisso com nada, eis a ideia do céu.

Só que tais ideias chocam com a razão e fazem de Deus um juízo muito desrespeitoso. Como imaginar que um Pai magnânimo e bom pudesse admitir a hipótese de ter filhos eternamente apartados de seu carinho e de seu afeto? Que tipo de crime mereceria punição tão desumana?

Claro que o mal há de ser eliminado e o bem há de ser enaltecido. Não, porém, no caso do mal, como punição, mas como correção, como aprendizado.

O Espiritismo veio nos dizer que o mal é fruto da ignorância. Não existe por si mesmo. É consequência de falta de conhecimento, de educação. É doença séria que o conhecimento há de curar. E, como toda doença séria, tem tratamento doloroso, difícil, demorado. A cada existência vamos nos curando um pouco.

Às vezes, o remédio é a lágrima. Nada melhor para nos lavar a alma e o coração. E para nos ensinar a viver.

O Consolador prometido

Kardec dedicou um capítulo de *O Evangelho segundo o Espiritismo* para analisar duas promessas de Jesus. Aliás, é o menor capítulo daquele livro.

As promessas estão relatadas, uma por Mateus, no capítulo XI, vv. 28 a 30 de seu evangelho e outra, por João no capítulo XIV, vv. 15 a 17 e 26 de seu evangelho.

O objetivo do capítulo é duplo: a) mostrar que Jesus Cristo foi o maior consolador que a humanidade conheceu e b) demonstrar que o Espiritismo é o cumprimento da promessa que ele fizera de que, quando as coisas permitissem, ele nos enviaria um outro consolador que daria sequência ao seu pensamento e faria revelações novas que influiriam no progresso da Humanidade.

Vejam os dois textos.

Diz Jesus em Mateus, capítulo XI:

“Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. (Mas para isso Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para vossas almas, pois suave é o meu jugo e leve o meu fardo”.

Como se vê, Jesus não promete a cura. Promete alívio, anestesia, capacidade de suportar as dores, de resolver os problemas, superar as dificuldades. A nossa cura depende exclusivamente de nós. Nós somos os médicos de nós mesmos. As dificuldades, os problemas de toda ordem fazem parte do tratamento; são medicamentos que a vida nos propõe para a nossa cura definitiva, para nossa libertação.

Mas, para que o processo de libertação se efetive, Jesus nos dá a receita. Qual é a receita? Tomar sobre nós o seu jugo (a sua lei, os seus ensinamentos, o roteiro que nos apresentou e, na aplicação desse roteiro, ser manso e humilde de coração), lembrando ainda que o seu jugo é suave e o fardo que está posto aos ombros de quem queira servi-lo é muito leve.

Deus não quer de nenhum de nós sacrifícios insuportáveis. Jesus foi claro ao dizer isso. “Misericórdia quero, não sacrifício!”. Deus quer de nós somente aquilo que podemos dar. Ele sabe de que somos capazes. Todos nós temos instrumentos para servir. Uns mais; outros menos. E a comparação de que Deus se utiliza não envolve a quantidade que se dá, mas a capacidade de quem dá. O óbolo da viúva foi a oferta maior, embora monetariamente insignificante. Ninguém se julgue, pois, incapaz de servir. Basta que se disponha a isso; basta querer, basta dizer sim quando a vida o chama para isso.

Uma advertência, porém: para servir é preciso que tenhamos manso o coração e brandas, as atitudes; sereno o nosso comportamento; tolerantes; compreensivos, solidários, afetuosos, fraternos. É incompatível o espírito de serviço com a intolerância, com a brutalidade, com a impaciência, com as cobranças. E que sejamos sempre humildes. São os pequenos e necessitados que mais necessitam de nós. Precisamos da humildade para abrir-lhes o caminho até nós. Chico queria que toda casa espírita fosse sempre uma casa acolhedora, simples, sem luxo, para que o pobre, o necessitado, não tivesse vergonha de nela penetrar. Para que ele se sentisse em casa, à vontade, sem preocupações de ordem menor que tanto separam as pessoas umas das outras.

Mansuetude e brandura no coração e humildade em todas as atitudes. A nossa cura começa por aí.

A outra promessa está em João, capítulo XIV, vv. 15 a 17 e 26. Diz o texto:

“Se me amais, guardai os meus mandamentos; eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber porque o não vê e absolutamente não o conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. O Consolador, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito”.

De fato, as religiões ditas cristãs introduziram tantas coisas em sua doutrina que nada têm com o ensino de Jesus; acrescentaram tantas estranhezas ao pensamento do Mestre, que seria preciso alguém vir redizer as coisas que o Cristo disse, relembrar seus ensinamentos esquecidos e trazer novos esclarecimentos para ajudar a Humanidade a crescer.

Jesus não deu ênfase à sobrevivência do Espírito embora todo seu ensino acene para uma vida futura. No sermão da montanha, o mais belo resumo de seu pensamento, a vida futura está intensamente refletida e as bem-aventuranças só são entendidas se se aceitar a existência da vida futura. Jesus não se preocupou com a comunicação entre vivos e mortos, mas não só não repetiu a proibição de Moisés, como fez vir à sua presença e à de três de seus discípulos os Espíritos de Moisés e de Elias, na transfiguração do monte de Tabor. Jesus referiu-se vagamente à reencarnação no encontro com Nicodemos e nas conversas sobre a vinda ou não do profeta Elias preparando-lhe o caminho. Falou da existência de muitas moradas na casa do Pai.

Todos esses ensinamentos foram desfigurados nas doutrinas cristãs que vieram depois.

A promessa do novo consolador, entenderam nossos irmãos de outras crenças que ela ocorreu cinquenta dias depois da morte de Jesus na festa do pentecostes, onde fenômenos mediúnicos muito sérios eclodiram na praça pública diante da multidão estupefata.

O Espiritismo retomou o ensino de Jesus e deu-lhe sequência, avançando um pouco mais com novas revelações e tirando da letra que mata o espírito que vivifica a Doutrina de Jesus. É o momento novo em que se retoma o ensino de Jesus e se caminha um pouco mais, unindo religião e ciência para, ao lado da filosofia, esclarecer nosso Espírito e iluminar a nossa consciência.

Fiel a essa ideia, apresenta-se-nos o Espírito da Verdade que, ao superintender a obra da codificação, sugere-nos dois ensinamentos fundamentais para a nossa caminhada como espíritas. Diz ele: Espíritas, amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. O amor, essência da vida, está presente em todas as palavras e atitudes de Jesus; a instrução, meta universal, é um dos objetivos primeiros da encarnação a que todos estamos sujeitos, na difícil caminhada da evolução.

A caridade desinteressada nas advertências do Cristo

Jesus já havia repisado todas as advertências que ele julgara mais necessárias aos discípulos e que deviam constituir a base de seu ensino, direcionado a todos que o quisessem seguir.

Na parábola do julgamento, em que o Divino Senhor separa bodes de um lado e ovelhas do outro, deixara claro que o único caminho capaz de resolver o problema da paz entre os homens era o da caridade porque “fora da caridade não há como crescer.”

Insistira nisso com a bela imagem expressa na recomendação de que não deixássemos que a mão esquerda soubesse o que a direita estava entregando ao próximo.

Significando isso que não ficássemos murmurando, arrependidos, sobre todo o bem que houvéssemos feito ao nosso semelhante. Tal qual o caso, que Machado de Assis relata, do comerciante rico e do mujique nas terras geladas da Rússia. “Quando o cavalo disparou, o comerciante pensou que fosse morrer. Nada o retinha no seu galope. Se caísse fatalmente morreria. A cabeça bateria nas pedras; inevitáveis o traumatismo craniano e a morte ao final. Eis senão quando surge um mujique que, corajosamente, se antepõe ao cavalo, segura-o pelo cabresto e o faz parar de correr. Foi um milagre! O comerciante, agradecido, tira da carteira uma nota de mil rublos e, agradecendo muito, passa-a ao camponês. O coitado quase caiu de susto. Nunca vira uma nota como aquela! E saiu pulando feliz, louco pra chegar em casa e mostrar pra mulher e pros filhos a dádiva recebida. Mil rublos! Uma fortuna!

O comerciante, ao vê-lo partir feliz, começou a pensar. “Acho que dei dinheiro demais. Mil rublos? Por que não 500? Ou 200? Talvez o pobre ficasse feliz com 100. Ou menos. Quem sabe, 10?... Ele ganha cinco rublos por dia... É... acho que acabei dando dinheiro demais.”

Isso costuma acontecer com a gente. Na hora do entusiasmo a gente dá generosamente. Depois se arrepende. E começa a sofrer. Aconteceu comigo. Ninguém me convidava para ser padrinho de casamento. Meu irmão era padrinho de todo mundo. Eu já estava acostumado. Casamento? Já sei: meu irmão estará lá. Padrinho de novo. Eu já estava ficando complexado. Será que eu não sirvo para padrinho de casamento? Surpresa! Um dia apareceu um. Fiquei feliz. E prometi logo ao noivo: “dou-te uma geladeira!”

Gente, uma geladeira naquela época era um presente. Hoje, não. Depois que surgiu a Casa Bahia, ela desmoralizou o presente. Qualquer um pode comprar lá uma geladeira pagando 20 reais por mês. Mas naquela época não.

Me arrependi logo. Mas tive que cumprir o prometido. E tome sofrimento.

Mais ou menos como diz Arthur Riedel, no seu livrinho admirável: “há pessoas que acreditam que quem dá aos pobres empresta a Deus, mas costumam querer saber o que Deus vai fazer com o empréstimo”. Um cidadão pede um real para comprar um pão. A gente dá, mas logo adverte: “Olhe lá, estou dando para você comprar o pão. Não vá tomar cachaça não, ouviu?”

Outros há que dão uma oferta à Igreja, ou a uma instituição beneficente, e compram um bilhete de loteria, pensando que vão ter a recompensa divina abocanhando o primeiro prêmio.

Outros deixam para dar na hora da morte, quando não têm mais como usufruir da fortuna acumulada, e a morte está batendo à porta. Fazem, então, um testamento deixando tanto para o Hospital, tanto para o Asilo, tanto para o Orfanato, tanto para a APAE. Deixam, porque não podem levar.

Já nos havia Jesus advertido, também, sobre a presença, sempre, em todos os momentos da história, dos chamados falsos cristos e falsos profetas que, utilizando-se da boa fé das pessoas, conduzem-nas para a decepção e a desventura. Não apenas os que se servem da religião, conduzindo pessoas como rebanhos inconscientes para aventuras nefandas ou crimes inimagináveis. Falsos cristos e falsos profetas, também, na filosofia, na ciência, na política, na indústria, no comércio, na educação, na saúde, em toda parte. Sempre os houve. Exploradores e explorados. Por isso nos recomendou fôssemos prudentes como as serpentes e não acreditássemos em todos os profetas, verificando antes se eles eram profetas de Deus, pela análise de suas obras.

Exortou-nos que fôssemos perfeitos em tudo o que fizéssemos. Tal qual o Pai, que é perfeito em tudo em que o seu poder se manifesta.

Essa perfeição a que Jesus se referia é uma perfeição relativa. Significa fazermos tudo o que nos cabe fazer da melhor maneira possível. Não deixarmos nada sem fazer, ou fazer as coisas pela metade, por causa da pressa ou de outro motivo qualquer. É pra fazer? Então façamos da melhor maneira que nós sabemos. Demos o melhor de nós. Melhor, nós não saberíamos fazer. É isso que ele quer de nós.

Como coroamento, a recomendação final: “restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes”.

Um parêntese sobre o “ressuscitai os mortos”. Ao que se sabe, depois de Jesus não apareceu ninguém que ressuscitasse mortos. Parece que Pedro conseguiu isso uma vez. Houve, sim, depois deles casos de pessoas aparentemente mortas que, de repente, sem que ninguém participasse do fato, voltassem à vida. A literatura registra alguns casos. Interessante é o que aconteceu com uma figura conhecida nos meios literários. O Abade Prévost, autor do polêmico livro “Manon Lescaut”, já estava na mesa para o trabalho de necropsia, quando, sob o bisturi do cirurgião, readquiriu as energias vitais e acabou se salvando.

Outro caso patético é o do célebre poeta Scotto. Ele era cataléptico. Foi enterrado vivo durante uma crise, na ausência do servo que sabia de sua doença. Tirado da sepultura, seus familiares verificaram que morrera sufocado, tendo mordido, desesperadamente, os lábios.

De morte igual, morreram médicos, poetas, reis e imperadores, sem falar dos supostos mortos enterrados apressadamente nos horrores das epidemias e das guerras.

Emmanuel, em Renúncia, nos fala sobre o drama que foi, na França do Século XVII, a chegada da varíola aos lares franceses. Não se esperava a pessoa morrer. Enterrava-se logo com medo de a doença alastrar. Muita gente foi enterrada viva.

Kardec aproveitou a recomendação de Jesus e, no mesmo capítulo XXVI, tratou de preces pagas, lembrando a advertência do Mestre sobre o mau hábito dos escribas que, a pretexto de orar, devoravam as casas das viúvas.

Tratou ainda do episódio da expulsão dos que vendiam coisas dentro do Templo, num desrespeito flagrante à Casa do Senhor.

Mas a grande mensagem do capítulo é para o comportamento dos médiuns. Nenhum médium, de nenhuma forma, seja por motivo que for, deve obter vantagem financeira ou social do dom que Deus lhe deu para utilização em seu trabalho a favor da Humanidade.

Ninguém pode fazer da mediunidade profissão. Por uma razão simples. Ninguém é dono dos espíritos. Eles são independentes. Vêm quando querem e quando podem. Não há força humana capaz de garantir uma comunicação. Foi graças ao mediunismo profissional que proliferaram casos de fraudes que tanto mal fizeram à divulgação e aceitação da Doutrina.

Humberto de Campos conta-nos a história dramática de um médium brasileiro.

Azarias era mecânico de automóvel. Grande mecânico e notável médium. Como sempre acontece, em torno de médiuns assim, nasce a adoração e abundam frequentadores insaciáveis. Pessoas interessadas no favor dos espíritos envolvem o médium e o elogiam, e presenteiam, e bajulam e acabam por deles se tornarem donos. Querem utilizá-los, por isso, a qualquer hora. Vai-se a disciplina. Com Azarias deu-se que os tais “irmãos”, para tê-lo permanentemente à sua disposição, tiraram-no do emprego e lhe fizeram um salário. Cada irmão comparecia com uma parcela do salário ajustado. No princípio funcionou. Com o tempo, um para de contribuir; depois outro; após, mais outro e daí a pouco está Azarias sem a ajuda dos patrocinadores e sem o emprego que perdeu. As dificuldades, rápido, batem à porta. Falta comida em casa. A luz, não paga, se apagou. O aluguel também. E as dificuldades se instalaram. Até que Azarias aceita o primeiro pagamento. Depois outro, mais outro. Em pouco tempo a desmoralização e o abandono. Os próprios companheiros que tanto o bajularam antes e que, afinal, foram os principais responsáveis pela sua derrocada, são os que agora dele falam mal abertamente. A obsessão se instala. E o fim amargo se aproxima.

Há demônios?

Como os há! E cada dia aparecem mais. Demônios no comércio, na indústria, na escola, nas fábricas, na política. Demônios que roubam na balança; que fraudam na produção; que assaltam cofres públicos; que vendem sentenças nos tribunais; que engavetam denúncias; que sequestram pessoas honestas para extorquirem famílias; que comerciam com as bênçãos de Deus; pedófilos que estupram as próprias filhas ou as filhas dos outros; traficantes que disseminam o vício e aterrorizam favelas...

A palavra demônio nem sempre teve a significação que lhe é dada nos dias de hoje. Nas crenças da antiguidade e no politeísmo, demônio era o gênio inspirador, bom ou mau, que presidia o caráter e o destino de cada indivíduo, alma, espírito. Nas religiões judaica e cristã é que passou a significar anjo mau que, rebelando-se contra Deus, foi precipitado no inferno e procura a perdição da humanidade. Quer dizer: seria uma obra imperfeita de Deus. Ou seja: Deus acabou criando um inimigo terrível que põe a perder praticamente a totalidade da humanidade. Um inimigo tão forte, ou mais forte até do que o próprio Deus que o criou, porque Deus não pode acabar com ele e assiste impassivelmente a humanidade sendo arrastada para o precipício sob a inspiração e domínio desse filho rebelde.

Talvez seja por isso que o Rabino Harold S. Kushner defenda a tese de que Deus não é onipotente. É o que ele afirma textualmente em seu interessante livro Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas. Deus não pode evitar que isso aconteça. Azar da pessoa boa que estava numa hora errada num lugar em que não devia estar. Apanhada pelo sofrimento, terá que suportá-lo até esgotar a última gota, porque Deus nada poderá fazer, segundo o Rabino.

Convenhamos: a crença na existência dessa figura mitológica que nos arrasta a todos para o mal é um desrespeito ao Pai criador de todos nós. Desrespeito à sua inteligência, à sua magnanimidade, à sua sabedoria.

Demônios são criaturas ainda imperfeitas, encarnadas ou não, a caminho da perfeição. São portadores de deficiências transitórias que serão corrigidas com o tempo, inevitavelmente, porque, como filhos de Deus, também eles estão destinados à mesma glória da perfeição a que todos seremos levados um dia.

Livros demais!

Uma coisa me chamou demais a atenção na entrevista concedida à Katia Fernandes pela nossa confeitira Odalis Carmenty Franco, cubana radicada em Barcelona, Espanha, e publicada na revista **O Consolador** em 26 de abril de 2009. (Eis o link que permite acessar a entrevista - [http://www.oconsolador.com.br/ano3/104/entrevista.html/.](http://www.oconsolador.com.br/ano3/104/entrevista.html/))

Indagada se conhecia o movimento espírita brasileiro, ela respondeu que não o conhecia o suficiente, mas “tinha um sentimento de perplexidade ante a supremacia das obras mediúnicas de estilo novelão sobre as obras de estudo e análise da doutrina”.

E eu tenho certeza de que da missa ela não conhece nem o padre-nosso. Nem imagina, suponho, a quantidade de porcaria que se publica, quase diariamente no país, de obras ditas mediúnicas de nenhum valor doutrinário e numa linguagem de estudante primário que desmerece a linguagem e compromete o idioma.

Já em 1901, o admirável Léon Denis se preocupava com isso. E perguntava: “será que tudo o que vem, por toda parte, vem como verdade, como luz, como esperança? E ao lado das consolações que caem na alma como o orvalho que beija a flor, de par com o jorro de luz que dissipa as angústias e ilumina a rota não haverá também erros e decepções?”

E numa triste lamentação, vaticinava: “O Espiritismo será o que dele fizerem os homens”.

De repente, multiplicaram-se as editoras. E, para produzir, tocam a publicar coisas. Sem nenhum critério; sem qualquer exame, livros mal escritos, cheios de erros de linguagem e de lógica, dando impressão aos que não são espíritas e que, por acaso, examinem uma dessas obras, que nós, espíritas, somos um bando de pacóvios que engolem qualquer coisa; que acreditam em carochinhas e que vivem à cata de bobagens.

É preciso pôr cobro a esses abusos. A liberdade que a Doutrina nos concede não nos autoriza a errar tanto. Vamos parar com isso. Vamos respeitar a Doutrina, servindo-a sem personalismo e vaidades tolas.

Temos matéria de estudo, já publicada e de boa qualidade, em quantidade suficiente para os nossos próximos quinhentos anos. Pensemos bem antes de comprar qualquer livro. E interroguemos antes: Quem está publicando? Quem é o autor? Que mensagem nos traz?

Se continuarmos a comprar por comprar estaremos concorrendo para que esses abusos não cessem.

As finanças de cada um

Por que nossos recursos financeiros são tão diferenciados? Há indivíduos com fortunas fabulosas, ao lado de outros que vivem na mais angustiante penúria?

Quem define isso? Quem administra essas coisas?

Nós que acreditamos em Deus e o sabemos justo e bom, criador e senhor de todas as coisas, sabemos que todos os bens pertencem a Ele. É Ele, portanto, quem faz a distribuição de acordo com a programação a ser executada. É, pois, a programação da tarefa de cada um que define isso.

Vejam as profissões:

Cada profissional dispõe dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de sua atividade.

O médico leva na sua bolsa um estetoscópio e alguns comprimidos para atendimento de urgência.

O engenheiro leva consigo a trena e a máquina de calcular.

O pedreiro não abandona o prumo, o nível e a colher.

A professora não se descuida do caderno, do lápis e do giz.

Cada profissional tem o instrumental de que precisa. Embora em todos eles o principal – que é o conhecimento e domínio da técnica de sua profissão – esteja no cérebro.

Todos nós – seja qual for a profissão que venhamos a exercer –, quando mergulhamos na matéria (reencarnamos) para uma nova experiência encarnatória, precisamos de alguns instrumentos para isso.

Os instrumentos variam de acordo com a complexidade da tarefa. O recurso financeiro, em muitos casos, vem do trabalho. Mas nem todo trabalho costuma ser remunerado. O Professor Ismael em carta à sua netinha Laura chamava a atenção dela para isso. E lembrava que os trabalhos mais importantes, assim como os bens mais necessários, não são pagos.

Vocês já pensaram nisso?

Quanto custam nove meses de aluguel dentro da barriga da mãe? Qual o preço de um carinho? De um beijo de amor. De uma noite indormida que a gente costuma passar ao lado do filho cuja febre maltrata? Quanto vale um conselho?

Eu me lembro da Custódia.

A Custódia era uma mulher dos seus cinquenta anos que foi morar conosco quando éramos muito pequenos. Nem sei quando ela chegou lá em casa. Parece que ela já estava lá muito antes de a gente chegar... Quando meus pais iam para o centro exercitar sua fé, era com a Custódia que a gente ficava. E nós, quando o sono chegava, começávamos a pedir: "Custódia, faz eu dormir!"; "Custódia; conta uma história pra mim!". Custódia arrumava os lençóis, o travesseiro, o cobertor... aquilo não era só uma cama... era um ninho pleno de ternura e afeto... Custódia sentava perto da gente e começava a cantarolar, ou a contar histórias e, num instante, a gente estava dormindo.

Eu me lembro de que uma das histórias de que eu mais gostava era a de uma menina linda de cabelo de ouro. Eu nunca soube como terminava essa história. Dormia antes de a história acabar.

Quanto valia esse carinho da Custódia? Quanto vale o amor pela Pátria? E a generosidade dos bons? E o ar que nos sustenta? E o Sol que nos aquece? E a chuva que recompõe os nossos mananciais? E a fruta que você chupa no pé?

Quanto valem essas coisas?

*

Nós não sabemos direito do que realmente precisamos para viver... E começamos a sonhar... Em vez de nos atermos às coisas que de fato fazem falta para o desenvolvimento de nossa vida, nós desviamos nossa atenção para aquilo que nada tem a ver com o que se espera de nós... E aí começamos a sofrer.

É impressionante como algumas pessoas agem diante de certas coisas. Carros, por exemplo.

Tive um irmão que só pensava nisso. Ele comprava um carro novo e vinha me mostrar. E começava a chamar a atenção. Da frente do carro, dos vidros, do câmbio. Do painel, das rodas, do estofamento, de tudo. Eu cortava logo: Tem buzina? Tem freio? Pega no arranque? Então tá bom...

Nenhum bem material, carro, iate, casa, mansão, chácara... Nada pode transformar-se em bem de adoração. Sócrates começava, às vezes, nas tardes de sol, a dar um passeio até o shopping de Atenas para ver as coisas na vitrina. O atendente logo vinha abordá-lo.

– Posso ajudá-lo, meu senhor?

– Não, obrigado. Apenas estou observando. E vendo de quantas coisas eu não preciso para viver.

A gente poucas vezes presta atenção nas coisas que fazemos ou dizemos. Nas preces, por exemplo. No Pai Nosso, Jesus fez questão de incluir aquela frase “seja feita a vossa vontade” para nos advertir disso. O que recebemos na vida para tocar nossa caminhada é o que Deus entende suficiente para ela. Não precisamos de mais nada. É tocar a vida e sermos felizes. Porque isso é o que importa.

Que é, afinal, esse tal Espiritismo?

Outro dia, um amigo muito querido, numa conversa informal, me perguntou: - Afinal, o que é esse tal de Espiritismo?

Como a tantos, neste país, até mesmo entre aqueles que o aceitam, mas principalmente entre os que o ignoram, por desconhecimento ou má-fé, o Espiritismo continua sendo um grande desconhecido. Por isso dizem dele exatamente o que ele não é.

E é tão fácil responder a essa pergunta, porque nada mais claros e simples do que os seus princípios e a sua mensagem.

Diríamos que a doutrina espírita é um conjunto de normas com o fim de fazer o homem e a humanidade se desenvolverem mais rapidamente. Para isso tem conceitos de caráter científico, filosófico e religioso.

A ciência espírita não cuida dos fenômenos ligados à matéria, mas aos que se relacionam com a alma humana; a filosofia aclara os grandes e incógnitos problemas que atormentam a criatura humana: Quem somos; de onde viemos, por que sofremos, qual a finalidade da existência, para onde vamos; por que somos todos tão diferentes uns dos outros se é o mesmo o Pai de todos nós.

A parte religiosa do Espiritismo retoma o conceito que levou ao surgimento da religião entre os homens. No princípio, nenhuma ideia que relacionasse religião a Deus. A religião surgiu com a necessidade de os homens se aproximarem uns dos outros para dividirem suas alegrias ou compartilharem suas tristezas. Nascimento de um filho, casamento de uma filha, uma boa colheita geravam encontros para celebrarem a alegria desses acontecimentos.

Separações, mortes, perdas importantes na área da sobrevivência eram motivo para que se dessem as mãos as pessoas envolvidas no processo. Muito depois, mas muito depois mesmo, é que aquele encontro que surgiu para unir as pessoas de uma mesma comunidade passasse a significar uma forma de agir para nos aproximar do Criador. É até interessante isso porque ninguém pode se aproximar de Deus sem primeiro se aproximar do próximo. Se não amamos a quem vemos, como amar a quem não vemos e, muito menos, entendemos?

Espiritismo é único e não se confunde com nenhuma seita moderna ou antiga.

Não tem rituais, liturgias, sacerdócio, roupas ou fantasias especiais, não remunera seus divulgadores ou seus oficiantes, não tem dogmas, nem patrocina encenações para demonstração pública, e práticas exteriores de qualquer espécie.

Não utiliza qualquer tipo de estimulante à credence, como incensos, bebidas alcoólicas, charutos, velas, despachos, tambores, procissões, enfim, cerimônias de cunho exterior.

Não faz batizados, nem crismas, nem casamentos, nem encomendações na hora da morte de quem quer que seja, nem sacramentos de qualquer natureza.

Não risca pontos, não utiliza nomes exóticos para as entidades espirituais ou anímicas que costumam manifestar-se em grupos praticantes de rituais trazidos da África pelos que viriam a se tornar escravos no Brasil.

Não tem qualquer parentesco ou semelhança com a umbanda, a quimbanda, o candomblé, a feitiçaria, a macumba ou práticas congêneres.

O Espiritismo não é criação de um homem, ou de muitos homens, como aconteceu com o budismo, o confucionismo, o bramismo, o maometismo, o judaísmo, o catolicismo, o protestantismo e todas as variações do evangelismo em toda parte.

Não cito o Cristianismo, porque Jesus Cristo não fundou religião alguma. Seguiu a religião de seu país, ao seu tempo, analisando os ordenamentos de Moisés e a eles se submetendo sempre, ele e sua mãe, apenas

trazendo com a sua autoridade a renovação de alguns princípios do judaísmo e, sobretudo, uma nova concepção de Deus e de sua justiça.

É verdade que o Espiritismo acolhe certos princípios que são quase universais, como a crença em Deus, na sobrevivência da alma, na justiça que há de premiar os bons e promover a redenção dos maus.

Mas o conceito que a doutrina espírita tem de Deus supera tudo aquilo que as religiões têm ensinado a respeito d'Ele. É uma ideia nova que recupera Deus, como Pai soberanamente justo e bom, e como a inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas.

Repõe em seu verdadeiro sentido a justiça de Deus, quando admite e comprova a preexistência da alma, sua sobrevivência à morte, a comunicação dos que morreram com os que ainda vivem; a reencarnação como única prova efetiva da justiça de Deus; o progresso de todos os homens, excluindo a hipótese de que alguém se perca no caminho ou seja levado a um tipo de sofrimento eterno; a evolução de todos os seres animados e inanimados; a lei do livre-arbítrio; a responsabilidade pessoal e intransferível, a lei de causa e efeito e muito mais.

Ensina que tudo aquilo que fazemos de mal ao nosso próximo, por palavras, obras e até pensamento, se reverte em nosso próprio prejuízo lesando nosso corpo espiritual cuja cura se processará, indubitavelmente, em existências posteriores, como forma de aprendizado e evolução.

Essas considerações são uma imagem pálida do que é esse tal de Espiritismo, ideia nova que há de redimir a Humanidade de seus erros e encaminhá-la à perfeição a que está destinada pela vontade e determinação de Deus.

Morte e prorrogação de vida física

Volta e meia ouve-se falar de pessoas que tiveram prorrogada sua vida física, isto é, tiveram adiada sua morte. André Luiz relata alguns casos. Manoel Philomeno também. Penso que deveríamos examinar melhor essa questão à vista do que está explicitamente declarado n' *O Livro dos Espíritos*.

Assim é que, perante o tema, parece estar definitivamente assentado que:

- O próprio Espírito escolhe o gênero de provas por que há de passar, agregada a essa escolha a forma pela qual, em condições normais, sua morte se dará;
- Estão previstos na programação de sua encarnação todos os fatos principais, isto é, aqueles que influirão no seu destino, incluída, evidentemente, a sua morte;
- Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é; chegado esse momento, de uma forma ou de outra, a ele não se pode furtar;
- Quando soar a hora da partida, nada poderá impedir que ela aconteça;
- Se é destino do homem perecer desta ou daquela maneira, subindo, por exemplo, em uma escada que se quebra, ou estando em um local em que um raio irá atingi-lo, as circunstâncias se darão para que desta forma tudo aconteça.

Tudo indica, segundo os Espíritos que ajudaram Kardec na consolidação dos princípios doutrinários, que a morte tem hora marcada. Só o suicídio pode alterar tal fato pela sua antecipação, consciente ou inconscientemente.

É aí que surge a questão. Como compatibilizar o ensino de Kardec com as informações desses dois notáveis escritores, André Luiz e Manoel Philomeno?

Penso, embora ele não tenha deixado isso bem claro, que a solução está na palavra de André Luiz a respeito daqueles Espíritos que aproveitaram todos os minutos de sua vida e aos quais ele chama de “completistas”.

“Completistas”, na sua concepção, são os Espíritos que viveram, integralmente, todo o tempo previsto para sua experiência encarnatória. São poucos esses Espíritos. Em geral, nós, não completistas, morremos antes da hora, porque desperdiçamos saúde, jogando fora energias fundamentais; ignorando hábitos essenciais de higiene física e mental; agredindo a natureza que nos serve; deixando esgotar, irresponsavelmente, o fluido que nos mantém vivos.

Para os “completistas” não teria sentido falar em prorrogação, senão teríamos que admitir a existência de uma nova categoria, acima dos completistas: os supercompletistas.

Desse modo, caberia o instituto da prorrogação, em casos excepcionais, apenas para aqueles que teriam ainda um pouco mais de tempo para viver e que tivessem desperdiçado parte desse tempo ao longo da vida. A prorrogação é, dessa forma, um alento adicional, um reforço energético extremamente precário e de pouca duração. E, na maioria das circunstâncias, tal instituto ocorre para que o encarnado, beneficiado por mérito próprio, possa estender um pouco mais, com sua presença física, seu auxílio a pessoas necessitadas de sua convivência.

Mediunidade natural... íssima

José Stipp voltara de Piracicaba querendo curar todo mundo! Retornara mais espírita do que eu! Com uma fé capaz de transportar montanhas! Um dia desses vou contar quem é esse José Stipp.

Havia em Garça, interior do Estado de São Paulo, um rapazinho completamente perturbado que andava perdido pelas ruas. Era um tipo popular; todos gostavam muito dele. Conhecido pelo apelido de Mazarope, por causa de sua semelhança com o humorista famoso.

Recolhemo-lo em nossa casa, demos-lhe banho, casa e comida. E o Zé queria dar-lhe também a cura! Queria porque queria que fizéssemos uma sessão em benefício dele.

- Fazer sessão, sem médium, Zé? – indagava eu.

Ele dizia que conhecia duas senhoras, médiuns: Dona Maria, cozinheira da pensão onde almoçávamos e uma sua (dela) vizinha. Dona Alzira. Que ele até já havia conversado com elas. Insistiu tanto que eu não pude negar.

Uma sexta-feira, à noite, em torno de uma mesa improvisada, em nossa casa de morada, lá estávamos nós, os quatro, para a sonhada reunião: Dona Maria, a cozinheira, Dona Alzira, a vizinha, o Zé Stipp e eu!

Li uma página de *O Evangelho segundo o Espiritismo* e, quando ia fazer a prece inicial, eis que batem fortemente à porta! Era meu futuro cunhado Walter que acabava de chegar de Lucélia, onde trabalhava como vendedor nas Lojas Brasileiras, e que viera passar o fim de semana conosco.

Não podia haver situação mais embaraçosa. O Walter era - era não - é desses rapazes que nada leva a sério; não acreditava em nada; fazia chacota de tudo! O tipo perfeito do cidadão que não pode participar de qualquer trabalho daquela natureza. Disse-lhe o que estávamos pretendendo fazer exatamente no momento em que ele chegou, e pedi-lhe que desse umas voltas pela cidade e só voltasse uma hora depois.

Aí ele pediu pra ficar. Implorou que o deixássemos participar da reunião; que ele tinha certeza que poderia ajudar.

Deixamos. Feita a prece, uma coisa extraordinária aconteceu. Nunca vira nada igual. Walter entrou em transe e começou a receber espíritos. Um atrás do outro. Passividade absoluta. Segurança plena em todas as comunicações! Foi o único "médium" a trabalhar nessa noite. A reunião fora um sucesso!

Ao final, abobado, sem saber nada do que tinha acontecido na sessão, tivemos que socorrê-lo com passes e água fluidificada para desintoxicá-lo dos fluidos que o faziam tremer como vara verde!

Chamamento ao trabalho

Manuel Marciano não sabia mais o que fazer. Sua companheira caíra em processo de obstinada obsessão. Havia tentado de tudo: tudo o que a medicina, de então, e suas poucas posses lhe poderiam proporcionar. Nada dera resultado! O quadro se agravara a tal ponto que ele, filhos e amigos mais chegados já estavam à beira do desespero!

– Não é possível que Deus – pensava ele – possa deixar que uma mãe de família, boa, trabalhadora, honesta, de repente, se transforme numa caricatura de mulher, sem cor, sem vida, incapaz de reagir à perturbação que fazia o sofrimento de todos!

Foi quando um colega de trabalho, a quem ele respeitava muito, aconselhou-o com convicção: – Procure Dona Anita!

Dona Anita era uma jovem senhora espírita que exercia sua atividade mediúnica na cidade de Astolfo Dutra, Minas Gerais. Desenvolvera vidência, audição, incorporação, desdobramento. Psicografava, às vezes, quando necessário. Com o tempo desabrochou nela o dom de curar, tarefa em que ela usava sempre e unicamente preces, passes e água fluidificada. Vivia para a doutrina e para os sofredores que diariamente batiam à sua porta. Disponível, a qualquer hora do dia ou da noite! Tinha tempo. Deus lhe dera apenas onze filhos para criar e encaminhar. Onze filhos só, porque o décimo segundo não chegou a nascer; voltou com ela, quando já estava no oitavo mês de gestação!

Manuel Marciano ainda não a conhecia. Mudara para Astolfo Dutra havia pouco tempo. Dela já ouvira falar algumas vezes, mas não a conhecia pessoalmente. Aceitou o conselho do amigo e foi procurá-la naquele mesmo dia. Do serviço, findo o trabalho, foi direto à casa daquela senhora à busca de socorro.

Dona Anita ouviu-o com a mesma atenção com que atendia a todos. Fechou os olhos, orou, silenciosamente, e lhe disse com carinho:

– Senhor Manuel, o sofrimento de sua mulher é a forma que a Providência Divina está utilizando para despertá-lo para o trabalho com Jesus! É compromisso seu assumido antes de nascer. O senhor mesmo poderá curá-la! E fará isso, facilmente, a partir do momento em que se dispuser a resgatar o compromisso assumido!

Entregou-lhe um vidro pequeno com água fluidificada que a esposa deveria tomar e convidou-o a frequentar as reuniões de estudo na Cabana Espírita Abel Gomes.

Pouco tempo depois, com a mulher completamente restabelecida, Manuel Marciano passava a integrar a equipe de trabalho daquela prestigiosa casa de oração.

Durante muitos anos, todos os dias, após o serviço, víamos o Sr. Manuel percorrer as ruas da cidade socorrendo com passes a domicílio diversos companheiros necessitados que pediam sua ajuda.

"Somos os jovens cristãos..."

Peixotinho precisava descansar e foi aconselhado por um amigo médico a passar alguns dias em Astolfo Dutra, Minas Gerais.

A Fundação Espírita Abel Gomes, instituição que acolhe meninas desamparadas, fica numa área tranquila da cidade, cercada de muito verde, e de ar muito puro, e seria ótimo pouso para o seareiro cansado. (Peixotinho foi um dos maiores médiuns de efeitos físicos que o Brasil conheceu; talvez um dos maiores do mundo!)

Na Fundação, às terças-feiras e aos sábados, de oito às dez horas da noite, realizava-se um trabalho de vibrações a que se chamava, à época, sessão de cura. Era um trabalho leve, sem comunicação de Espíritos desequilibrados, com preces, leituras, pequenos comentários e cantos, a que compareciam companheiros que, durante o dia, não tivessem feito uso de carne, fumo e álcool, nem houvessem abrigado pensamentos menos dignificantes.

Isso foi por volta de 1946-1947.

Minha mãe (Anita) era uma das beneficiárias daquele trabalho: estava chegando o termo de sua jornada na terra. Ficava deitada num quarto contíguo à sala de reunião. Peixotinho, também necessitado de ajuda, ocupou o outro quarto, ao lado do quarto dela.

Reunião que segue, meu pai, dirigente do trabalho, sente leve mão pousada sobre sua cabeça. Pensando que fosse o Diogo, excelente médium passista que participava da reunião, abre os olhos, volta a cabeça e se encanta com a figura luminosa de Abel Gomes, materializado ali, na sua frente! Emocionado, pede aos companheiros que abram os olhos e testemunhem aquele momento histórico do Espiritismo em Astolfo Dutra.

Abel Gomes deslizou (Abel não andava como a gente; deslizava, como se flutuasse no ar) pelo assoalho e se dirigiu ao quarto onde estava minha mãe, com ela conversando por alguns instantes, permitindo-nos ouvir a sua voz e a voz dela.

Sai Abel para que pudessem chegar sucessivamente Fidelinho, Célia e Taninha, duas jovens de Astolfo Dutra, desencarnadas na flor da idade, e Scheilla, a enfermeira alemã, última a se materializar, que, ao se despedir, dissera ter deixado uma lembrança pra nós, na primeira gaveta, fechada a chave, da escrivania que servia à secretaria da Fundação.

Curiosos, fomos ver o presente. Era, em escrita direta, com sua letrinha de moça caprichosa, em alto relevo, a letra do Hino da Juventude Espírita Francisco Cândido Xavier, de Astolfo Dutra, que, musicada por Francisco Guércio, filho da terra, está se tornando o hino da juventude espírita brasileira..

Companhia que aborrece

Darci Oswaldo andava desassossegado. Mal punha os olhos no livro, pra iniciar seu trabalho, tinha a impressão que alguém atravessava a sala pela sua esquerda. Levantava os olhos para ver quem era, se sua esposa, ou algum de seus filhos, não era ninguém. Parece que o vulto se escondia atrás do armário. Ia para a copa. A sombra passava à sua direita. Olhava rápido, mas a sombra escondia atrás da geladeira.

Aquilo o estava incomodando demais. Já começava a ficar com medo! A qualquer hora, em qualquer lugar, na sala ou no jardim, lá estava ele às voltas com aquela sombra a brincar de esconder. De manhã, ao acordar, de noite, ao pôr-se na cama, aquela assombração a lhe pôr grilos à cabeça!

Colega de repartição, animou-se a contar-me o que estava acontecendo com ele. Convidei-o a comparecer à nossa reunião. Quando ele chegou, apresentei-o ao grupo, mas, como de costume, nada falei sobre o seu problema.

Mal começada a reunião, Dona Antônia, uma das médiuns videntes que trabalhava conosco, descreve o drama do Darci, tal qual ele me contara antes! E identifica a causa. Tratava-se de um ex-companheiro de trabalho dele, no Rio de Janeiro, alto, gordo, que costumava usar a camisa desabotoada, pondo o peito à mostra, e que, já desencarnado, vinha se apresentar ao velho amigo!

Conversamos com o "morto"; demos-lhe a ajuda permitida; ele foi recolhido por assistentes espirituais, e o problema ficou "provisoriamente" resolvido. Provisoriamente, dizemos nós, porque o fato sugere uma mediunidade que precisa ser trabalhada, para que o sensitivo aprenda a se defender de certas companhias indesejadas.

Meses depois, Darci, remexendo papéis antigos, depara-se com uma dessas fotografias de fim de ano, dos companheiros de trabalho, estando no grupo o colega falecido. Pedi-lhe a foto emprestada e levei-a à reunião.

Eu costumava ficar à porta, aguardando os companheiros para saudá-los um a um. Quando Dona Antônia chegou, mostrei-lhe a foto e perguntei se ela conhecia alguém que estivesse naquela foto. Ela não titubeou. Com o dedo apontando as figuras, identificou de pronto: - Este (apontando para o Darci) é o seu colega que esteve aqui, há alguns meses, e este (apontou um jovem gordo, camisa aberta o peito) é o Espírito que o perturbava e que nós conseguimos encaminhar para o bem.

Casos como esse, do Darci, são muito comuns. Temos lidado com dezenas deles, ao longo do tempo em que vimos trabalhando nessa área da Doutrina.

Um caso raro de mediunidade natural

– Pode deixar, mamãe, eu a levo pra você – disse, tranquilo, o Zé Nascimento à sua mãe. – A senhora sabe – continuou ele – eu não acredito nessas coisas, mas se a senhora quer... pode deixar, eu vou lá.

A mãe estava vivendo momentos terríveis. Sua filha caçula ficara mal da cabeça. Tratava-se de insidiosa perseguição espiritual, fortes ligações a um passado de compromissos muito dolorosos. Procurara em vão os recursos da medicina. A menina, cada dia pior! Alguém a aconselhara a procurar um centro espírita. Os espíritas, diziam, lidam bem com essas coisas. Ela queria ir, mas não podia. Como justificar perante suas amigas e companheiras de irmandade semelhante atitude? E o padre, o que iria dizer? A menina piorando; o quadro, cada dia, mais grave.

José do Nascimento era marxista militante. Fazia palestras, promovia encontros, organizava células, arregimentava jovens que doutrinava com sua palavra fluente, brilhante. Materialista e ateu, não acreditava em nada daquilo, mas vendo a angústia da mãe, resolveu ajudá-la. Faria por ela o que ela queria fazer, mas não podia, porque o preconceito não deixava!

Naquela época não era fácil um gesto desses não! Hoje, hoje não. São outros tempos. Ficou até chique a pessoa se dizer espírita. Há um halo de admiração e respeito envolvendo os que se dizem espíritas! E há enorme credibilidade das casas espíritas perante a comunidade. Mas não era assim não, naquele tempo.

Lá vai o Zé Nascimento, com toda a generosidade de seu coração e com toda a humildade que Deus lhe deu, procurar o José Lacerda, presidente do Centro Espírita Paz, Luz e Amor, da cidade de Cataguases, onde residia. Relatado o fato, foi convidado a participar da reunião que se realizaria, à noite, naquele centro.

Iniciada a sessão, começa o Zé a ver entrar Espíritos por todos os lados. Pelas janelas, pelas paredes, pelo teto... uma verdadeira invasão de Espíritos. E via de olhos abertos! Alguns ele conhecera em vida, como o Jota Lacerda, o Dr. Chico Reis, o Capitão Isaltino. Outros, não. Eram pessoas que jamais vira, quando encarnadas. Aí ele começou a descrever o que via. O que via e o que ouvia. E dava recados. E transmitia informações. E renovava conselhos. Em resumo: orientou o grupo, e analisou o quadro obsessivo da irmã!

Um fato extraordinário! Incomum! Raríssimo!

Não é necessário dizer que, naquela mesma noite, começou a devorar tudo o que havia à mão da literatura sobre Espiritismo e mediunidade. Em pouco tempo, tornou-se um dos mais valerosos trabalhadores da doutrina na bela cidade de Cataguases.

Preocupado com o que passara aos jovens, quando de sua pregação marxista, procurou um a um, grupo a grupo, pessoa a pessoa, para relatar-lhes o que havia acontecido com ele e o novo rumo que procuraria dar à sua vida, a partir daquela noite memorável!

Perda material e saúde

Cá estou eu falando, outra vez, de meu amigo José. É que a vida desse moço é tão rica de fatos interessantes que não consigo segurar a vontade de contar. De repente eu morro e aí, ó, lá se vão os exemplos que eu pude colher desse jovem senhor que trocou Piracicaba, sua terra natal, por Garça, ambas no interior de São Paulo, para desenvolver sua vida.

Morávamos, ele e eu, ambos solteiros, no fim de uma bela avenida que começava na Praça do Cine Central. Era um quilômetro, mais ou menos, de caminhada que a gente fazia trocando ideias, recordando fatos, analisando a vida, todas as vezes que nos dispúnhamos a ir ao cinema.

Pois bem, um belo dia, nem tão belo assim, chegando ao cinema, ao levar a mão ao bolso de trás, para tirar o dinheiro com que pagar os ingressos, um susto!

– Ih! Arthur, perdi a carteira! Deve ter sido quando eu tirei o lenço, sei lá!

Fiquei "arrebentado" como costuma dizer meu caseiro Bernardo! Era dinheiro demais! Dez contos de réis! Isso em 1953, cinquenta e tantos anos atrás! Eu ganhava dois contos por mês! Cinco vezes o meu salário!

Demos meia-volta e voltamos pra casa, pelo mesmo caminho, procurando, ele e eu, em cada esquina, em cada passo, em cada sarjeta, o dinheiro perdido. Nada! Chegamos em casa, procuramos lá dentro, e nada! Definitivamente nada! Eu estava arrasado; comecei a lamentar. Por ele, por nós, pelo mundo! E resmungava e reclamava e sofria... Não era para menos. Dez contos de réis!

Foi quando o Zé me olhou, calmo e sereno, e me deu a grande lição de que me tenho valido muito até hoje.

– Arthur, eu já esqueci. Fiz o que tinha que fazer. Voltei, procurando reaver o que, por meu descuido, eu perdi. Não consegui. Fato consumado; o prejuízo está feito. Não permitamos, no entanto, que ele se transforme num prejuízo maior: o desequilíbrio da mente, instalando mágoa indevida na intimidade do ser, comprometendo seriamente a nossa saúde.

Fim de papo. Nunca mais voltamos a falar nesse assunto.

Como me tem valido na vida esse exemplo do Zé! Possa ele servir também a quem o quiser seguir.

Limitação de filhos

Um assunto que, talvez, a gente precise debater mais, em nossos seminários espíritas, é o que trata da limitação de filhos e, obviamente, como consequência da limitação, o uso de preservativos vários com inevitáveis consequências para a saúde dos que deles se servem.

A matéria é polêmica até mesmo entre os espíritas. E penso que não deveria ser. A doutrina espírita já firmou sua posição. Não somente na obra principal – *O Livro dos Espíritos* –, como nas obras mediúnicas que complementam o pensamento básico dos Espíritos, exposto por Kardec.

É princípio doutrinário a afirmação de que o acaso não existe; logo a vinda de um filho não é obra de acaso. É sim cumprimento de compromisso assumido antes de nosso mergulho na matéria. Foi na condição de Espírito em preparo de encarnação que assumimos o compromisso de, no momento certo, acolhermos os filhos programados para, juntos, darmos um passo a mais na nossa caminhada evolutiva. Decidimos isso, antes, quando tínhamos visão mais clara da vida, com vistas às nossas necessidades principais na nossa existência próxima.

Eis senão quando, aqui chegados, decidimos adiar o compromisso. Seja para aproveitar melhor a nossa vida social, seja por julgar que a vida está muito difícil, como se não tivéssemos por antecedência conhecimento das dificuldades que naturalmente iríamos encontrar nessa nova experiência. Algumas vezes alegamos dificuldades financeiras esquecidos de que o problema dos filhos é muito mais de Deus que os criou do que daqueles que, provisoriamente, assumem sua condição de pais terrenos.

Alega-se que o uso de preservativos apoia-se no direito ao livre-arbítrio, mas livre-arbítrio houve, também, antes, no mundo espiritual quando aceitamos a programação estabelecida para nossa existência terrena e exatamente quando tínhamos muito melhores condições de decidir.

É natural que os governos materialistas e ateus desfraldem a bandeira da limitação dos filhos e, mais grave, lutem para que se aprove a lei que autoriza o aborto. Eles desconhecem os princípios em que acreditamos. Eles se preocupam apenas com o que o erário irá gastar para o atendimento dos que nascem, em termos de saúde, segurança e educação. Não entendem, nem querem entender a programação divina que usa a encarnação como meio essencial para crescimento do ser humano e aperfeiçoamento do planeta em que vivemos.

Kardec preocupou-se com o assunto e à sua indagação sobre as leis e os costumes humanos que têm por fim ou por efeito criar obstáculos à reprodução, obteve a clara resposta dos mentores que o ajudaram na codificação do Espiritismo: "Tudo o que embaraça a Natureza em sua marcha é contrária às leis da Natureza."⁽¹⁾

André Luiz, por sua vez, abordando a matéria, não deixa qualquer dúvida. Sobre os "casais que evitam filhos, mesmo os casais dignos e respeitáveis, sob todos os pontos de vista, que sistematizam o uso dos anticoncepcionais" ele é taxativo:

"Se não descambam para a delinquência do aborto, na maioria das vezes, são trabalhadores desprevenidos que preferem poupar o suor, na fome de reconforto imediatista. Infelizmente, para eles, porém, apenas adiam realizações sublimes, às quais deverão fatalmente voltar, porque há tarefas e lutas em família que representam o preço inevitável de nossa regeneração. Desfrutam a existência, procurando inutilmente enganar a si mesmos, no entanto, o tempo espera-os, inexorável, dando-lhes a conhecer que a redenção nos pede esforço máximo. Recusando acolhimento a novos filhinhos, quase sempre programados para eles antes da reencarnação, emaranham-se nas futilidades e preconceitos das experiências de subnível para acordarem, depois do túmulo, sentindo frio no coração."⁽²⁾

⁽¹⁾O Livro dos Espíritos, questão 693.

⁽²⁾Ação e Reação, cap. 15, página 210.

Subjugação após a morte

Abel tomou a palavra e foi logo avisando: – O trabalho de hoje será em benefício da Fundação.

Eu tinha acabado de fazer a prece, quando o recado chegou. A médium era Laura Pacheco.

Esse Abel é Abel Gomes, o introdutor do Espiritismo na cidade em que nasci, e hoje, no plano espiritual, com importante tarefa ligada ao desenvolvimento da doutrina espírita, na zona da mata mineira. A Fundação é a Fundação Espírita Abel Gomes, que recolhe meninas desamparadas, de zero a cinco anos de idade, na cidade de Astolfo Dutra, a 110 km de Juiz de Fora.

Desde sua criação, em 1942, tem sido a Fundação assediada por insidiosos inimigos desencarnados. Parte desses obsessores são inimigos da Doutrina, que não toleram ver uma instituição dita espírita prestando tais serviços à comunidade, e parte são Espíritos vinculados às meninas abrigadas por erros cometidos no passado e que vêm cobrar o que acham que elas lhes devem, numa sede insaciável de vingança.

A sessão começou e os Espíritos foram chegando e conversando conosco. Alguns aceitando, com facilidade, o auxílio oferecido; outros, rebeldes, ficando para depois, quando estivessem em melhores condições de entender.

Um deles, no entanto, despertou-me atenção especial. Não sei por quê. Um sinal forte cá dentro do coração. Quis saber quem era. Seu nome, endereço, CPF. Não deu. Insisti. Não quis dar. Aí, dona Yolanda, uma das médiuns do grupo, começou a descrever:

– É um mulato forte, leve entrada na fronte denunciando calvície a se instalar; suavemente obeso, residia na Rua de Cima, a uns duzentos metros da Fundação, trabalhava com açougue, e se chamava...

Quando Dona Yolanda ia pronunciar seu nome, não podendo mais esconder a identidade, disse ao mesmo tempo que ela:

– Sebastião de Sousa!

Tinha sido meu amigo! Companheiro de mocidade. Pai de alunos meus a quem sempre quis muito bem! Aí, desabafei: – Mas você, meu caro! Amigo nosso! Conhecedor das dificuldades de nossa instituição. Vizinho das meninas! Que é isso, rapaz?!

– Ah! Arthur – falou, envergonhado e em prantos. Desde meu desencarne que não sou dono de mim mesmo. Fui dominado por um grupo de demônios que fizeram de mim o que quiseram e que me tornaram, sem que eu pudesse reagir, instrumento de perseguição às meninas. São inimigos da Casa e da Doutrina, liderados por um ex-sacerdote, Padre Sérgio, que empregam suas energias, diuturnamente, nas tarefas do mal! Não tive como me livrar. Espero que Deus me liberte desse sofrimento!

Vivenciamos, ali e naquele momento, experiência semelhante àquela vivida por André Luiz, quando da desencarnação de Fernando, narrada por ele em seu livro Os Mensageiros. Espíritos maus, impacientes, aguardavam a desencarnação do desafeto para subjugar-lo e submetê-lo a todo tipo de humilhações.

Sáímos todos pensando: Como é importante a gente viver bem para que isso não venha a acontecer conosco.

José Stipp, espírita

Era a quarta ou a quinta vez que o Zé era chamado às pressas a Piracicaba! Sua irmã, uma menina de quatorze anos, tivera outra crise e era preciso estar lá para ajudar a mãe. A crise da irmãzinha do Zé tinha sinais de obsessão, e das obsessões muito sérias. Rasgava a roupa, saía nua pelas ruas, agredia todo mundo, uma pena!

Ele – já me dissera isso, algumas vezes – não acreditava em Deus, nem em espírito. Mas acreditava nos amigos! Muito bem educado e muito sincero e, sempre de boa-fé, era incapaz de mentir. E, por isso mesmo, acreditava, com facilidade, em tudo o que os amigos dissessem. Era do seu espírito essa credulidade. Para ele, era impossível que as pessoas mentissem.!

Foi por isso que eu me animei a dizer-lhe: – Olhe, Zé, sei que você não acredita, mas o que vou lhe dizer é a mais pura verdade. Sua irmã precisa urgentemente de assistência espiritual. A doença dela é obsessão, mas se não se cuidar, pode virar loucura! Conte-lhe casos de obsidiados que tinham passado lá por casa, em Astolfo Dutra, para serem tratados por minha mãe, e no fim, perguntei: – Você conhece algum espírita em Piracicaba?

Conhecia. Conhecia o Dr. Paulo, médico e espírita, e presidente de um centro espírita que ficava perto de sua casa em Piracicaba.

Lá foi o Zé para Piracicaba. Da rodoviária, rumou direto para o consultório do Dr. Paulo e de lá, com ele, para a sua casa. A mãe, zeladora da igreja, católica fervorosa, não podia nem ouvir falar em Espiritismo. Mas quem estava chegando lá para ver sua filha era um médico. Ali, mais espírita do que médico, mas ela não sabia.

Num instante, a menina acalmou. Prece, passe, água fluidificada na hora, e os sintomas desapareceram como por encanto! Dr. Paulo chamou o Zé a um canto e lhe explicou o que estava acontecendo com a irmã. Tratava-se de doloroso processo obsessivo, de difícil reversão, mas que ele iria cuidar pessoalmente do caso, nas sessões mediúnicas que ele dirigia.

José Stipp pediu para participar dos trabalhos. Tanta bondade e vibração viu nele nosso caro doutor que o admitiu como assistente.

Foram quarenta dias de luta! Ao final, a menina estava completamente restabelecida e o Zé completamente espírita! Mais espírita do que eu! Incorporou-se a todos os movimentos na cidade e se deu integralmente à luta pelo Bem!

Foi aí que ele quis, porque quis, que nós dois curássemos o Mazzaropi. Tá lembrado do caso?

Américo, um bom médium de Umbanda

Nós fizemos amizade porque estivemos juntos mais de vinte anos. Ele, com a sua banca de sapateiro; eu, com a minha de delegado da Receita Federal, ambos na parte baixa da Rua Espírito Santo, em Juiz de Fora. Fazíamos a hora do almoço, conversando. Um dia ele me convidou para assistir a uma sessão na Tenda do Pai Tobias, condenada a desaparecer, porque o terreno onde estava localizada já havia sido desapropriado, para, por ele, passar uma nova avenida.

Eu fui. Estava interessado em conhecer um pouco mais da Umbanda e queria ver se alguma coisa havia mudado nos últimos trinta anos. Eu já tivera algum contato com terreiros de Umbanda, na década de cinquenta, comparecendo a alguns trabalhos para fazer palestra que ninguém queria ouvir.

Américo é um médium natural, setenta anos, sem qualquer conhecimento, sem leitura nenhuma. Mas um médium com bom potencial no campo da cura. Um dia eu aconselhei:

– É preciso estudar, Sr. Américo. O senhor e sua companheirada.

– Precisa, não, doutor! (Ele só me chamava de doutor!) A gente fica sem saber, quando o médium está recebendo, se o que ele fala é do Espírito ou da leitura – justificava ele.

Um dia me procurou querendo ajuda para construir o seu centro.

– “Tenda!” – disse-lhe eu.

– Não; é centro mesmo, doutor: Centro Espírita Joana d’Arc! – falou ele com convicção.

Fiz de tudo para tirar do nome a palavra “espírita” e para trocar “centro” por “tenda”. Não houve jeito! Já havia estatuto registrado, CGC etc.

– E por que Joana d’Arc? – provoquei.

– O doutor não sabe? Joana d’Arc foi a maior feiticeira que já houve no mundo. A Igreja queimou ela e depois fez ela santa! – esclareceu.

– Tá bem – disse-lhe eu. Eu vou ajudar você, mas tem uma condição: sua tenda, seu terreiro, seu centro, como você está dizendo, será exclusivamente de Umbanda. Nada de Quimbanda!

Ele não queria concordar, dizendo que a Umbanda sem a Quimbanda fica fraca, perde a força. Eu o convenci de que o mal não dá força a ninguém; que já tem tanta gente fazendo o mal em tantas atividades; que a única coisa realmente boa na vida é o bem que a gente faz etc. etc. etc.

Pusemos a mão na obra. Não foi difícil construir o primeiro centro. As pessoas a quem pedíamos tinham medo que algo de ruim acontecesse a elas ou a seus familiares, se por acaso não ajudassem. Aquela ajuda parecia-lhes um pacto, a compra de uma vida futura tranquila e feliz!

Num instante, o centro ficou pronto. Mas nem chegamos a inaugurar. Veio uma chuva, mas uma chuva, um pé d’água que o barranco desceu e engoliu nosso centro! Quebrou tudo! Não sobrou nada!

Eu não estava em Juiz de Fora quando isso aconteceu. Só vim a saber, dias depois, quando, retornando ao trabalho, Sr. Américo, com cara de choro, desanimado, me falou:

– Doutor, não te conto nada! Nosso centro acabou!

Meu amigo era só desolação!....

– Nosso, vírgula – brinquei eu. Seu. Ou melhor sua! Sua tenda. Eu não lhe falei para não chamar aquilo de centro? Centro é para casas espíritas. Espiritismo de mesa. De Kardec. Que é o único Espiritismo de verdade! O resto é imitação. Pode até parecer, mas não é! Umbanda não é Espiritismo! É mediunismo; é manifestação mediúnica; conversa com Espíritos desencarnados. Algumas tendas até muito bem intencionadas, mas nada de Espiritismo!

– Desisti, doutor! Nem centro, nem tenda, nem nada! Nunca mais! – era o desabafo de quem parecia estar vendo a vida chegar ao fim.

Aí eu brinquei com ele:

– Que é isso, rapaz. (Um rapaz de setenta anos!) Você não conhece o provérbio que diz que cesteiro que faz um cesto, faz um cento? Esse provérbio é irmão de outro que nos toca bem de perto: “centreiro” que faz um centro, faz dois, faz cem, faz mil. Vamos lá, cadê a lista?

Pegamos uma folha de papel e colocamos no cabeçalho: “Nosso Centro acabou. Nem chegamos a inaugurar! Uma chuva danada tomou-o de nós! Você que nos ajudou a construir o primeiro, poderia ajudar-nos a construir o segundo?” Seus olhos se iluminaram. E saímos à luta: à procura de amigos.

A construção do segundo centro foi mais fácil do que a do primeiro. Afinal, a gente já tinha alguma prática...

Tive que ir à inauguração. Ele dizia que eu era uma coluna do centro. Se eu não fosse o centro ficava capenga! Depois lhe falei com franqueza: Olha, Sr. Américo. Minha missão terminou aqui. Não vou frequentar sua Tenda. O senhor sabe, eu sou espírita. Ele, rápido: – Também sou! – Não! O senhor é um bom médium; bem intencionado; tem ajudado muita gente, mas o senhor não é espírita. Não há por que eu frequentar a sua Tenda. Somos amigos, continuaremos amigos, quero o seu progresso material e espiritual, mas nossos campos de trabalho não têm pontos comuns.

Mesmo assim, durante muitos anos, tive que comparecer ao Centro do Senhor Américo, nos dias 27 de setembro, para distribuir às crianças os primeiros pacotes de doces, na homenagem que os umbandistas, todos os anos, prestam a Cosme e Damião.

Américo é católico. Não perde uma missa. Batiza os filhos, casa-os na Igreja, acompanha procissões e recebe seus pretos-velhos nas noites de sextas-feiras. É um homem bom. Educado, prestativo, sempre alegre, quando está a serviço dos outros. Muitas vezes tenho encaminhado a ele médiuns que não se adaptam à disciplina espírita. Cumpriu o que prometeu. Em sua Tenda, Umbanda pura. Sempre voltado para o bem, no serviço de atendimento aos sofredores que o buscam.

Longa caminhada

Não fosse a coragem de Abel Gomes, postando-se na porta de entrada do Centro Espírita Luz e Verdade, quando um maluco ameaçava entrar no Centro conduzindo um caminhão, talvez a semente por ele lançada não tivesse produzido os frutos que veio a produzir.

Abel tomara conhecimento do Espiritismo através da embaixada da França, na antiga capital da República. Professor de francês sem nunca ter passado por qualquer banco de escola, mantinha contatos frequentes com a dita embaixada de quem recebera, por gentileza, um exemplar de *O Livro dos Espíritos*.

Não preciso dizer que esse livro caiu como uma luva na mão de quem já o conhecia, missionário que era da mensagem nova que abria para a humanidade um caminho novo na difícil jornada da evolução.

Abel ensinava música, tendo inclusive dado formação a grande número das senhoras que constituíam o coral responsável pelas reuniões religiosas da antiga Igreja de Santo Antônio, padroeiro da cidade.

Escrevia discursos para os políticos nas festas de fim de ano. Orientava as professoras nas dúvidas que o vernáculo está sempre a levantar.

Ensinava a profissão de alfaiate, em que ele era exímio profissional, tendo deixado muitos jovens ganharem a vida nessa profissão até a aposentadoria.

Entendia de fotografia e, nas horas vagas, quando necessário, também se fazia presente para registrar as alegrias das famílias.

Perito contador, era responsável pela escrituração de várias empresas, profissão que lhe rendia o ganho necessário para a sobrevivência.

Tão importante essa figura notável, que o executivo municipal resolveu homenageá-lo depois de sua morte com o nome de uma das principais ruas de Astolfo Dutra.

Pois bem: orientado pelo vigário local, um grupo de fanáticos, na calada da noite, arrancou a placa indicativa do nome da rua e pressionou o prefeito a que mudasse o nome da dita rua. Pois bem, caiu o nome da rua, mas, em compensação, levantou-se a mais importante obra do município de Astolfo Dutra em todos os tempos: a Fundação Espírita Abel Gomes, destinada a recolher meninas abandonadas para transformá-las em cidadãs produtivas e úteis à sociedade brasileira.

Hoje, a pequena cidade de Astolfo Dutra é a mais espírita de todas as cidades brasileiras. E Abel, lá do alto, sorri, satisfeito, diante do grande resultado de sua vida.

Leis de amor

Alguns companheiros de São Paulo desembarcaram em Uberaba com 125 perguntas, para que Emmanuel, orientador espiritual do Chico, através do médium, lhes desse resposta.

É um pequeno grande livro! Apenas 66 páginas de grande utilidade para todos nós. Fisicamente, são 78 páginas, porque 12 são os questionários já publicados anexos às respostas, talvez para que ele pudesse ser considerado “livro”.⁽¹⁾

De que trata o pequeno-grande livro?

Trata das grandes dores humanas. São oito capítulos, além do prefácio, que cuidam, cada um, de um aspecto ou de uma forma do sofrimento humano.

1. O primeiro capítulo trata da influência da vida material ou espiritual nas doenças que tanto amarguram as pessoas e suas respectivas famílias, e nos pequenos defeitos, reais ou imaginários, que aparecem na estrutura ou composição de nosso corpo.

Vocês sabem como, na maioria, somos insatisfeitos com o nosso corpo. (As mulheres, mais que os homens; mas também os homens.)

Por exemplo: as mulheres, em sua maioria, não estão satisfeitas com os lábios que Deus lhes deu e, através do batom, querem corrigir a obra, dando-lhes mais cor e tornando-os mais atraentes. As orelhas precisam ser melhoradas pendurando nelas alguns brincos. O rosto precisa ter melhor cor e lhes põem um ruge ou um blush. As pálpebras precisam ser sombreadas para realçarem a expressão dos olhos. E as unhas precisam também se tornar mais expressivas com os mais variados tipos de esmalte. Com referência à altura, a insatisfação é quase geral, determinando a invenção dos saltos altos, que dão uma leve e ilusória impressão de que são mais altas do que efetivamente são. Outras, insatisfeitas com o que a vida lhes proporcionou, costumam acrescentar alguns gramas de silicone, para melhorar o perfil.

Aliás, não são só as mulheres. Vou contar um caso dos muitos de que fui testemunha na vida do meu grande amigo José Stipp.

José Stipp era um cidadão notável que conheci em Garça, interior do estado de São Paulo, quando por lá passei o ano de 1953, sessenta anos atrás. Era um paulistano fantástico. Ateu e materialista. Não era bem ateu. Não se preocupava com a ideia de Deus. Era mais agnóstico do que ateu. Mas muito verdadeiro. Sempre. Nunca mentia. E era também de uma pureza e ingenuidade que hoje não se veem mais nas pessoas. Como não mentia, acreditava que todas as pessoas também não mentissem. Já contei algumas histórias sobre ele no jornal “O Ideal”.

O Zé me parecia um homem alto, forte de corpo, e extremamente simpático. Mas um dia...

Nós dividíamos o aluguel de uma casa em Garça. Nessa casa, como em muitas outras, naquela importante cidade do estado de São Paulo, não havia nem privada, nem banheiro. A privada, quando precisávamos usá-la, tínhamos que ir à casa do vizinho (dono do imóvel onde morávamos). Mas na casa dele também não havia privada. O que havia para essas necessidades era uma fossa, no fundo do quintal, cercada com paredes de bambu, de tal modo que quem estava fora via quase tudo de quem estava lá dentro. A gente tinha que ir lá passando por um portãozinho na cerca que separava o nosso quintal do quintal dele. Uma situação extremamente constrangedora.

E não tinha também banheiro. Nem cômodo para banho. Havia no teto da cozinha um gancho em que pendurávamos um balde com a água que a gente costumava esquentar e que tinha um bico, tipo ralo, por onde, aberta a torneirinha, caía a água sobre nosso corpo para as dificuldades do banho.

E quando um se banhava o outro ficava fazendo outras coisas, enquanto aguardava o momento de enxugar a cozinha com um saco de chão para que tudo voltasse ao normal. Um dia, ao encontrar o Zé, saindo do banho, descalço, com uma toalha à guisa de saia, levei um susto! Aquele homem, que me parecia tão alto, e que, perto dele, eu me sentia um anão, era quase do meu tamanho!

– Que é isso, Zé? Você encolheu?

Ele, então, me contou o segredo. Naquele tempo havia sapateiros com muita arte e talento que faziam sapatos por encomenda e que, mais tarde, a indústria veio a imitar. (Meu tio Geraldo era um desses artistas. O sapato que ele fazia rivalizava com os melhores sapatos que a indústria calçadista brasileira veio a produzir!) Mas o Zé mandara fazer para ele um sapato com o solado todo muito alto, a que se acrescentava também um salto bem alto. E por dentro do sapato, na parte em que se apoia o calcanhar, havia uma espécie de cunha, de modo que tudo aquilo o tornava mais alto pelo menos uns quinze a vinte centímetros. Descalço, perdia aquela altura toda e voltava a ser um homem comum. Quer dizer, mal comparando, ele, homem, usava uma estratégia que imitava os grandes saltos de que se servem algumas modelos.

Outros exemplos: pessoas que nascem idiotas ou cegas ou surdo-mudas, ou sem mãos, sem pés, sem braços, coxos etc. etc.

Eu não vou contar o livro todo. Vou lhes oferecer apenas um trailer. Os mais novos talvez não saibam. Mas trailer é uma palavra inglesa que serve para despertar o interesse das pessoas sobre determinado filme ou novela. São cenas escolhidas de um ou de outra para despertar o interesse das pessoas por aquele filme ou aquela novela.

Pois bem: é o que eu vou fazer. Não vou contar o fim da história, sempre desagradável quando a gente quer ver um filme, uma novela, ou ler um livro.

2. O segundo capítulo trata dos dramas familiares: cônjuges infiéis, filhos problemas; filhas desorientadas; dificuldades de relacionamento; irmãos que se odeiam; filhos que não gostam do pai; filhas que não gostam da mãe; pais arbitrários; antipatias entre os parentes; dificuldades financeiras etc. etc. etc.

Não é segredo para ninguém que os problemas mais difíceis de resolver são os problemas relacionados com a nossa família. Não é por outra razão que os Espíritos nos dizem que no casamento estão as provas mais difíceis de suportar.

André Luiz nos fala que na imensa maioria dos nossos casamentos são casamentos provacionais. Por isso, tanta amargura, tanta decepção, tanta infidelidade, tantos problemas. Filhos que se desviam da estrada e seguem o caminho do vício, do roubo, do furto, da droga, da corrupção, da inconsequência, enfim, nas suas múltiplas variações.

Dificuldades de se aceitarem noras e sogras, primos e cunhados, enfim, da parentela toda, como o grande desafio da longa caminhada.

Certo é que, sempre, os responsáveis por essas dificuldades somos nós mesmos.

3. O terceiro capítulo examina os sofrimentos gerados pela escolha do meio social em que vamos executar as nossas tarefas e a profissão a que vamos nos dedicar para o ganho do nosso sustento.

Sabe-se com que dificuldade lutam as pessoas por estarem entre nós. Economicamente se compõe a sociedade de vários segmentos classificados com a utilização do alfabeto, A, B, C, D, E. A classe A é dos que estão bem servidos pelas facilidades financeiras e, às vezes, culturais: os chamados ricos. A classe B é a que tem boa situação financeira, mas que, superando a classe C, ainda não pode ser incluída entre os componentes da classe A. A classe C é a grande classe dos assalariados e pequenos comerciantes que vivem com as dificuldades de quem não dispõe dos recursos das classes superiores, mas que querem ter uma vida como a que têm as pessoas que compõem aquelas classes. Abaixo da classe C, as classes D e E, constituídas por pessoas que vivem um pouco acima da área da pobreza ou da miséria. O posicionamento faz sempre sofrer as pessoas, de acordo com o nível de orgulho e humildade de cada um. O novo rico sofre por não ser aceito no “grand monde” da sociedade porque, embora tenha dinheiro, falta-lhe a finura que só a boa educação dá às pessoas. Os integrantes da classe C são os que mais sofrem porque não se conformam com a escola pública e com a assistência do instrumento público responsável pela saúde, oferecido pelo governo (o SUS), e gastam o pouco que ganham com escolas particulares e planos de saúde.

4. O quarto capítulo aborda os dramas lamentáveis do divórcio, do suicídio e do aborto.

Sabemos, por informação dos Espíritos e pelos próprios suicidas, quanto sofrem as pessoas que interrompem o curso da vida, recorrendo ao suicídio.

Camilo Castelo Branco diz que o sofrimento por que passa o suicida, no plano espiritual, é inimaginável, indescritível.

E sofrem também, e sofrem muito, os familiares, os amigos e os dependentes de quem elimina a própria vida. Podemos afirmar que esse é o maior erro que pode cometer a criatura humana.

O divórcio é outro caminho para a separação dos cônjuges que já não mais conseguem viver juntos. O Espiritismo, ao contrário de outras escolas cristãs, não condena a separação, mas não a recomenda, porque, como afirmam os Espíritos superiores, “divórcio não é solução; é adiamento do problema”. Sofrem os cônjuges, mas mais sofrem os filhos que responsabilidade nenhuma têm para com o desenlace. O aborto, vocês sabem, é o mais covarde de todos os crimes que a criatura humana pode cometer. Impedir o nascimento de quem quer que seja, além de crime injustificável, é lamentável desrespeito a Deus, o grande e único criador da vida.

5. O quinto capítulo aborda um dos mais terríveis sofrimentos das famílias e das pessoas. A obsessão, hoje, nas múltiplas formas de se apresentar, constitui um verdadeiro flagelo para a vida humana. É um mal que não respeita ninguém. Atinge o rico e o pobre, o velho e a criança, o homem culto e o iletrado. Doença sem preconceito, é um dos maiores problemas vivenciados pela humanidade inteira.

6. O sexto capítulo trata das consequências do nosso passado e sobre os quais a doutrina espírita discorre com a maior lógica e o melhor esclarecimento.

7. O sétimo e oitavo capítulos examinam o tratamento das obsessões na visão do Espiritismo e a redenção definitiva de nossos erros e vacilações.

Não deixem de ter à mão esse livrinho notável!⁽²⁾

⁽¹⁾ Obra publicada pela primeira vez em 1963.

⁽²⁾ O livro em foco faz parte da Biblioteca Virtual da revista **O Consolador**. Eis o link que permite acessar e baixar a obra:

http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/chicoxavier/chico71a80.html#LEIS_DE_AMOR

Algumas ideias

Começamos, outro dia, em nossa casa Espírita, Guarani, MG, um programa de estudo que eu chamei de “Consolidação do conhecimento de conceitos doutrinários”.

Nós somos espíritas porque acreditamos em certos princípios que os Espíritos nos ditaram. Precisamos, pois, conhecer esses princípios. São conceitos que formam o conjunto doutrinário. Nossa doutrina tem conceitos plenamente definidos. Nós precisamos conhecê-los para divulgá-los às pessoas que amamos.

Meu pai dizia: - “Todos os pais querem o melhor para seus filhos. A melhor roupa, a melhor escola, o melhor emprego, a melhor esposa, enfim, tudo que é importante na vida de todos nós”. E perguntava: - “Existe coisa mais importante do que a doutrina espírita? Por que não a passar, então, para nossos filhos?”

Mas aí eu pergunto: - Como passar para eles aquilo que não conhecemos bem ou, pior, que conhecemos mal?

Essa, a nossa preocupação. Estudamos na primeira reunião o significado de “livre-arbítrio”. Ficou alguém com alguma dúvida? Parece que não. Pelo menos ninguém se manifestou.

Hoje – dizíamos nós, na reunião seguinte, vamos estudar a morte, essa coisa terrível que apavora as pessoas. Por que as pessoas se assustam tanto e sofrem também tanto? Porque não a conhecem.

A morte está inserida em uma das leis naturais ou divinas, a lei de destruição. É lei. Todos os seres vivos morrem. Nascem, vivem, reproduzem-se e morrem. Ninguém escapa. É da lei... Todo mundo sabe. Mas ninguém quer morrer. Por quê? Porque a vida é boa? Porque a vida na Terra nos torna felizes? Porque aqui não há miséria, fome, traição, violência, desigualdade, corrupção? Por quê? Porque Deus ao nos dar a vida deu-nos também um poderoso instinto: o instinto de sobrevivência. Todos os seres vivos possuem esse instinto. Nenhum ser vivo quer morrer.

Nós vivemos num mundo constituído por duas espécies de seres: seres vivos ou orgânicos e seres sem vida ou seres inorgânicos.

Os seres vivos são chamados seres orgânicos porque todos eles dispõem de órgãos responsáveis pela manutenção da vida. A vida é mantida por uma energia renovável que definimos como “fluido vital”. A palavra fluido era usada até o século dezenove como definição de uma energia que não se conhecia bem. O calor era definido como fluido calórico; a energia elétrica, como fluido elétrico, o magnetismo como fluido magnético. Porque Kardec o usou nós o utilizamos ainda com esse significado. Daí, água fluidificada, passe fluídico ou magnético, energia espiritual ou fluidos espirituais etc. E lembre-se: a palavra é fluido e não fluído. Acento é no “u” e não no “i”.

Pois bem, os órgãos mantêm e renovam o fluido vital, essa energia que mantém a vida. Quando esses órgãos perdem a capacidade de funcionar, a vida perde energia ou desaparece. É a morte. Mas os seres vivos não são apenas “fluido vital” e “corpo material”. Há em todos os seres vivos um princípio, uma força, uma energia que a morte não elimina. Porque esse princípio não depende desse fluido que os órgãos produzem.

Por isso eles não morrem quando os órgãos materiais perdem sua função. É o princípio espiritual que sai de um corpo que morre para animar outro corpo que desabrocha.

Quando nascemos, todos nós trazemos um projeto de vida, uma tarefa, uma obrigação e um tempo para executá-los. E, lógico, uma carga inicial de energia vital que se recompõe ou se renova pelo sistema de manutenção da vida. Finda a tarefa, ou não, esgotado o tempo, temos que retornar ao plano de onde viemos. É a morte. Como bem assinala Kardec em *O Livro dos Espíritos*, a morte é simplesmente a volta ao lugar de onde viemos para novas aquisições e preparação para novas tarefas.